FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 26 DE DEZEMBRO DE 1959

ANO 39.º — NÚMERO 13 3007

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Uma revolução como o Mundo jamais viu

exige dos cristãos um esforço

de aprofundamento da fé e da caridade

para responder a todos os problemas novos postos ao homem

— disse o cardeal-patriarca na sua mensagem de Natal

O sr. cardeal-patriarca de Lisboa, como nos anos anteriores, dirigiu aos fiéis uma mensagem de Natal que foi difundida pela rádio e pela televisão, ontem, respectivamente, ás 20 e 21 horas. Eis o texto dessa mensagem:

«O Natal de Jesus significa isto: — Deus tomou a natureza humana para comunicar aos homens a sua natureza divina; S. Tomás de Aquino dirá tranquilamente, para os fazer deuses. Nascimento de Cristo e nascimento do homem — o homem novo, regenerado e libertado, pela graça do Homem-Deus — completam-se, o segundo é fruto do primeiro, e os dois formam o Cristo total. Cristo assume, como seu corpo místico, a humanidade toda (salvo aqueles que rejeitaram a sua incorporação n'Ele). Resume, acaba, explica, salva a história humana. E a palavra que é chave do seu mistério chama-se Amor.

É facto histórico que nasceu com o Cristianismo o sentido do homem na plenitude da sua dignidade. O velho Guizot verá nele, embora se equivoque na explicação, a radical superioridade da civilização europeia. Cristianismo e humanismo (se humanismo quer dizer cultura com a preocupação central do homem real, isto é, de tudo que é humano e ainda daquilo que é divino no homem) são inseparáveis, como da árvore o fruto.

Na ordem dos valores terrestres, o homem tornou-se o valor absoluto, o fim supremo. Toda a política que pretenda o nome de cristã terá de servir, em ultima análise, e em todas as circunstancias, o homem. A condenação da chamada

(Continua na 6.ª página)

Missa de pontifical

na Sé de Lisboa

para celebrar

o nascimento de Jesus

As tradicionais cerimónias do dia de Natal, decorreram em todos os templos da capital, com grande afluência de fiéis. Foi, porém, na Sé Patriarcal, que elas tiveram maior explendor liturgico, com missa de pontifical, celebrada em rito joanino.

Pouco depois das 10 e 30, chegou

(Continua na página seguinte)

O cardeal-patriarca pronunciando a homília na Sé

Os primeiros passageiros do metropolitano: os jornalistas aguardando a paragem da composição para a viagem de demonstração que hoje fizeram

Os primeiros passageiros do metropolitano

foram os representantes da Imprensa

que hoje fizeram o percurso da nova rede de transportes

Lisboa ficou mais pequena a partir de hoje. Utilizando o metropolitano, fomos dos Restauradores a Entre-Campos apenas em oito minutos e regressámos de Sete Rios aos Restauradores exactamente no mesmo tempo. De «eléctrico teríamos perdido cerca de meia hora em qualquer dos trajectos. A partir de quarta-feira, subitamente, a cidade parecerá menor a todos os lisboetas: o metropolitano, que terá sido inaugurado oficialmente no dia anterior, abrirá ao publico. Das 6 horas da manhã á 1 hora da noite, durante dezanove horas consecutivas, circularão composições entre os Restauradores e Sete Rios e Entre-Campos, intervaladas no máximo de cinco minutos. A frequência dos comboios irá aumentando á medida que o publico se for familiarizando com o novo meio de transporte, habituando-se a acelerar as entradas e saídas nas carruagens, assim como a circulação nas escadarias e corredores das estações. Numa primeira fase, os comboios passarão, então, a sair dos Restauradores com intervalos de dois minutos e meio; mais tarde, os intervalos descerão para apenas minuto e meio. Os bilhetes do metropolitano serão de três tarifas, como já foi noticiado: 1$50 em bilhetes isolados; 1$35 em cadernetas de 10 bilhetes; e 1$00 em cadernetas semanais de 12 bilhetes, com validade em qualquer dia util da semana a que respeitam, entre as 6 e as 10 horas, as 12 e as 15 horas e as 17 e as 20 horas e, ainda, na eventualidade de alguns terem ficado por utilizar, no domingo seguinte a qualquer hora. Não se podem considerar baixas estas tarifas; equivalem, para iguais distancias, a cerca do dobro das tarifas que vigoram noutros metropolitanos europeus. Mas o Metropolitano de Lisboa, embora 60.000 contos do seu capital de 64.000 contos sejam da Camara Municipal de Lisboa, é uma sociedade anónima. Assim, as suas tarifas, como hoje nos disse o sr. eng. Mello e Castro, presidente do seu conselho de administração e o grande obreiro deste importante empreendimento, serão tarifas reais, isto é destinadas a cobrir as despesas e a proporcionar lucro, e não tarifas políticas, abaixo do custo da exploração.

Eram 12 e 10 quando partiu dos Restauradores a composição em que ia ser efectuada a primeira visita de Imprensa no nosso metropolitano. Acompanhavam os jornalistas os srs. eng. Mello e Castro; eng. Adriano Vaz Pinto, director dos Serviços Técnicos; dr. Jorge de Portugal, director dos Serviços Administrativos; e eng. José Sidónio

(Continua na página central)

Enquanto a Pérsia cobre de flores e sorrisos pelo casamento do xá com Farah Diba, Soraya, a «princesa triste», desce as colinas nevadas de St. Moritz sobre esquis. O Mundo segue atentamente esta terceira figura de um drama de amor que não parece do nosso tempo

Kruchtchev

aceitou a proposta dos Ocidentais

MOSCOVO, 26. — A resposta ás notas ocidentais que convidam Kruchtchev para uma conferência Leste-Oeste no mais alto nível, em 27 de Abril, foi en-

(Continua na ultima página)

SORAYA E KRUPP

estão no mesmo hote!

ST. MORITZ (Suiça), 26 — Volta a falar-se na possibilidade do casamento da princesa Soraya com o industrial alemão Harald Krupp. Encontram-se os dois alojados no mesmo hotel, e tornou-se publico que o príncipe Orsini, que anunciara a sua intenção de vir passar o Natal a esta cidade, para umas férias de Inverno, decidiu cancelar a visita.

A princesa Soraya alugou o bar da Estalagem de «Chiesa Veglia» para uma festa a que assistirão elementos da sua família e da família Krupp. — (A. N. I.).

Diario de Lisbôa
publica hoje
32
páginas
as quais incluem
MAGAZINE
*
JUVENIL
*
DE UMA SEMANA
PARA A OUTRA

2.ª TIRAGEM

Temporais no Norte:

(PÁGINA 6)

— Sobe o nível do Douro

— Morreram duas mulheres em Ermezinde

Futebol:

(PÁGINA 16)

— Resultados dos desafios de hoje do campeonato de reservas da A. F. L.

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Actualidade de I. P. Pavlov — (2

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

AS experiências de Pavlov foram decisivas para o avanço e progresso da fisiologia e da medicina russas, que colocou ao nível das ciências médicas do Ocidente.

Conseguiram tais experiências de-

Visado pela Comissão de Censura

monstrar que grande numero de reacções dos animais traduzem reflexos adquiridos no decorrer da existência. Tornava-se, pois, possivel — pensava Pavlov — provocar reflexos artificiais.

No vasto campo da fisiologia da alimentação seria necessário suscitar, de uma maneira constante e repetida, um estímulo indiferente que, normalmente, não afecta a sa-

(Continua na 13.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Festas do Natal e do Ano Novo

(Continuação da pag. anterior)

á Sé o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que, depois de se paramentar no seu camarim, orou durante alguns momentos na capela do Santíssimo. A seguir, o eminente purpurado dirigiu-se processionalmente para a capela-mor, abençoando os fiéis presentes.

A frente eram conduzidas as mitras das dioceses sufraganeas e a cruz patriarcal: depois seguiam os meninos do coro, empunhando maceiras de prata, e a Irmandade do Santíssimo, os seminaristas e o clero; por ultimo o sr. cardeal-patriarca, sob o pálio, e os flabelos. Durante o curto trajecto a «Schola Cantorum» do Seminário Maior de Cristo-Rei, nos Olivais, cantou o «Ecce Sacerdos Magnus».

Uma vez na capela-mor, o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira recebeu a obediência do cabido, após o que principiou a «Tertia». Em seguida começou a missa solene de pontifical. O sr. cardeal-patriarca de Lisboa teve como presbítero assistente mons. dr. Avelino Gonçalves; assistentes ao sólio, os rev.os cónegos Filipe Cardoso e dr. Figueiredo Sarmento; diacono de missa rev.o cónego D. João de Castro (Nova Goa) reitor do Seminário do Patriarcado, nos Olivais e subdiácono o rev.o Carlos Alberto. Ao báculo o beneficiado José Maria Rodrigues. Dirigiu o acto o rev.o cónego dr. Honorato Monteiro, mestre de cerimónias da Sé, coadjuvado pelo beneficiado Eugénio dos Santos.

Ao Evangelho, o eminente antistite, de mitra e báculo, tomou lugar na cadeira gestatória e proferiu uma breve alocução, falando sobre a festa do dia e, saudando os seus diocesanos, desejando-lhes boas festas.

No fim da missa, usando das suas particulares prerrogativas, o sr. cardeal-patriarca leu a bênção papal com idulgência plenária aos fiéis.

A «Schola Catorum», do Seminário dos Olivais fez-se ouvir durante a missa de pontifical.

Os cumprimentos do cabido e da Irmandade do Santíssimo

Terminada a missa o sr. cardeal-patriarca dirigiu-se em procissão para o seu camarim. Antes passou pela capela do Santíssimo. Recebeu então, como é tradicional, os cumprimentos do cabido, em nome dos quais mons. dr. Avelino Gonçalves, arcediago da Sé, e como cónego de maior representação entre os presentes, lhe apresentou os cumprimentos. Depois, pela Venerável Irmandade do Santíssimo, falou o juiz efectivo, sr. marquês de Sabugosa.

A todos, o sr. cardeal-patriarca agradeceu, após o que se retirou, sendo acompanhado até ao seu automóvel pelo clero, pela Irmandade e pelos fiéis.

O sr. cardeal-patriarca almoçou com dois pobres a quem serviu

Como faz todos os anos, desde que ascendeu ao mais alto cargo da Igreja em Portugal, o sr. cardeal-patriarca ofereceu ontem, no paço do Campo de Santana, um almoço a dois pobres, um da freguesia de Santa Engrácia, — Luís da Encarnação Mourinho, de 61 anos — e outro da freguesia de S. João de Brito — António Ferreira de Figueiredo, de 50 anos — ambos indicados pelo conselho das Conferências de S. Vicente de Paulo. Ambos se sentaram á mesa do sr. cardeal-patriarca, assim como todos os criados e outros servidores do patriarcado. O eminente purpurado serviu a refeição, á qual assistiram também os rev.os cónego dr. Carneiro Mesquita, beneficiado José Maria Rodrigues e padre José Gomes Trindade.

Durante o dia, muitas individualidades de várias categorias sociais deixaram cartões de cumprimentos no Patriarcado, onde igualmente se receberam muitos telegramas, enviados por todas as dioceses do País.

No Hospital da C. U. F.

No Hospital da C. U. F. efectuou-se ontem uma encantadora festa de Natal, dedicada aos doentes e ao pessoal. Colaboraram os artistas Hermínia Silva que, com a sua maneira de cantar, proporcionou aos enfermos um tarde de prazer; Maria de Lourdes Resende que, como sempre, agradou e entusiasmou, em lindas canções; Candida Ramos e Dinora Carmen em versos castiços; Tristão da Silva, que se fez aplaudir em vários numeros do seu magnifico reportório; e António Rocha, acompanhados á viola e á guitarra, por Vítor Ramos, Alfredo Mendes, Adelino dos Santos e Carlos Neves. Além da parelha de palhaços Noel, Zeze & C.ª, executou diversos trechos de musica, em concertina, António Prado da Silva, empregado na Sociedade Geral e que é um artista de grande mérito.

Assistiram á festa os srs. dr. Jorge de Melo, vice-presidente do conselho de administração e administrador-delegado da Companhia União Fabril; engenheiro Vasco de Melo, administrador-delegado adjunto; professor D. Pedro da Cunha, director clínico do hospital; e dr. Inácio Rebelo de Andrade, delegado da administração.

No Liceu Francês

Com a presença do embaixador da França e da condessa de Bernard de Menthon, efectuou-se, no Liceu Francês, uma festa de Natal, para distribuição de roupas, brinquedos e géneros a crianças pobres, em numero superior a seis centenas.

O reitor, sr. Dumazet, deu as boas-vindas aos contemplados e agradeceu a generosa contribuição de todos os alunos, professores e empregados que tornaram possível tal prova de solidariedade.

O orfeão do liceu entoou, vários canticos de Natal, após o que se procedeu á distribuição, terminando a festa por uma copiosa merenda, servida na cantina do liceu.

A organização do bodo deve-se a «mademoiselle» Dutheil, tendo colaborado os Centros 64 e 75 da M. P. e da M. P. F., que expuseram, respectivamente, os seus presépios, berços e enxovais.

A festa assistiram também, os srs. cônsul da França, director do Instituto Francês, reitor da igreja de S. Luís dos Franceses, e os srs. Simonnot, conde de Dampierre e Gueydon de Dives, respectivamente presidente e membros da «Société de l'Ecole Françaises».

Sociedade Portuguesa Novembal

Decorreu em ambiente de grande alegria e franca confraternização o almoço dos operários e dirigentes da Sociedade Portuguesa Novembal, em Paço de Arcos, incluido na festa de Natal oferecida pela referida empresa.

Assistiram os dirigentes, com suas esposas, e após a reunião festiva, foram distribuidas valiosas lembranças aos operários e familias e houve um interessante acto de variedades pelo grupo cénico, que despertou o maior interesse.

Fundação Rachel e Martin Sain

Esta tarde, ás 15 horas, realiza-se na sede da Fundação Rachel e Martin Sain uma festa de Natal que decorreu no meio da maior alegria e satisfação de todos os presentes.

Na festa houve uma árvore de Natal e distribuição de brinquedos e bolos ás crianças do Centro Infantil de Recuperação dos Inferiorizados Visuais; foram ainda distribuidos lembranças aos operários cegos que trabalham na Fundação.

À festa assistiram madame Sain e seus filhos assim como vários membros do conselho de administração e a secretária-geral da instituição, D. Maria Luísa de Orey.

Na Casa do Algarve

A comissão de beneficência da Casa do Algarve e o seu grupo de protectores assistentes, a que preside o sr. dr. Humberto Pacheco, distribuiram aos algarvios necessitados residentes em Lisboa, donativos do Natal, num montante que excedeu vinte mil escudos, incluindo dinheiro, roupas, calçado, agasalhos e conservas.

Na Casa do Alentejo

Na Casa do Alentejo, houve ontem uma tarde infantil, com exibição de palhaços e distribuição de brinquedos ás crianças.

No Clube Atlético de Queluz

A exemplo dos anos anteriores, a secção de beneficência do Clube Atlético de Queluz distribuiu vestuário a 44 crianças.

No Cruzeirense Atlético Clube

Na sede do Cruzeirense Atlético Clube, foi distribuido um bodo a 15 crianças pobres de ambos os sexos. Além de peças de vestuário, as crianças receberam brinquedos.

Associação Protectora da Infancia da Freguesia de São Mamede

A direcção da Associação Protectora da Infancia da Freguesia de São Mamede, em comemoração da quadra festiva do Natal, oferece amanhã, ás 11 horas, peças de vestuário e almoço a 82 crianças de ambos os sexos, que frequentam diáriamente a sua cantina.

Um presépio de ciganos

Hoje de manhã, foi inaugurado, na Rebelva, freguesia de São Domingos de Rana, onde existe um dos mais importantes núcleos de ciganos dos arredores de Lisboa, um interessante presépio feito por eles.

Á cerimónia inaugural assistiram as senhoras da Obra de Protecção aos Ciganos Pobres da Costa do Sol com sede em Santo António do Estoril.

Casa do Pessoal da Caixa de Previdência dos Profissionais do Comércio

Com a assistência do presidente e outros directores, pessoal e suas famílias, a Casa do Pessoal da Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio realizou a festa do Natal, dedicada aos filhos dos empregados daquele organismo. Houve um animado acto de variedades, que incluiu numeros de ilusionismo, e foram distribuidos brinquedos ás crianças.

Recepção na Embaixada da França

No dia de Ano Novo, ás 18 horas, o embaixador da França e a condessa Bernard de Menthon dão recepção, nos salões da Embaixada, aos componentes da colónia do seus país.

Grupo Tauromáquico «Sector 1»

No Grupo Tauromáquico «Sector 1», celebra-se a tradicional passagem do ano, com uma festa típica, para a qual a inscrição está aberta aos sócios, todos os dias, das 21 e 30 ás 23 e 30, até depois de amanhã.

Na Delegação Marítima da Trafaria

Como nos anos transactos, foi distribuido na Delegação Marítima da Trafaria um bodo a trinta e dois pescadores inválidos das freguesias da Trafaria e Costa da Caparica. Presidiu ao acto o respectivo delegado marítimo, 2.º tenente Aurélio Alves.

Comemorações beneficentes em Cascais

A Misericórdia de Cascais distribuiu calçado e brinquedos ás crianças do bairro Marechal Carmona, e fatos aos filhos dos funcionários do Hospital Conde Castro Guimarães; e, no Bairro Irene donativos oferecidos pelo sr. eng.º Álvaro Pedro de Sousa. O jornal «A Nossa Terra», do Grupo Dramático e Desportivo de Cascais, distribuiu, também, cobertores, calçado e géneros de mercearia a 200 pobres, e o Clube Culumbófilo, merendas e brinquedos a 700 crianças residentes naquela vila.

Em Coimbra

COIMBRA, 26.—Na Sé Nova, o arcebispo-bispo-conde, sr. D. Ernesto Sena e Oliveira, celebrou a missa da Natividade e houve outras solenidades, nas quais colaborou o Orfeão do Seminário Maior.

— Na capela privativa dos Hospitais da Universidade foi celebrada, ontem, missa pelo respectivo capelão, rev.º Reis, com a presença do director e do administrador daqueles estabelecimentos, respectivamente, sr. prof. dr. João Porto e dr. Mário Norton. Foram distribuidos agasalhos e lembranças aos doentes e o pessoal de serviço nocturno, teve a tradicional consoada, por iniciativa da Casa do Pessoal.

— No C. A. D. C., os estudantes das ilhas adjacentes e das províncias ultramarinas tiveram a consoada do Natal. Ali se reuniram na noite solene dezenas de estudantes, em ambiente festivo, de franca e ampla confraternização. Houve jogos e canções e, após a Missa do Galo, na capela privativa do Centro, decorreu muito animada a grande ceia tradicional.

— No Colégio de Santa Catarina e noutros estabelecimentos de ensino e em várias instituições celebrou-se, também, o Natal, com festividades diversas.

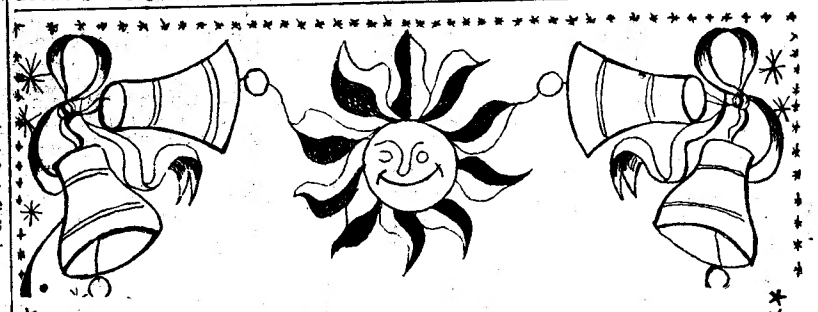
— Nas Fábricas «Lufapo», de Faianças e Porcelana, Ld.ª, houve, ontem, um almoço de confraternização, á qual presidiu o sr. dr. Augusto Soares Coimbra, ladeado pelos administradores, srs. José Ribeiro e Jaime Nascimento de Almeida, pelo médico da empresa, sr. dr. Rogério Tavares Pinto e pelo técnico alemão, sr. eng.º Fritz Kolh. Na festa de confraternização com o pessoal tomaram parte, também, além de funcionários superiores, vários convidados.

Donativos a pobres e crianças e Seixas do Minho

SEIXAS DO MINHO, 26 — Integrada, nas festas do Natal, houve aqui uma distribuição de donativos de 20$00 a 100 pobres, mercê da contribuição da Caixa Beneficente dos Filhos de Seixas, do Rio de Janeiro. Do legado de Manuel João Baptista, a Junta de Freguesia entregou 7$50 a cada uma de 70 viuvas. A Casa de S. Bento (Sopa dos Pobres), ofereceu, por sua vez, géneros alimentícios a 25 pobres e brinquedos a 100 crianças.

Automóveis de aluguer
NOVOS, SEM CONDUTOR
L. Santa Bárbara, 5-B. Telefone 734657
(Aberto das 8 horas ás 24 horas)

RESTAURANTE VERDE PYNO
Típico — 1.ª Classe
Leiria
Sensacional REVEILLON
com o conjunto PEDRO JORDÃO
Ambiente seleccionado
Noite de Alegria
Informações e marcações de mesas pelo telefone 22626 — LEIRIA



No CASINO ESTORIL
O mais sensacional dos «REVEILLONS»
com a famosa vedeta internacional
JUNE RICHMOND
integrada num grandioso «show»
O grande Salão-Restaurante totalmente decorado pelo arquitecto Mário de Oliveira oferece aspectos de surpreendente beleza
PREÇOS — 250$00, no Restaurante (trajo de noite); 250$00, no «Wonder Bar», (trajo de passeio); 100$00, no Bar Americano (trajo de passeio), com direito a 30$00 de consumo e sem mesa.
(MAIORES 17 ANOS)

A CIDADE

Pelos hospitais

CADAVER IDENTIFICADO—No Instituto de Medicina Legal foi identificado aquele homem que, há dias, como noticiámos, apareceu a boiar na doca de Santo Amaro. Trata-se de Salvador António Lopes, de 44 anos, jornaleiro, residente no Largo de Santo Antoninho, 15.

Quem achou?

No trajecto da Rua do Ferregial até ao Largo Rafael Bordalo Pinheiro, feito no passado dia 23, cerca das 18 e 40, num táxi de cor preta, uma passageira deixou, por esquecimento, uma mala de cabedal preta, a qual continha documentação vária, em nome da sr.ª D. Manuela Bettencourt Aldina Guedes e algumas fotografias.

Solicita-se ao motorista, ou ao passageiro que a encontrou, o favor de a devolver.

Quem perdeu?

Além de um burro e de dois cães, um perdigueiro e outro, pequeno, preto, encontram-se na P. S. P. (Governo Civil), por terem sido encontrados anteontem e ontem, os seguintes objectos:

Uma pulseira de ouro; um brinco de ouro; um relógio de pulso; um isqueiro; peugos em «nylon»; uma quantia em dinheiro; uma mala de mão de criança; um saco com uma taça e lenços; lenços para a cabeça; chapéus de chuva; uma sombrinha; uma chave inglesa; saco com marmita e restos de comida; porta-moedas; uma carteira de Hortense Dias e um cartão de José Joaquim de Mota; uma assinatura da Sociedade Estoril de Augusto de Sousa Pinheiro; um documento de Tomás Neves; botinhas de criança; uma bengala de ferro; chapa do automóvel DL-10-81 e outros acessórios; bilhetes de identidade de Elisa Augusta; José Caetano da Silva, António Bernardino de Jesus Pereira; Maria Cerquinha Gonçalves, Florinda Moutoso Apolinário e Maria Teresa; cartão sindical de Carlos José Carvalho de Almeida; cédula de Recenciamento Militar de António da Silva Baptista; casaco de criança; almofada-esponja; um aparelho médico «medir a tensão arterial»; uma espora; cautela de penhor, referente a uma aliança de ouro; uma capa plástico; um colar de pérolas fantasia; e uma mala com artigos de vestuário de senhora e criança.

TORRES VEDRAS

presta homenagem

ao brigadeiro França Borges

TORRES VEDRAS, 26 — O concelho de Torres Vedras prestará amanhã homenagem ao sr. brigadeiro António Vitorino França Borges, que, quando ainda tenente, foi presidente do seu Município.

De manhã, haverá uma sessão solene nos Paços do Concelho, durante a qual será entregue a medalha de ouro de «Bons Serviços» ao actual presidente da Camara Municipal de Lisboa. Seguir-se-á um banquete, na Praia de Santa Cruz.

BOMBEIROS

Voluntários de Oeiras

Com a assistência do presidente do Município de Oeiras e outras entidades, celebra-se amanhã, ás 11 horas, a cerimónia inaugural da nova ambulancia dos Bombeiros Voluntários de Oeiras, da qual será madrinha a sr.ª D. Jeanine Cardoso dos Santos.

Voluntários Lisbonenses

Reune-se, depois de amanhã, ás 21 horas, a assembleia geral da Associação dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, para eleição dos corpos gerentes.

Parecer sobre inscrições

no Montepio dos Servidores do Estado

O conselho consultivo da Procuradoria-Geral da Republica votou um parecer — que já foi homologado por despacho do ministro das Finanças — cuja conclusão é a seguinte: «Os empregados dos organismos de coordenação económica contratados ao abrigo do artigo 14.º, § 3.º, do decreto-lei n.º 26 757, de 8 de Julho de 1936, não são agentes funcionários, estando-lhes, por isso, vedada a inscrição no Montepio dos Servidores do Estado».

150 000 obrigações

da Siderurgia Nacional

A Siderurgia Nacional foi autorizada a emitir 150 000 obrigações, nominativas, ou ao portador, do valor nominal de 1000 escudos cada uma, em títulos de 1, 5, 10, 20, 50 e 100 obrigações, ao juro de 5 por cento ao ano, cativo de impostos para os obrigacionistas.

Dois casos fatais

além de alguns pequenos desastres

apesar do intenso trânsito

no dia de Natal

Apesar do intenso movimento de viação, próprio da quadra festiva, não se assinalam, felizmente, grandes desastres, mas apenas alguns acidentes, com alguns casos mais ou menos graves, que podem incluir-se na lista quotidiana dos menos lamentáveis, embora dentro do que se torna impossível evitar atendendo ao grande movimento do transito, neles se incluindo os que ontem tiveram registo nos Hospitais Civis de Lisboa:

Dois casos fatais: José de Oliveira, de 53 anos, pintor, Rua B, 111, ao Bairro da Liberdade, que foi colhido por um autocarro da Carris, perto da residência, e ficou com a cabeça esmagada; e Maria da Felicidade Ramos Vieira, de 15, Avenida Mouzinho de Albuquerque, lote A, 1.º, Esq., na Damaia, trucidada por um comboio, quando atravessava a linha na passagem de nível daquela localidade, e cujos cadáveres foram removidos para o Instituto de Medicina Legal.

Na sala de observações do Hospital de São José ficaram internados: Laura de Almeida Geadas, de 78 anos, residente na Travessa do Forte, 24, 2.º, que foi colhida por um automóvel, no Largo do Mastro, e sofreu fractura de uma coxa; António Marques da Costa, de 44, padeiro, Rua Silva Carvalho, 82, 2.º, ferido na cabeça, por ter sido atropelado por uma camioneta, na Avenida Pedro Alvares Cabral; Joaquim Gonçalves Carrelo, de 34, pintor, residente na Fábrica de Nitratos de Alverca, onde trabalha, que ali foi também colhido por uma camioneta de passageiros e cujo estado é pouco satisfatório; Lucília de Jesus Lobo dos Santos, de 49, Praça das Amoreiras, 4, r/c., que caiu de um autocarro, no Campo Grande, e ficou muito contusa; António Braga de Oliveira, de 20, serralheiro, Vialonga, que caiu da sua bicicleta motorizada, perto do Tojal, ficando muito ferido no rosto, e Joaquim Moreira das Neves, de 23, jornaleiro, Bairro Baixo, Coruche, que também caiu da bicicleta, e sofreu grandes contusões.

VIDA SOCIAL

CASAMENTO

ABRANTES, 25 — Na paroquial de S. João, desta cidade, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Filomena Catarino Sequeira Estrela, filha da sr.ª D. Graciela Celeste da Silva Catarino Estrela e do sr. dr. Isidro Sequeira Estrela, chefe da secretaria da Camara de Abrantes, com o sr. tenente Nelson João dos Santos, oficial do Regimento de Infantaria n.º 2, filho da sr.ª D. Maria dos Anjos e do sr. Abel dos Santos, comerciante e proprieátrio em Pega-Guarda.

Foram padrinhos, pela noiva, sua irmã sr.ª D. Maria Natália Catarino Sequeira Estrela de Gouveia, e cunhado sr. tenente Rui António Magiolli de Gouveia, do C. I. M.; pelo noivo, o sr. dr. José Pereira da Silva, delegado de Saude, na Guarda, e sua esposa, sr.ª D. Maria da Conceição Viana da Silva.

HUMBERTO DE SABOIA

Encontra-se em Cascais, tendo hoje almoçado na Adega Machado, Humberto de Saboia, que passa a quadra festiva em Portugal.

Prémios especiais

para a Exposição Canina

Continuam abertas, na secretaria da secção de canicultura do Clube dos Caçadores Portugueses, Praça D. João da Camara, 4, 3.º, em Lisboa, as inscrições para a 32.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa, que, como a do ano passado, terá o patrocínio do «Diário de Lisboa» e realizar-se-á no recinto da Feira das Industrias Portuguesas, nos dias 30 e 31 de Janeiro.

O numero de inscritos já registado excede as mais optimistas previsões. Atendendo ao excepcional interesse criado entre os caniculto-res, a organização decidiu instituir prémios especiais, que constarão de valiosas e artísticas taças destinadas ao melhor cão português e ao melhor estrangeiro, aos melhores casais, português e estrangeiro, e também, ao melhor cão de caça. Há a firme convicção de que quanto a numero e valor dos exemplares, e á sua variedade, a 32.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa excederá todas as outras anteriores.

O amplo e confortável recinto da Junqueira será, como no ultimo Inverno, adaptado ás características técnicas do concurso, pois que quanto ás condições espectaculares não podia encontrar-se melhor em Lisboa. Um enorme estrado de 36x18 metros ficará colocado ao longo da nave principal. Ali se procederá ao julgamento e ao desfile dos exemplares.

Entretanto, as inscrições continuam a ser recebidas na secretaria daquela colectividade, no endereço referido.

MUTUALISMO

Associação de Socorros Mútuos Aliança Mundial

Reune-se, depois de amanhã, ás 20 e 30, em segunda convocação, a assembleia geral da Associação de Socorros Mutuos Aliança Mundial para eleição de corpos gerentes e apreciação do relatório e contas da gerência finda.

Sal de Fruta ENO dá boa saúde

todos os dias!

ECONOMIZE! Lembre-se na próxima vez que comprar Sal de Fruta ENO que o frasco grande é mais económico.

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar.
ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE FRUTA ENO

ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas

BEBA BARRITOS VERMUTE COM GIN GELADINHO

BRINDES DESTA QUADRA!
RETALHOS PARA CONFECÇÕES A BAIXOS PREÇOS
SECÇÃO DE CONFECÇÕES PARA PRESENTES
NOVIDADES
Malhas a metro
ROLI - RUA NOVA DA TRINDADE, 6-A LISBOA

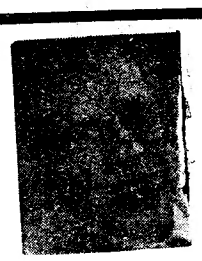
Alfaiataria
A. C. NOGUEIRA, LDA.
SECÇÃO FEMININA
Direcção técnica AURIETTE LÜHMANN
R. S. Nicolau, 71, 1.º

A Sociedade Comercial António Casquilho
STAND DE AUTOMÓVEIS E SEDE
Avenida Guerra Junqueiro, 14-A B C — Telefones 726132/3/4-727507
AGÊNCIA FIAT
Avenida de Roma, 31-A B C — Telefones 778166/7/8
ESTAÇÃO DE SERVIÇO
Avenida Marconi, 8-A e 8-C — Telefone 777362
Apresenta a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos cumprimentos de Boas Festas.

Clínica Dentária Santa Joana
RUA BRAAMCAMP, 88, 1.º ESQ. TELEFONE 733257
Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA
Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇÃO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MANUEL VASCONCELOS
DIAS UTEIS — das 9 à Meia-noite
DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

SALVADOR

Emp.ª «E. Salvador e R. Martins»
ADULTOS — M/17 ANOS



António Silva

Bibi Ferreira

Barroso Lopes

Maria Vitória

OFEREÇA À SUA FAMÍLIA O MELHOR BRINDE LEVANDO-A AO GRANDE ESPECTÁCULO DE

Humberto Madeira

Oscar Acurcio

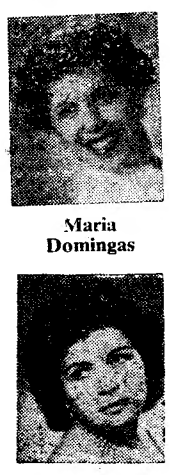
SALVADOR

A POPULARÍSSIMA REVISTA

TUDO NA LUA

AMANHÃ ESP.° À TARDE

ás 16 horas e á noite 2 sessões ás 20.30 e 22.45



Maria Domingas

Lucinda Amaral

Vitória

C. Alberto

Lynne

Maria José da Guia

A REVISTA QUE O PÚBLICO ELEGEU

A REVISTA QUE FAZ RIR ATÉ ÀS LÁGRIMAS!

TEATROS E CINEMAS

«Os Comediantes de Pau», no Trindade

A companhia de «Os Comediantes de Pau», de Jacques Chesnais, que, desde ontem, actua no Trindade, foi, no campo do espectáculo, o presente mais rico e saboroso que Lisboa recebeu nesta quadra.

Jacques Chesnais é um nome grande no mundo dos marionetistas. A ele se deve muito do trabalho do ressurgimento desta arte de bonecos que, graças ao seu talento e ao de homens como Baty e Joly, voltou a alcançar neste nosso século o lugar de arte maior, de Arte. Trabalhando desde 1930, chegou hoje a uma perfeição técnica no domínio das «marionnettes» verdadeiramente surpreendente, ao qual se alia uma imaginação riquíssima e um bom gosto exemplar. Por outro lado, a sua «Histoire générale des Marionnettes» é mais um testemunho da sua inabalável dedicação pela Arte que serve.

O espectáculo de Lisboa está dividido em duas partes. Na primeira, assistimos a um vivo e movimentado espectáculo de circo com as mais sensacionais atracções em todos os géneros. Especialmente notável o trabalho do espantoso professor «Mystérios», o ás da magia cor-de-rosa. A segunda parte é um desfilar constante de excelentes «trauvailles» plenos de fantasia. Logo a abrir, o «concerto angélico» é delicioso, e, depois, seguem-se-lhe onze numeros de igual encanto «O mistério das bolas», sobre a «Dança ritual do fogo», de Manuel de Falla, chegaria para mostrar a todo o publico, se os numeros anteriores ainda não o tivessem feito adivinhar, a qualidade quase genial do trabalho de Jacques Chesnais. Perto do final, a «Fantasia submarina», sobre «A Truta», de Schubert, dá-nos um quadro de requintado humor. A terminar, um recital de violino e piano, que abruptamente é invadido por musicos de *jazz*, que ganham o palco e ficam senhores da situação. Depois, é o final. Os panejamentos que envolvem o pequeno teatro, dentro do grande palco do Trindade, são recolhidos e o publico descobre, em cima do «castelet», os dois comediantes de carne e osso que animaram com tanto virtuosismo os «comediantes de pau» e não se cansa de aplaudir os esposos Chesnais.

A acrescentar aos elogios que se têm de fazer pelo bom gosto posto na invenção dos jogos de teatro e na fabricação dos bonecos, merecem um elogio especialíssimo os cenários de todos os numeros, sem excepção. Particularmente notável o de Veneza, no quadro «O baloiço».

De lamentar que o publico não se tenha apercebido da qualidade do espectáculo que Ribeirinho lhe proporciona e não tenha acorrido em massa ao quartel-general do T. N. P. Espectáculo de deslumbramento para os adultos e uma fonte inesgotável de sugestões para a imaginação sempre desperta das crianças, «Os Comediantes de Pau» foram a verdadeira festa de Natal de todos aqueles que ontem se deslocaram ao Trindade.

Se Lisboa não sabe merecer um teatro de «marionnettes», sobretudo quando atrás destes está Jacques Chesnais, então Lisboa não merece qualquer espécie de teatro.

J. E. S.

Atrás do reposteiro

- Com vista á sua apresentação no Porto, está a ser remodelada pelos autores a revista «Isto é delas», em cena no Teatro Variedades.

  Os actores Maria Adelina, Alexandre Vieira e Alfredo Ruas, desta companhia, não a acompanharão ao Porto.
- A artista Helena Tavares, do elenco do Teatro ABC, está a desempenhar os numeros que, na revista «Delírio em Lisboa», foram criados pela sua colega «Aida Baptista.
- O original de Carlos Selvagem «Entre giestas» entrou em ensaios no Teatro D. Maria II.
- Pinto de Campos será o director da montagem cénica da peça musicada «Margarida da rua», que será estreada no Teatro Monumental, no mês de Janeiro.

Na Província

* A 5 de Janeiro, a companhia do Teatro ABC deslocar-se-á ao Mon-

(Continua na pág. seguinte)

HOJE
OS ÊXITOS QUE FAZEM DELIRAR O PÚBLICO NUMA ONDA DE ENTUSIASMO
LES VILLALTAS
QUINT ROS ESPAÑA
ANA MARIA y su BALLET
E outras atracções com VILAÇA E SUA ORQUESTRA

RITZ CLUB
EMPRESA RITZ CLUBE
ADULTOS (Maiores de 17 anos)
NO SALÃO TIPICO: CEIAS com FADOS E GUITARRADAS
5.ª-FEIRA: SENSACIONAL FESTA DE FIM DO ANO
GRANDIOSO REVEILLON
UMA NOITE QUE NUNCA MAIS SE REPETE NA VIDA!
MUITAS SURPRESAS
EM BREVE ESTREIA DOLORES PATON e CARMEN POYATO

Teatro Capitólio
SANDRO apresenta
Amanhã despedida de
Sociedade em Pijama
com MARIA DELLA COSTA
Hoje sessão ás 21,45 h.
Amanhã matinée ás 16 h.
com sorteio de discos brasileiros
Estudantes 10$00
dia 30:
MORAL EM CONCORDATA!
(Esp. Maiores 17 anos)

TRINDADE
Hoje, ás 18 h. (12 anos) SÁBADO DO ESTUDANTE
SÓ COM A PEÇA 12 HOMENS FECHADOS
A NOITE, ÁS 21.30 (17 ANOS) — O TEATRO ESTÁ AQUECIDO
12 HOMENS FECHADOS
de REGINALD ROSE, tradução de LUÍS GALHARDO (Filho)
A abrir o espectáculo — A FARSA de GARCIA LORCA
AMOR DE D. PERLIMPLIM
AMANHÃ, ás 16 h. para MAIORES de 4 ANOS
UNICO DOMINGO COM A FAMOSA COMPANHIA DE
MARIONNETTES
de JACQUES CHESNAIS
OS COMEDIANTES DE PAU
UM PROGRAMA MARAVILHOSO PARA PEQUENOS E GRANDES
As crianças até 10 anos acompanhadas têm entrada grátis

ABC

Emp. Teatral ABC, Lda.
Tel. 36 67 45
ADULTOS M/ 17 ANOS
Princesa DALILAH
ENTRA TRIUNFALMENTE
EM 4.° MÊS
a revista
DELÍRIO em LISBOA
agora com a atracção
DALILAH
princesa egípcia com seus numeros privativos
Amanhã espectáculo á tarde

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Maiores 17 anos — Nova Gerência — Aberto toda a noite

RESTAURANTE — BOITE — FADOS
EM ESTREIA
HERMANOS HERÉDIA COM MERCEDES DEL CASTILLO
A cançonetista espanhola SOLEDAD MONTERO
FADOS por ISAURA GONÇALVES — António Pires — Cecilia de Jesus, acompanhados por Daniel Freitas e Miguel Silva
Conjunto MARQUES DIAS com VICTOR BONJOUR ao piano
Zeca — Velez e o vocalista ARLINDO DE SOUSA
Jantares com fados a partir das 21 horas
GRANDIOSO REVEILLON DE FIM DE ANO
MARCAM-SE MESAS PELO TELEFONE 91 01 68
Calçada de Carriche — Estrada de Loures

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na AGÊNCIA CULTURAL, Avenida Combatentes da Grande Guerra.

MONUMENTAL
HOJE e AMANHÃ

Adultos M/17 anos
À tarde ás 16 h.
À noite ás 21.45 h.

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
DA
EXTRAORDINÁRIA PEÇA
de **Abílio Pereira de Almeida**

SANTA MARTA FABRIL S/A.

PELA COMPANHIA BRASILEIRA
TEATRO CACILDA BECKER

DIA 29 ESTREIA «O SANTO E A PORCA»

MONUMENTAL
Para maiores de 4 anos
Hoje e amanhã á tarde ás 18.30 h.
ULTIMOS DIAS
a peça
para crianças

O Soldadinho Medroso
de Ricardo Alberty
pelo TEATRO DO GERIFALTO
— PREÇOS REDUZIDOS —
Plateia, 15$00; 2.° Balcão, 10$00; 3.° Balcão Frente, **5$00**

VÁ AO MONUMENTAL
REVEILLON
DO TEATRO
MONUMENTAL
Uma comédia pelo
TEATRO CACILDA BECKER
os populares e extraordinários cómicos brasileiros do teatro musicado!
BERTA LORAN
e **COLÉ**
Baile até de madrugada ao som de 2 ORQUESTRAS
— BILHETES A VENDA —
2 sessões ás 20.45 e 23.30 h.
— 15 anos —

RIR! RIR! RIR! RIR!
NO AVENIDA
(Adultos M/17 anos)
Hoje e amanhã
á tarde ás 16 h.
á noite 21.45 h.
IRENE ISIDRO
NA FARSA
A MALA DA BERNARDETTE
OSCAR
HENRIQUE SANTANA
HENRIQUE SANTOS
NOS PRINCIPAIS PAPEIS
UM ÊXITO EM 6.ª SEMANA TRIUNFAL
RIR! RIR! RIR! RIR!

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da pagina anterior)

tijo, onde, no Teatro Joaquim d'Almeida, apresentará a revista «Delírio em Lisboa».

* A companhia de que faz parte o actor João Villaret, em digressão pela província, apresenta amanhã, em Viseu, a comédia «Patate».
* A companhia Rafael de Oliveira representa amanhã, em Évora, as peças «O sapatinho de vidro» e «Daqui fala o morto».

No D. Maria II

uma notável iniciativa, com a apresentação do «Teatro por Novos, para Novos»

Assinala-se mais uma notável iniciativa de Amélia Rey Colaço, que, certamente, muito contribuirá para ampla divulgação, especialmente entre as camadas jovens, dos autores mais representativos de todo o Mundo e que constituem marcos fundamentais da evolução do Teatro moderno. Consiste na apresentação do «Teatro por Novos, para Novos», na qual se dão oportunidades a novos encenadores, preparando-os para um labor mais contínuo e mais eficiente, a jovens artistas em estudos de interpretação de personagens que transcendem a vulgaridade e á juventude portuguesa de admirar um teatro verdadeiramente representativo. O primeiro espectáculo, já na próxima semana, reunirá dois nomes relevantes da dramaturgia europeia: Federico Garcia Lorca e Augusto Strindberg, com «A Sapateira Prodigiosa» e «A Menina Julia», respectivamente. Amélia Rey Colaço confiou a encenação destas obras a Varela Silva, para a farsa lorquiana, e a Jacinto Ramos, para o texto de Strindberg, concedendo-lhes a maior liberdade de movimentos para a construção do espectáculo. Cada qual escolheu o seu encenador: o primeiro, Octávio Clérigo, e o segundo, Sá Nogueira, que se estreiam, assim, no Nacional.

Gina Santos interpretará a protagonista da «Sapateira» e Lourdes Norberto e o respectivo encenador, as personagens fundamentais de «A Menina Julia».

Naquele teatro mantém-se, todas as noites, em pleno êxito, a notável peça «Diálogos das Carmelitas».

No Trindade

um êxito com a famosa peça «Doze homens fechados»

É um trabalho de virtuosismo, dos mais notáveis que têm ilustrado o Teatro português, o de Francisco Ribeiro (Ribeirinho), o encenador (e também intérprete) de «Doze homens fechados». A encenação da admirável peça de Reginald Rose deu, ao grande realizador teatral, ensejo para empolgar o público com um espectáculo a todos os títulos notável. Os restantes intérpretes da famosa peça contribuiram, também, decisivamente, para este triunfo, sendo justo citar os principais: Assis Pacheco, Rogério Paulo, Fernando Gusmão, Armando Cortês, Costa Ferreira, Wallenstein, e, também, Ribeirinho.

Ribeirinho é, ainda, responsável pela beleza da encenação de «Amor de D. Perlimplim com Belisa no seu jardim», a farsa poética de Garcia

(Continua na 13.ª página)

SOLAR
DA
HERMÍNIA
Largo Trindade Coelho, 10-11 — Telefone 20164
(Maiores de 17 anos)

Hermínia Silva — Tristão da Silva

UM SUCESSO RETUMBANTE
HERMINIA SILVA canta todas as noites á 1 hora da madrugada
Grande êxito de TRISTÃO DA SILVA á frente de um grande elenco
O ponto de reunião da alta sociedade
Optimo serviço de restaurante
ATENÇÃO—Marcam-se as restantes mesas para a passagem do ano

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II
Todas as noites, ás 21 e 45 — 12 anos — **(O Teatro está aquecido)**
UM ESPECTÁCULO DESLUMBRANTE
DIÁLOGOS DAS CARMELITAS
INTERPRETADA POR UM GRANDE ELENCO DE 27 FIGURAS
No sábado, ás 16 horas, tarde popular a preços reduzidos

NOITE DE GRANDES ESTREIAS
Pasapoga
Telef. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

A ESTUPENDA ATRACÇÃO ACROBÁTICA ITALI NA
LES DONATI
E, AINDA, A BRILHANTE NOVIDADE PORTUGUESA
CONSTANTE e o SEU CONJUNTO
NOITE FIM DO ANO: O MAIS SENSACIONAL
REVEILLON
COM MUITAS E NOTÁVEIS SURPRESAS
Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA
com os cantores ANTÓNIO ALVARINHO e MANUEL SERRANO

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — Telefone 27172
15.00, 18.15 (p. r.) 21 h. (M/12 anos)
Um filme que evoca os feitos quase lendários da famosa batalha de Nova Orleãs
O CORSÁRIO LAFITTE
com **Yul Brynner, Charlton Heston** e **Charles Boyer**

EDEN — Telefone 20768
15.30 - 18.30 e 21.45 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
A MIUDA
c/ Romy Schneider
Uma história cheia de graça e encanto.

ALVALADE — Telefone 763080
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
A heroica e generosa aventura de **Jean Lafitte** o ultimo dos corsários
O CORSÁRIO LAFITTE
com **Yul Brynner, Charlton Heston** e **Claire Bloom**

CONDES — Telefone 22523
15.15, 18.15 (p. r.) e 21.15 (M/6 anos)
2.ª SEMANA
Uma história de intriga... espectacular como o próprio circo!
O MAIOR CIRCO DO MUNDO
com **Victor Mature, Red Buttons** e **Ronda Fleming**

ODEON — Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
Zully Moreno e **Alberto Glosas** em
ABRIL EM PORTUGAL
Uma comédia, com ar de comédia, intenção de comédia e...

S. LUIZ — Telefone 48560
21.00 (M/12 anos)
TUDO MENOS A VERDADE
O ARQUIDUQUE E A COSTUREIRA

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
O DIÁRIO DE ANNE FRANK

TIVOLI — Telefone 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)
2.ª SEMANA
O maravilhoso filme em Tecnirama e tecnicolor
LUA DE MEL
com os célebres bailarinos **António e Ludmilla Tcherina**
Os admiráveis bailados: **«O Amor Bruxo» e «Os Amantes de Teruel».**
Amanhã ás 11 h., ses. clás. **«A vida apaixonada de Van Gogh».** — (M/ 12 anos).

POLITEAMA — Telefone 26305
15.15 - 18.15 e 21.30
Grandioso êxito
Uma extraordinária realização do famoso mestre Howard Hawks
RIO BRAVO
com **John Wayne, Dean Martin, Richy Nelson** e **Angie Dickinson**
Technicolor — (Maiores 12 anos)

AVIS — Telefone 47163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Um filme encantador
A BAILARINA E O BOM DEUS
com **Vera Cecova** e **Vittorio de Sica**

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M/12 anos)
Um dos maiores êxitos
AMORES REAIS (DONDE VÁS, ALFONSO XII?)
com **Paquita Rico**

ROYAL — Telefone 845037
21.00 (M/6 anos)
JOSELITO (O PEQUENO PASTOR) AVENTURAS DO SR. SAGRO

IMPÉRIO — Telefone 55134/5
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Sophia Loren e **Cary Grant**
num filme feliz, aberto á alegria do coração
QUASE NOS TEUS BRAÇOS
— Technicolor —

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 — PLATEIA 54157
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
CURT JURGENS
ORSON WELLES
SYLVIA SYMS
em
PASSAGEM PARA HONG-KONG
Cinemascope — Eastmancolor
O mais sensacional!

ROMA — Telefone 727778
15.30 - 18.30 (p. r.) (M/6 anos) e 21.45 (M/12 anos)
Como poderá um casal viver sem casa?
Eis o problema em
O AMOR E UMA CABANA
com **Analia Gode** e **Fernando Gomez**

MONUMENTAL — Telefone 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/6 anos)
3.ª SEMANA
A mais linda história de amor, contada na obra-prima de **Walt Disney**
A BELA ADORMECIDA
Falado em português
Em complemento: **«O grande Canion»**
Plateia, 1.º e 2.º balcão
Peça o programa do «REVEILLON»

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
21.00 (M/17 anos)
Cinemascope
BAIONETAS DE AÇO
TERÇA-FEIRA NEGRA

TERRASSE — Telefone 20917
21.00 (M/12 anos)
OS DEZ MANDAMENTOS

DOÇARIA CASEIRA
UMA PEGA 6$50 — CAFÉ DE BALÃO
NO **BAR RIBATEJO** — PRAÇA DO AREEIRO, 11 D

O Porto pelo telefone

Devido às chuvas torrenciais no Norte

o nível das águas do rio Douro subiu cinco metros acima do normal

Duas mulheres morreram afogadas numa cave em Ermezinde

PORTO, 26 *(Pelo telefone)*.—Ao princípio da tarde, junto á fábrica têxtil do lugar do Cruzeiro, em Ermezinde, formou-se uma represa com a água das chuvas do temporal destas ultimas horas. A pressão da água fez ruir a parede de suporte, e as pedras, arrastadas na torrente, foram colher Maria da Conceição Marques Pereira da Assunção, de 47 anos, casada, cujo marido se encontra na Venezuela; e uma mulher a dias, de nome Palmira, que para ela trabalhava hoje. Ambas se achavam no quintal, na companhia de José Pinto, de 49 anos, morador no lugar de Porto Carvoeiro, Ermezinde, caseiro da primeira.

Todos tentaram vedar a passagem á água da represa que, infiltrando-se por uma fenda, ia inundar a cave de uma mercearia que fica junta, também pertencente a Maria da Conceição.

De repente a pressão da água foi grande e o muro ruiu, numa extensão de mais de 25 metros. As duas mulheres foram arrastadas para a cave, que ficou alagada.

O José Pinto conseguiu fugir, evitando a enxurrada.

Foram pedidos os socorros de várias corporações de bombeiros. Compareceram no local os Voluntários de Ermezinde, Areosa, Maia e Voluntários do Porto, que para conseguirem retirar a proprietária do estabelecimento tiveram de abrir um buraco no soalho, enquanto a Palmira era retirada pelas traseiras da casa. Ambas foram conduzidas ao Hospital da Misericórdia, desta cidade, onde os médicos se limitaram a verificar o óbito.

Outro afogado em Ermezinde

Também, em Ermezinde, se verificou outro desastre mortal. Um homem, cuja identidade se ignora, caiu a um poço perecendo afogado.

A cheia do Douro

Há muitos anos que o Inverno não se fazia sentir com tanto rigor, no Norte. De todas as regiões, chegam notícias da inclemência e tempestades que ali se têm verificado.

No mar, as tragédias repetem-se. O navio-tanque sueco «Sira» que navegava do Mediterraneo para a Suécia, ao passar ao largo da Figueira da Foz, perdeu um tripulante, arrebatado pelas vagas alterosas. Fizeram-se pesquisas durante cinco horas, mas o corpo do infeliz marinheiro não foi encontrado. Igual sorte teve outro tripulante do navio-tanque dinamarquês «Essoaalborg», na altura em que passava no mar de Sines. Durante 7 horas, procedeu-se a pesquisas, sem quaisquer resultados.

As barras do Douro e de Leixões estiveram fechadas. O temporal de Sudoeste atingiu, por vezes, rajadas de 85 km por hora, encontrando-se o mar muito encrespado. No Douro, cujo caudal tem aumentado de volume, ultrapassando de 6 metros o nível normal e com tendência para subir, encontram-se, há cinco dias, treze navios impossibilitados de sair, devido á forte agitação do mar.

Na foz do Douro, as águas do mar invadiram a Avenida das Palmeiras no Passeio Alegre, e na Rua da Praia inundaram várias casas.

Os pilotos têm-se visto a braços com o trabalho exaustivo a que os obriga a inclemência do temporal, procedendo ao reforço das amarras dos diversos barcos.

Ainda devido ao mau tempo, desabou a parede duma casa em Quebrantões (Gaia), habitada por Joaquim Ferreira, que tendo casualmente notado a abertura duma fenda, correu á cama onde dormia a sua filha de 12 anos, salvando-a de ficar soterrada.

Imprudência perigosa

Nem sempre a noite da consoada é noite de alegria nas famílias! E' o caso de Jaime Monteiro, de 45 anos, residente na Foz do Douro, no Largo de Cadouços, 5, que, tendo ido na noite de anteontem para a Aguda, a fim de cear com a família, se apeou do comboio, no lado contrário, sem se aperceber da aproximação doutro comboio. Ao tentar emendar a imprudência, a própria porta da carruagem, talvez com a deslocação do ar, quase lhe decepou o braço esquerdo.

Recolheu imediatamente a uma casa de saude na Boavista, onde foi submetido a operação de urgência.

Suspeita de roubo

O sr. António da Costa Monsanto, residente na Rua do Caniçal, 587, queixou-se á Polícia de uma mulher, cujo nome indicou, que suspeita ter sido autora do roubo de um cofre portátil com 12 contos e ainda de alguns objectos de ouro.

A referida mulher, que frequentava a casa do queixoso, deixou de lá aparecer depois do roubo.

Doença súbita e mortal

No Hospital da Misericórdia, para onde foi transportado por ter sido acometido de doença subita, faleceu o sr. Adelino António Correia Gaitinha, residente em Valongo.

Atropelados por bicicletas

Recolheram ao Hospital da Misericórdia, por terem sido atropelados por bicicletas, o empregado de escritório António Ribeiro, de 49 anos, residente em Rio Tinto e um menor de 9 anos, Marcelino Matos, morador em Gulpilhares (Gaia) que sofreram vários ferimentos.

CARTAZ DO PORTO

SÁ DA BANDEIRA — As 21 e 45 — «O baile».
NUNO ALVARES — As 21 e 30 — «O Crime da Aldeia Velha».
RIVOLI — A's 21 e 30 — «Quase nos teus braços».
COLISEU — A's 21 e 30 — «Carnaval do amor».
SÃO JOÃO — A's 21 e 30 — «Gangsters falhados».
BATALHA — As 21 e 30 — «O maior circo do Mundo».
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Pequeno Polegar».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Safira».
VALE FORMOSO — As 21 e 30 — «Sonhos de ouro».
JULIO DINIS — As 21 e 30 — «Ana de Brooklyn».

Criança recém-nascida foi encontrada morta no Hospital Júlio de Matos

Apareceu o corpo de uma criança de sexo masculino, nascida antes de tempo, numa das dependências do Pavilhão Infantil (rapazes), do Hospital Julio de Matos. O caso está a ser investigado pela Polícia, que ali compareceu ontem. No decorrer de investigações sumárias foi detida a presumível autora do crime.

As investigações prosseguem para o seu esclarecimento total.

O fabrico e a montagem de automóveis em Portugal

segundo a opinião dos importadores

Não estão dissipadas, na maior parte das suas perspectivas possíveis, as incertezas e perplexidades que envolvem a hipotética instalação em Portugal da industria do automóvel. Dois factos de importante significação vieram incorporar-se recentemente na ordem dos factores que condicionam essas possibilidades industriais: a promulgação do decreto n.º 42 669, de 21 de Novembro passado, que isentou do condicionamento industrial em todo o País, excepto nos distritos de Lisboa e Porto e nos concelhos marginais do estuário do Tejo a industria de montagem de automóveis; e a publicação da nova pauta aduaneira, que veio agravar consideràvelmente os encargos alfandegários na importação de automóveis acabados. Entretanto, e ainda ao abrigo da Lei do Condicionamento Industrial, haviam sido concedidos alvarás a duas empresas para o fabrico de camiões e a uma outra, recentemente constituída, para o fabrico de automóveis, camiões e tractores.

A adesão de Portugal á Associação Europeia de Comércio Livre, com as excepcionais salvaguardas obtidas para o nosso País nas negociações de Estocolmo não trouxeram ao problema, apesar das

(Continua na 11.ª página)

A mensagem do cardeal-patriarca

(Continuação da 1.ª página)

vontade de poder, ambição de domínio endeusamento de poderio, vem daqui: é que fazem do homem escravo. Subordinam-no, em vez de se subordinarem a ele. Não são para o homem; ignoram aquela áurea sentença de S. Paulo: tudo é para vós, e vós sois de Deus.

Tem-se visto, em nossos dias, como a rejeição de Cristo conduz trágicamente á humilhação e ao sacrifício do homem. Os ídolos são cruéis, têm sede de sangue, exigem vítimas humanas. Nós vimos o enriquecimento de poucos á custa do empobrecimento de muitos, em nome da ciência económica e do progresso; a escravização das massas e a imolação da pessoa humana, em nome da realização dum ideal místico de justiça e fraternidade; e a hecatombe de judeus e doentes incuráveis, em nome da pureza da raça.

A influência do cristianismo

A preocupação do homem alargou-se até ao mundo não-cristão, tornou-se hoje universal, mas não poderá subsistir sem a influência do Cristianismo. Como notou um filósofo da actualidade, este tem actuado de dois modos: um que se poderia dizer autêntico, ortodoxo, e outro indirecto, diminuído, alterado, até corrompido. Não denunciou o sociólogo inglês Dawson a origem cristã do idealismo moral do ocidente? E não alimentará do que têm de verdadeiramente humano certos mitos sociais com forte poder sobre as massas o latente fermento cristão? Já alguém chamou á maior parte das filosofias dos países reformados «teologias laicizadas».

A tragédia da nossa época é que muitos querem salvar o homem negando a Deus, desligando-o assim das relações que o prendem ao Criador que o constituiu na sua natureza, e ao Redentor que o resgata, o restaura e o salva. Partindo do desconhecimento ou da negação da natureza do homem, todo o projecto de invenção do homem resultará necessàriamente monstruoso, como aquele homunculo em certa cena do *Fausto* de Goethe. As agudas análises da «má consciência» revelam, com completa crueza, aos que fecham deliberadamente os olhos á luz do Natal, que o homem não é amável. Essas «lógicas demenciais», como já se lhes chamou, que ignoram o amor, humilham, aviltam o homem a seus próprios olhos. Porque, num mundo absurdo, perguntava um escritor, «porque o *eu* haveria de sacrificar-se pelo *tu*», se não pode julgá-lo melhor que a si próprio? e não pode libertá-lo da prisão de angustia e solidão, onde foi posto sem ser ouvido?

O cristão, porém, verá sempre (a menos que a luz da Fé se apague na sua alma), verá sempre no homem mais do que o homem, verá Deus. O seu semelhante, o outro, o próximo como diz o Evangelho, será, utilizando justa definição alheia, o «sacramento do irmão».

Todo o homem, só pelo facto de o ser, lhe fala do *Pai Nosso* que está no céu. Foi aquele feito á Sua imagem e semelhança. E se esta imagem de Deus que é o homem (semelhante pela inteligência e pela liberdade, e ainda pela comunhão da mesma vida se é cristão), se ela está desfigurada, envilecida, lembrará a face ensanguentada do Senhor.

O amor do próximo

Não há aqui figura de retórica a esconder piedade sentimental. Esta visão do homem é a nossa Fé. Foi o Senhor que nos ensinou a vê-lO a Ele em todo aquele que têm fome, fome de pão, ou de justiça, ou de amor, ou de alegria, ou de paz, ou de verdade, ou de esperança; a vê-lO no pobre, no doente, no encarcerado, no aflito, no miserável, no inimigo.

O nosso próximo, o próximo de Cristo, segundo o Evangelho, é bem, como já alguém disse, «aquele que está mais afastado», seja pelo espírito, seja pelo coração, o «samaritano do povo infiel e hostil abandonado na estrada».

E foi a este que o nosso Divino Mestre nos mandou que amássemos como a nós próprios por amor d'Ele. Toda a lei cristã se resume nisto: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo por amor de Deus.

O amor cristão do próximo é virtude teologal; quer dizer, é Deus que amamos nele, o próximo apresenta-se-nos como um sacramento de Deus escondido. Sem referência a Deus, o amor do próximo torna-se absurdo para o existencialista ateu, e idolatria vaga e impessoal para o iluminismo do filantropo.

Este amor do próximo como o amor de Deus recebemo-lo do próprio Deus: ele é, segundo formal ensino do Apóstolo das gentes, «o amor de Deus espalhado nos nossos corações pelo Espírito Santo». Deus nos amou primeiro, e o Natal é a encarnação do infinito Amor para se dar aos homens.

Amar a Deus e ao próximo, isto equivale a dizer: viver divinamente. Explicou com profundidade este mistério o Apóstolo que reclinou a cabeça no seio do Mestre. Deus é Caridade. Enviou ao mundo seu filho unigénito para vivermos por ele. Aquele que ama cristãmente tem em si a vida divina. Amar o próximo é testemunho de que Deus permanece em nós.

O Senhor ensinou que este seria o sinal pelo qual os seus discípulos haveriam de ser reconhecidos: — se se amassem uns aos outros. O Apóstolo S. João comentará mais tarde: «se alguém disser: eu amo a Deus e aborrecer seu irmão, é mentiroso. Porque aquele que não ama o irmão a quem vê, como poderá amar Deus a quem não vê»?

O amor do próximo, o próximo feito sacramento do irmão, o irmão visto como imagem de Deus e presença de Cristo, Cristo glorioso ou Cristo humilhado — o amor do próximo, eis o sinal autêntico do cristão.

Reconhecem-no implícitamente os mesmos que não querem adorar a «benignidade e humanidade» de Deus nascido no Presépio. Está hoje em voga acusar o Cristianismo de inautenticidade, farisaísmo, evasão deste mundo. Em rigor, a acusação visa mais os cristãos que o Cristianismo. Certo é, porém (poderia desde já avançar-se, com certo filósofo francês) que o farisaísmo parece actualmente mais frequente da parte do «publicano».

A purificação do «cristianismo» dos cristãos

Mas não deixará a crítica de servir á purificação do «cristianismo» dos cristãos. Há pouco tempo, uma das mais altas figuras da Igreja não hesitava em afirmar aos estudantes duma grande Universidade que o ateísmo contemporaneo contribuiria a purificar em muitos espíritos a ideia de Deus: o que tantos combatem será um deus filosófico ou mítico — não é o Deus cristão.

Uma revolução como o mundo jamais viu exige dos cristãos um enorme esforço de aprofundamento da Fé e da Caridade, para responder a todos os problemas novos postos ao homem; uma presença fiel, activa e confiante na construção do mundo novo; uma transparência de vida, que revele um catolicismo consequente, encarnado.

O amor do próximo tem de ser alargado a todas as dimensões do mundo, onde se torne necessária a luz e o amor deste Natal. Há-de ser grande como o Coração de Cristo.

Faço minhas, para concluir, palavras de Hans Urs von Balthasar, no fim do seu livro sobre Deus e o homem de hoje: — «Que o Cristianismo da humanidade de hoje, a qual entra em novas fases da sua evolução, possa acreditar-se como a resposta de Deus ás questões novas da humanidade, questões que nunca se ouvira pôr assim — dependerá duma maneira decisiva da profundidade com que os cristãos compreenderem, viverem e amarem a sua verdade cristã; do ardor com que se deixarem tomar pelo Espírito, que é um Espírito de eterna juventude; da resolução com que ousarem fazer face á hora da história do mundo, apoiando-se sobre todo o mistério da Igreja. E o êxito (se tal palavra pudesse aqui ter lugar) não é de esperar de sínteses fáceis entre a Igreja e o mundo, porque semelhantes sínteses são, tão pouco quanto possível, prometidas para o nosso tempo. A sua unidade fica um conceito escatológico. Mas, para um e outro lado, a salvação não se achará senão no seu encontro mais vivo (que será também, sem cessar e até ao fim, para a Igreja combate e perseguição)».

REVEILLON 1959/1960
Mais animado e melhor frequência
HOTEL VALE DE LOBOS
O Conjunto YORK MELODIES com FERNANDO REIS ao microfone
Informações e reservas pelos telefones: 25—130—094846—726111

REVEILLON 1959-1960
Mais animado e melhor frequência
HOTEL TURISMO DA ERICEIRA
O Conjunto TODÉ apresenta ao microfone RICARDO LUÍS
Informações e reservas pelos telefones: 25—130—094846—726111

DESPORTOS

SPORTING, 5 – FIRST VIENA, 0

Vitória sem quaisquer dificuldades

O guarda-redes do First antecipa-se a Vadinho que reapareceu, no Sporting, em boa forma

O dia de Natal foi bem aproveitado pelo Sporting que fez exibir no seu estádio o First Viena, actualmente «leader» do campeonato da Austria. O mau tempo, no entanto não propiciou a afluência de que se desejava.

Sob a arbitragem do sr. Virgílio Leitão, as duas equipas formaram:

SPORTING — Octávio de Sá; Lino e Hilário; Ferreira Pinto, Lucio e Mendes; Morais, Pérides, Vadinho, Diego e Seminário.

FIRST — Kraushofer; Kozick e Fischl; Pichler, Webora e Koller; Koisser, Buzek, Grohs, Senekowitsch e Wieger.

Aos 10 minutos, Hilário (magoado) cedeu o lugar a Morato.

Na primeira parte, os «leões» marcaram um unico golo, por intermédio de Seminário, aos 30 minutos, mas antes desfrutaram de inumeras oportunidades, submetendo-as visitantes a um aturado trabalho defensivo. A três minutos do intervalo, Seminário, que estava a ser objecto de «entradas» mais intencionadas, foi substituido por Carlitos, o qual foi ocupar o lugar de Morais, transitando este para extremo-esquerdo.

No segundo tempo o Sporting apresentou a seguinte formação: Sá; Valente e Morato; Ferreira Pinto, Lucio e França; Carlitos, Pérides, Vadinho, Romeu e Morais.

Aos 12 minutos, Carvalho substituiu Octávio de Sá, pelo que os leões actuaram, práticamente, com uma reserva, reforçada com Lucio...

A profunda remodelação justificou-se, dado que os Vienenses não denunciavam capacidade para provocarem qualquer surpresa.

O marcador, passou para 2-0 e 3-0, num espaço de um minuto, dos 10 aos 11, com golos de Vadinho e Morais, respectivamente. O Brasileiro, sempre oportuno, desarmou o defesa-central e atirou colocadissimo. O extremo obteve êxito mercê de um remate forte.

O jogo perdeu interesse, melhor dizendo, só contava com uma equipa a manobrar, a do Sporting, visto que o First raras vezes ultrapassava a linha divisória de meio campo.

Sempre ao ataque, os «leões» aumentaram para 4-0. «Corner» executado por Pérides e que Vadinho concluiu, excelentemente, com um eficaz golpe de cabeça.

Aos 32 minutos, Dirnberger entrou para o lugar de Fischl, que se lesionara, mas a mudança não trouxe qualquer benefício para os visitantes. Aos 33 minutos, Romeu, evitando a saída do guarda-redes, obteve o 5.º e ultimo tento.

Os dois ultimos minutos da partida foram disputados á luz dos projectores.

* * *

A vitória do Sporting não oferece qualquer contestação. Enquanto os Austríacos tiveram força e fôlego a manobra dos «leões» só deparou com entraves na concretização, devido á segurança e sorte do guarda-redes visitante. Depois, com os suplentes, o grupo de Alvalade, que exerceu largo domínio territorial, limitou-se a insistir em busca de mais golos que surgiram, com toda a naturalidade.

Surpreendeu a debilidade do First que, realmente, comprovou o declínio do futebol austríaco. Jogadores de técnica vulgarissima e manobra inconsequente a vincar uma anarquia na disciplina posicional.

O grupo de Alvalade podia ter conseguido uma vitória mais robusta, mas as cinco bolas a zero já são sinal suficiente de valor.

Todos os elementos do Sporting, actuaram em plano aceitável. Merecem, no entanto, um aceno de simpatia os titulares da reserva. Entre os Austríacos salientou-se o guarda-redes.

Boa arbitragem, aliás facilitada pela correcção de todos os jogadores. — F. S.

PROVAS DA A. F. L.

Os encontros de amanhã

Prosseguem amanhã as várias competições que a A. F. L. tem presentemente, em curso. Eis os encontros marcados:

Campeonato da 1.ª Divisão — Vilafranquense-D. Olivais, no campo de Vila Franca de Xira, ás 15.30 h. Operário-F. Benfica, no campo Armínio de Carvalho, ás 15 h.; Casa Pia-Sacavenense, no Estádio Pina Manique, ás 15 h.; Alhandra-Alverca, no campo da Hortinha, ás 15 h.; Sintrense-Vitória, no campo Manuel Soares Barreto, ás 15.15.

Estes encontros são antecedidos dos desafios de reservas.

Campeonato da 3.ª Divisão — Série B — 1.º Dezembro-Queluz, no campo Conde de Sucena; Cacém-Montelavarense, no campo Marquês de Pombal; Malveira-Belas, no campo das Seixas; Mucifalense-Lourel, no campo do Marcador. Todos ás 15.30 h. **Série C** — P. de Frielas-Camarate, no campo do Bonjardim; Castanheira-Tojal, no campo S. João; Loures-Povoense A. C., no campo da Areeira; Caneças-Bucelenses, no campo da Lapa; Zambujalense-P. de Loures, no campo Conde de Mendia. Todos ás 15.30 h.

Camp. de Juniores da 1.ª Divisão — Série A — Benfica-Estoril ás 10.30 h.; Torriense - Algés, Palmense - Atlético e Casa Pia-Arroios — Todos ás 11 h., nos campos dos clubes indicados em 1.º lugar. **Série B** — Vilafranquense-S. L. Olivais, Oriental-Alhandra, Sporting-Vialonga e Charneca-Belenenses — todos nos campos dos clubes indicados em 1.º lugar, ás 10.30 h.

HOJE À NOITE

BADMINTON—Prossegue o «Regional» da I Divisão com os encontros Benfica-Sporting e Direito-Triangulo, no Ginásio da Escola Nuno Gonçalves, e Lisboa Ginásio-Técnico, no Gil Vicente, ás 21 horas.

BASQUETEBOL — Em S. Gens: Oriental-Lisboa Ginásio, 2.ª categoria da I Divisão, ás 22 horas.

SESSÃO SOLENE — No Clube Fenianos Portuense, ás 21 e 30 horas, realiza-se uma sessão solene para encerramento das comemorações do 53.º aniversário do F. C. Porto.

Uma amnistia para os desportistas castigados

Por despacho do subsecretário da Educação Nacional, sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, foram reduzidas a metade, na parte que falta cumprir, todas as penas de suspensão e interdição que tenham sido aplicadas a dirigentes, atletas e a organismos desportivos.

—O Sporting-Leixões vai ser um jogo... «diplomático»...

A «TAÇA DE PORTUGAL»

Belenenses-Atlético e Sporting-Leixões são os principais encontros de Lisboa

Mais uma vez, os Campeonatos Nacionais da 1.ª e 2.ª Divisões são interrompidos para darem lugar á 2.ª mão da primeira eliminatória, na qual intervêm 42 equipas. Quer dizer, 21 ficam pelo caminho, incluindo alguns grupos que se não fossem os caprichos do sorteio e, vamos lá, a própria estrutura do torneio, bem podiam aspirar a uma permanência mais duradoura.

Os jogos são os seguintes (entre parêntesis, os resultados verificados na 1.ª mão), a disputar nos campos dos que se indicam em primeiro lugar:

ENTRE CLUBES DA 1.ª DIVISÃO
Belenenses-Atlético (3-2)
Sporting-Leixões (3-1)
V. Setubal-C. U. F. (2-0)

ENTRE CLUBES DA 1.ª E 2.ª DIVISÕES
Olhanense-Académica (0-1)
F. C. Porto-Beira Mar (1-0)
Benfica-Desp. de Beja (8-0)
Arroios-Lusitano de Evora (3-9)
Boavista-Portimonense (0-3)
Juventude-Sp. de Braga (1-5)
União de Coimbra-Covilhã (0-1)
V. Guimarães-Acad. Viseu (0-3)

ENTRE CLUBES DA 2.ª DIVISÃO
Chaves-Almada (1-3)
Torriense-Barreirense (2-3)
Vianense-Estoril (1-2)
Espinho-Lusitano V. Real (0-0)
Oriental-Olivais (1-3)
Caldas-Oliveirense (0-2)
Peniche-Farense (1-3)
Marinhense-Salgueiros (0-5)
Montijo-Sanjoanense (1-2)
Vila Real-Serpa (2-0)

Com excepção das equipas que triunfaram por larga margem — Benfica, Lusitano de Evora, Sporting de Braga e Salgueiros — nos restantes encontros pode haver surpresas, embora seja de admitir a supremacia do Sporting, Belenenses, Vitória de Setubal e F. C. Porto. No entanto, é de prever encontros emocionantes em Guimarães, Vila Real, Bessa, Marvila, Caldas e Peniche, onde os visitados tudo tentarão para anular as vantagens que os adversários lograram nos encontros da 1.ª mão.

Nos jogos da «Taça» tudo é possível. Quando menos se espera, a surpresa destroi todo e qualquer logicismo. Os golos é que contam — e nada mais.

Várias provas de amanhã

ANIVERSARIOS — No Sporting Clube da Penha, ás 21 horas, sessão solene comemorativa, sob a presidência do sr. governador civil.

BASQUETEBOL — Competência para ingresso no Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: Belenenses-Montijo (em Evora); e Galitos-Ginásio Figueirense (em Coimbra) ás 11 horas.

Campeonato Regional da 1.ª Divisão (1.ª categorias): Carnide-Lisboa Ginásio, ás 10 e 30.

Campeonato Regional da 2.ª Divisão: Rio Seco-Moscavide, ás 10 h.

Campeonato Regional da 3.ª Divisão; Pedrouços-Alvalade, Combatentes-Educação Física e Campolide-Internacional, ác 10 h.

Campeonatos regionais de juniores e infantis: Benfica-Sporting, Tabacos-Liberdade, Belenenses-Maria Pia, Nacional-Carnide, Sacavenense-Rio Seço, Queluz-Boa Hora, Atlético-Cruz Quebradense, Sporting A.-Algés, Campo de Ourique-Pedrouços, Educação Física-Ateneu, Moscavide-Oriental, Alvalade-Campolide, Paço de Arcos-Casa Pia, Universitário-Nacional A, Lisgás-Benfica A e Combatentes-Lisboa Ginásio. Jogos a partir das 9 e 30.

Campeonato da F. N. A. T., a partir das 10 horas.

CICLISMO — Conclui-se o campeonato regional de corta-mato, ciclo-pedestre, com a terceira prova nos terrenos anexos ao Estádio do Restelo.

DESPORTO CORPORATIVO —Prossegue o 18.º Campeonato Nacional de futebol da F. N. A. T., estando marcados os seguintes encontros:

Em Alvalade — A. Gaudêncio-Celcat (2.ª B), Covina-Fábrica Simões (2.ª B), S. C. Guerin-Refinaria (1.ª) e Simca-C. M. Cascais (2.ª B), respectivamente, ás 9, 11, 13 e 15 horas.

Em Belém — B. Carenque-F. C. Regina (2.ª C), S. C. Cervejas-F. C. Regina (1.ª Div.), S. N. Panificação-S. C. Cervejas (2.ª C) e A. Grandela-C. Telefones (2.ª C), respectivamente, ás 9, 11, 13 e 15 horas.

Na Picheleira—T. A. P.-Standard (2.ª C), ás 9 horas.

Em Sacavém — F. L. Sacavém-C. Telefones (1.ª Div.), ás 10 e 15 horas.

HOQUEI EM CAMPO — Final do Torneio de Abertura entre o Benfica A e o Futebol Benfica B, no Estádio do Restelo, ás 9 e 30 horas.

TIRO — No «stand» do Lúmiar, prova aos pombos, organizada pelo C. P. T. C., com início ás 15 horas.

Notícias Várias

● No 1.º jogo de futebol da Taça «Amizade», disputado ontem, o Sacavenense venceu o Olivais por 4-3. O 2.º encontro está marcado para 1 de Janeiro.

● Mannuel Faria segue depois de amanhã para São Paulo, onde participará na corrida de S. Sivestre.

● Disputou-se ontem a 16.ª jornada do Campeonato de Setubal (futebol), registando-se os resultados: Seixal, 4-Palmelense, 0; Sesimbra, 3 Casa dos Pescadores, 2; Moitense, 3 Grandolense, 1; Amora, 4-Sarilhense, 0 e Luso do Barreiro, 1-Desp. da Piedade, 0.

● No Campeonato Internacional de Ténis (juniores), que está a decorrer em Miami, os portugueses, Alberto Abreu e Carlos Leite de Castro, ficaram afastados do título principal. Alberto Abreu venceu o campeão do México, por 6-8, 6-1 e 6-4, mas perdeu com o norte-americano Frank Forebliy, por 6-0 e 6-1, devido a pouca sorte no bolar. Carlos Leite de Castro foi batido por Richard Bray, por 6-2 e 6-0.

● Chegam amanhã, a Lisboa, as equipas masculina e feminina de voleibol de Marrocos que na próxima segunda-feira defrontam as selecções portuguesas.

● Terminou ontem o campeonato sul-americano de futebol. No ultimo jogo, o Equador derrotou o Paraguai por 3-1. Classificação final: 1.º, Uruguai; 2.º, Argentina; 3.º, Brasil; 4.º, Equador e 5.º, Paraguai.

A excursão à Madeira de antigos estudantes de Coimbra

COIMBRA, 26 — A excursão á Madeira, organizada pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, que segue depois de amanhã, no paquete «Carvalho Araujo» partindo de Lisboa, ás 18 horas, despertou invulgar interesse e reuniu já meia centena de inscrições.

A excursão, que é acompanhada pelo sr. dr. António Carlos Pitarma Sabino, um dos seus organizadores proporcionará a confraternização entre antigos estudantes com aqueles que vivem na Madeira, onde uma comissão organizou, no Funchal, uma festiva e evocadora recepção. Durante a viagem, haverá a bordo do «Carvalho Araujo», várias festas típicas, com toda a sugestão coimbrã, incluindo fados e guitarradas, que se repetirão no Funchal, onde a embaixada académica é aguardada com invulgar interesse.

A excursão da Tuna Académica a França

A digressão artística da Tuna Académica da Universidade de Coimbra por terras de França constituiu mais um assinalado êxito que celebra as tradições e o prestígio da Academia. A embaixada, que já regressou a esta cidade, foi acompanhada pelos srs. prof. dr. Guilherme de Barros e Cunha e eng.º Alves Ferreira, director daquele valioso e afamado agrupamento artístico.

A apresentação da Tuna em várias cidades constituiu mais um grande triunfo, celebrado com o maior relevo pela Imprensa francesa e o ultimo espectáculo no grande Casino de Biarritz, foi um êxito verdadeiramente notável.

A entrega
do concurso dos prémios «O Natal visto pelas crianças»

Todos os participantes no concurso «O Natal visto pelas crianças», iniciativa do «Diário de Lisboa», ás quais foram atribuídos prémios e que os não receberam quando da inauguração do certame de arte infantil na Casa da Imprensa, podem fazê-lo na administração do nosso jornal na Rua da Rosa, 57, 2.º.

Durante o dia de hoje entregámos algumas dezenas de prémios. A segunda classificada, a menina Isabel Ferreira Ponciano, de 13 anos, da Escola Industrial Josefa de Obidos, veio esta manhã ao nosso jornal. O dr. Ruela Ramos, do conselho de administração da Renascença Gráfica, entregou-lhe os prémios, um magnífico estojo completo para pintura «Favrel», com tintas «Belarte», um util cavalete da «Favrel Lisbonense», uma admirável caixa de «drops» da Fomento Eborense e cinco interessantes livros da Editora Portugália.

Dada a afluência de visitantes á exposição aberta na Casa da Imprensa (Rua da Horta Seca, 20) e aos numerosos pedidos que recebemos, o certame fica aberto até ao dia 31, das 14 ás 19 horas.

O dr. Ruela Ramos entrega á segunda classificada do concurso «O Natal visto pelas crianças», um lote de prémios da «Favrel», da Fomento Eborense e da Portugália Editora

A jubilosa legenda do Natal, na sua expressão mais humana: a mãe, que exterioriza a alegria a iluminar-lhe a alma, aconchegando no regaço o filhinho nascido na hora solene da comemoração da natividade de Jesus

Na noite de Natal
nasceram duas crianças
na vila de Almada
entre manifestações de enternecido júbilo

Na Noite de Natal, precisamente quando ali se ouviam, através do Rádio Clube Português, as doze badaladas da meia-noite, no momento solene da radiosa natividade de Jesus, numa modesta casa, em Almada, num rés-do-chão, da Avenida D. João I, nasceu uma robusta e linda criança do sexo masculino, filha da sr.ª D. Vivette Correia Lopes Garrido, de 28 anos, e de seu marido, o serralheiro sr. João António Garrido, de 32, que trabalha em Lisboa, numa casa da Rua da Assunção. Casaram-se há dois anos.

Assistiram ao nascimento do risonho bambino, sua avó materna, sr.ª D. Deolinda Correia Lopes; a irmã da parturiente, sr.ª D. Delfina Correia Lopes, e a parteira, sr.ª D. Senhorinha Cabral. O pai, que, horas antes, se encontrava num estado de grande nervosismo e ansiedade, fora levado pela madrinha de casamento para sua casa na Rua Capitão Leitão, naquela vila. Quando recebeu a notícia de que tinha um filho, foi tal a sua alegria, tão intenso o júbilo íntimo, que irrompeu num choro convulsivo, abraçando todas as pessoas que o rodeavam, envolvendo-as em enternecidos abraços e beijos.

Correu célere a boa nova de ter ali nascido um menino, á mesma hora em que em Belém de Judá viera ao Mundo o Redentor; e quando o bom homem, cheio de

(Continua na 11.ª página)

Oito minutos
dos Restauradores aos terminais
das linhas do metropolitano de Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

Brasão Farinha, chefe da Divisão de Obras.

A estação dos Restauradores é a maior de toda a rede actual do metropolitano. Descendo a escadaria que abre em frente ao café Avis (encontra-se em acabamento a escadaria que vai terminar junto do Avenida Palace e prevê-se um tunel de comunicação para a outra margem dos Restauradores), chega-se, passando por uma ampla galeria, a um átrio de grandes dimensões. As paredes são de azulejos, da autoria de Maria Keil. Manchas de cor e motivos que recordam as porcelanas portuguesas de seiscentos, tão vincadamente influenciadas pelos nossos contactos com as artes indiana e chinesa, dão ao ambiente uma repousada alegria, humanizam o funcionalismo das bilheteiras e são uma nota de portuguesismo numa obra em que a contribuição do nosso país não pôde ir além da madeira do pinhal de Leiria, materiais de construção e mão-de-obra. Ao fundo do átrio, situam-se as bilheteiras (em cada uma das outras estações há apenas uma bilheteira), os canais de entrada e as cancelas de saída. Durante as horas de ponta, funcionará, aqui, um canal de entrada reservado apenas aos portadores de cadernetas de bilhetes. Seguem-se as escadas de acesso aos cais, também ladeadas por paredes de ladrilhos, divididas a meio por um corrimão metálico, de modo a permitirem a circulação em dois sentidos. Aqui, como nas escadarias, galerias, átrios e cais, avisos luminosos fornecem indicações uteis aos passageiros. Dominados por uma abóbada branca, cilíndrica, lançada com generosidade, os cais oferecem agradável sensação de amplidão e comodidade, reforçada pelo revestimento das paredes, um ladrilhado de combinação de cores suaves, desmaiadas, tão a carácter com a nossa cidade. Um gabinete para o chefe da estação, mapas da cidade com indicação dos percursos da rede, quadros para anuncios e alguns bancos de madeira, de longas linhas horizontais, completam o conjunto.

A primeira viagem

Uma composição que acabara de chegar aos Restauradores penetrou no tunel que prolonga a estação, a fim de mudar de via. Iniciou-se, então, eram 12 e 10, a primeira visita para os representantes da Imprensa. Quase ainda não houvera tempo para se observar o interior das carruagens, muito bonitas na elegancia metálica dos seus niquelados, na mancha azulada dos forros dos assentos e na intimidade dos revestimentos de madeira, quando o comboio se deteve. Era a primeira paragem: a estação da Avenida da Liberdade. Havia decorrido menos de um minuto desde a partida dos Restauradores.

Material de quatro países

Entretanto, eram prestados novos esclarecimentos aos jornalistas. A origem do material em serviço no metropoli... te e o m... de origem sueca; a... mecanica... de bomb... fornecim...

A outr... o sr. eng... ceu que ... ser cons...

O eng.º ... antes

O grupo de jornalistas descendo a um dos ... dores ac... nida Al... pela Av... Alvalade... da por ... ao servi... da obra... constru... os comb... pos e S... a ligaçã... bém log... sim suc...

MONTE CARLO
Avenida Fontes Pereira de Melo, 49-C
SENSACIONAL NOITE DE S. SILVESTRE
BOA CEIA, BOA MÚSICA, MUITA ALEGRIA
baile até de madrugada pelo
CONJUNTO SOUSA MACHADO
maiores de 15 anos
Reserve a sua mesa pelos telefones 44789 e 59264

GRANDE CAFÉ ...
RUA 1.º DE DEZEMBRO, 59 —
«Reveillon» 19...
A exemplo dos anos anteriores ... Salão deste Café a tradicional Ceia ... abrilhantada pela esplêndida orques...
MARCAM-SE MESAS

"Ao Ultimo Figurino"
Cumprimenta a sua Ex.ma Clientela, desejando-lhe boas festas e um ano feliz

Ourivesaria Santa Filomena
Cumprimenta os seus Estimados Clientes, Fornecedores e Amigos agradecendo-lhes as atenções recebidas, desejando-lhes FELIZ NATAL E UM NOVO ANO muito próspero.
LARGO MANUEL EMIDIO DA SILVA, 9-C
Telef. 783092
(Em frente ao portão do Jardim Zoológico)

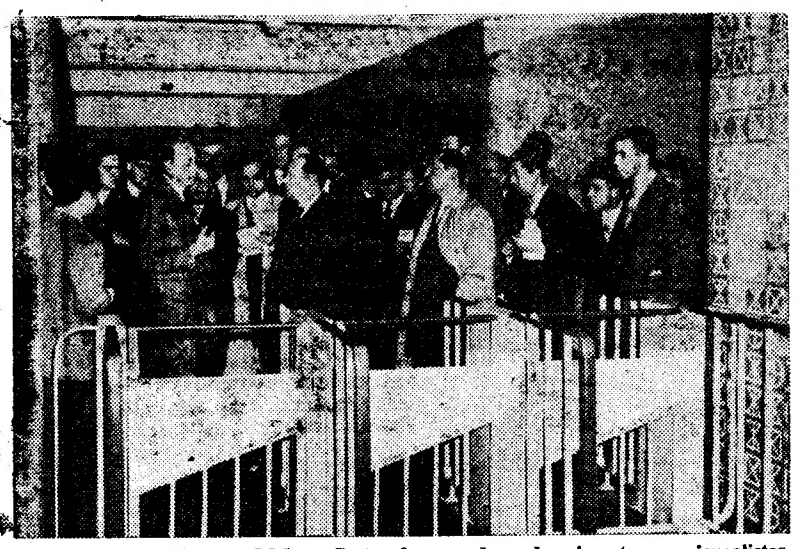
RONDA ... Mon...
MANUEL OUTERELO COSTA, reabre no pr... -Bar-Boite «Ronda», com a colaboração técn...
Especialidades do «Grill-Service» — Cozinha ... durante a hora do cocktail — Ch...
GRANDE RÉVEILL...
Reserva de mesas e informações pelo...
MAIORES DE 1...

HOTEL EMBAIXADOR
APRESENTA NO «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
A APLAUDIDA CANÇONETISTA FRANCESA
LAURA MELLEC
O CONJUNTO VOCAL DE IMPECÁVEL RITMO
«O «4 DE ESPADAS»
E
«Bailados Portugueses», de Fernando Lima
(Maiores 17 anos)
Amanhã: «Matinée» com todas as atracções. Chá completo, 25$00

Alinde a sua mesa nesta quadra com... uma novidade
EXPOSIÇÃO FEIRA IMAL
RUA CASTILHO, 235-A
Aberto das 10 às 24

Brindes aconselhados, são os relógios
Junghans
Para parede, mesa, despertadores ou em braceletes para homem, senhora ou jovens. Procure-os só nas relojoarias e ourivesarias

HOTEL DE TURISMO DE 4 ESTRELAS
REVEIL...
Jantar á A... S...
Conjun... Vocalist... (Tra...
Reservam-se mesas pel... (Para ma...



O eng.º D. Francisco de Melo e Castro fornecendo esclarecimentos aos jornalistas antes de entrarem na zona reservada aos passageiros do metropolitano

metropolitano: o material circulante e o material de baixa tensão são de origem alemã; a sinalização, sueca; a via férrea e as escadas mecanicas, francesas; a maquinaria de bombagem e ventilação de ar e fornecimento de energia, britanica.

A outra pergunta dos jornalistas, o sr. eng.º Mello e Castro esclareceu que a próxima fase da rede a ser construída ligará os Restauradores ao Rossio, subirá pela Avenida Almirante Reis e continuará pela Avenida de Roma, até atingir Alvalade. Esta linha será construida por secções que irão entrando ao serviço, sem se aguardar o final da obra. Assim, logo que estiver construida a ligação com o Rossio, os comboios vindos de Entre-Campos e Sete Rios irão ali. Seguir-se-á a ligação a Martim Moniz, que também logo entrará em serviço e assim sucessivamente.

...s descendo a um dos cais do metropolitano

Velocidade comercial de 30 km. á hora

Mal acabámos de sair da estação da Avenida, alcançamos a Rotunda. Com intervalos de apenas algumas dezenas de segundos, correspondentes a distancia de cerca de sete centenas de metros, seguiram-se as estações de Picoas, Saldanha, Campo Pequeno e Entre-Campos. Entrando em linha de conta com o tempo das paragens para entrada e saída de passageiros, as viagens são realizadas a uma média de 30 quilómetros horários. As automotoras nunca circularão a velocidades superiores a 60 quilómetros horários: não por falta de potência, mas devido á curta distancia existente entre as estações e á necessidade de assegurar a segurança dos passageiros.

Utilização dos bilhetes do metropolitano nos «eléctricos»

Chegados a Entre-Campos, os jornalistas subiram ao átrio da estação. As escadarias que daqui partem conduzirão, futuramente, a instalações de superfície da Companhia Carris. Logo que estejam concluídas estas instalações, estabelecer-se-ão correspondências, através das tarifas do metropolitano e em ambos os sentidos: no términus provisório de Entre-Campos, para as carreiras de eléctricos do Campo Grande e do Lumiar; no téminus provisório de Sete Rios, para as carreiras de eléctricos de Benfica e de Carnide.

Isto é, enquanto não for prolongada a rede do metropolitano até ao Lumiar e ás Portas de Benfica, os passageiros do metropolitano poderão utilizar, a partir das terminais actuais os «eléctricos» que conduzem ali, sem qualquer acréscimo de despesa.

Tendo regressado á Rotunda, os jornalistas, tomaram então um comboio que se dirigia para Sete-Rios, com paragens no Parque, S. Sebastião, e Palhavã, donde parte o tunel que conduz ás oficinas de manutenção de material, situadas á superfície.

No Parque, os jornalismtas abandonaram o metropolitano. A estação encontra-se a 25 metros abaixo do solo, o que obriga a um formato diferente da abóbada que cobre os cais.

E' a estação a nível mais baixo e é a unica que possui escadas rolantes.

Será esta uma das sensações do novo meio de transporte. Terminada a rápida subida da escada, que, aliás, a escada sobe por nós, encontra-se um átrio de saída ao nível da rua. Como nas outras estações, as cancelas de saída abrem apenas num sentido, mediante um sistema automático posto a funcionar pela simples pressão dos pés no solo.

A visita ao metropolitano terminou com o rápido regresso aos Restauradores. Havíamos realizado uma viagem inolvidável, que toda a população poderá fazer dentro de poucos dias. Lisboa terá adquirido o mais eficiente e rápido dos seus meios de transporte, pondo-se a par das grandes capitais europeias.

Abastecimento de água

Estão orçadas, respectivamente, em 2551 e 1600 contos, as obras de abastecimento de água a Caneças e á Fuzeta.

O pequeno levado
no navio "Libertad"
desembarcou no Rio de Janeiro
onde aguarda instruções sobre o seu destino

Não está ainda completamente esclarecido o caso do pequeno João Lourenço, que, no dia 8 deste mês, foi conduzido por uns marítimos argentinos para bordo do navio «Libertad», no qual seguiu com rumo á América do Sul, conforme o «Diário de Lisboa» então noticiou.

Chegou a dizer-se que o pequeno desembarcara em Las Palmas, mas soube-se depois que assim não sucedera e que continuara a viagem para o Brasil, onde a sua chegada, assinalada no Recife, primeiro porto de escala do navio, dera origem a algumas informações confusas sobre as circunstancias do embarque da criança e o seu destino futuro.

Agora, graças ao interesse que tomou sobre o caso a firma Orey, Antunes & C.ª Ld.ª, que estabeleceu contacto radiotelegráfico com o comandante do «Libertad», já se conhece mais alguma coisa acerca do destino do João Lourenço, embora persistam outras duvidas relativamente ao seu destino.

Sabe-se agora, com efeito, que o comandante do «Libertad», no momento em que o navio entrou na baía do Guanabara, recebeu instruções do director da Divisão da Polícia Marítima, para desembarcar no Rio de Janeiro o João Lourenço, que foi depois conduzido para a residência do vice-cônsul de Portugal, sr. João José Dinis. Embora integrado num ambiente tranquilo, rodeado de carinhos porventura por ele ignorados, o pequeno não mostra disposição para esclarecer a sua situação. Não é apenas o efeito de sua pouca idade — há mais um certo retraimento premeditado, que parece traduzir um propósito de não fornecer dados concretos sobre as circunstancias do seu embarque em Lisboa, na companhia dos marítimos que o encontraram numa casa de comidas do Bairro Alto.

Uma «conversa» telefónica com o pai

Irrequieto e brincalhão, o pequeno João desconcertou um pouco as pessoas que o interrogaram acerca da sua aventura, chegando a provocar, com as suas respostas, uma

(Continua na 11.ª página)

Um motorista
alvejado a tiro
por um guarda da P. S. P.

No Campo de Santana foi, ontem, alvejado no pescoço por um tiro disparado pelo guarda n.º 2 970, da P. S. P., o motorista José António Pereira Ribeiro, de 29 anos, residente na Rua de Moçambique, 58, 4.º, o qual recolheu ao Hospital de São José.

Segundo parece, o guarda, que ia á paisana, ao atravessar a rua por onde passava o automóvel guiado pelo Ribeiro, correu o risco de ser atropelado, o que o motorista evitou, com uma travagem brusca. O cívico increpou-o, usando de palavras ásperas, ao que o motorista respondeu, ao mesmo tempo que se apeava e se dirigia para o guarda. Travou-se discussão e o polícia desfechou a sua arma. Foi preso e o motorista também ficou sob prisão.

O tempo que faz

Informação de Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era moderado de Sudoeste, por vezes com rajadas fortes nas regiões do norte do continente. O céu estava muito nublado e chovia em algumas regiões a norte do Tejo por acção duma massa de ar maritimo, transportada na circulação conjunta dum anticiclone centrado a leste de Casablanca e duma depressão centrada a oeste da Irlanda.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS: Portalegre, 10°; Porto e Coimbra, 13°; Lisboa e Faro, 14°; Funchal, 16°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 15°,4; na água do mar, 13°,5.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 16°,0; mínima, 12°,9. No mesmo dia do ano passado: máxima, 15°,5; mínima, 9°,9.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu encoberto, tornando-se muito nublado. Vento moderado a forte, de Sudoeste, rondando para Oeste. Períodos de chuva e chovisco, passando a regime de aguaceiros. Pequena descida de temperatura.

JOIAS ANTIGAS
GRANDE VARIEDADE
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 2 4564

NOVO!

Para as roupas, para a loiça, *Det* é o detergente que oferece maiores garantias de asseio e economia.

EXPERIMENTE HOJE MESMO *Det* e verá a limpeza da sua casa aumentar.

Branco é... *Det* o lavou!

CIESA

CAFÉ NACIONAL
EZEMBRO, 59 — Telefone 27807 1
illon» 1959/60
os anos anteriores, realiza-se no vasto a tradicional Ceia do FIM DO ANO, esplêndida orquestra «Lua Azul».
SAS Maiores de 12 anos

A = Monte Estoril
COSTA, reabre no próximo dia 31, o Restaurante- m a colaboração técnica de **JULIO DE SOUSA** **-Service» — Cozinha Portuguesa — Musica diária ora do cocktail — Chás aos domingos**
GRANDE RÉVEILLON
as e informações pelos Tels. 060965 e 042339
MAIORES DE 15 ANOS

REVEILLON 1959/60
Jantar á Americana na noite de
S. SILVESTRE
Conjunto «VERA CRUZ»
Vocalista — Carlos Nunes
(Trajo de Passeio)
Reservam-se mesas pelo telefone 261, até ao dia 29
(Para maiores de 15 anos)

NOIVOS
As alianças e prendas da OURIVESARIA DA MODA dão felicidade!
Rua da Prata, 357

A esferográfica Parker T-Ball

...continua escrevendo, muito depois de qualquer esferográfica vulgar já estar gasta!

A diferença reside na qualidade Parker

É possível que outras esferográficas custem um pouco menos mas quantas há que possuam uma tão generosa reserva de tinta?

A esferográfica Parker T-BALL possui uma recarga que escreve *cinco vezes mais* do que a de qualquer outra esferográfica vulgar.

Já alguma vez comprou uma esferográfica barata correndo o risco de gastar muitas vezes o valor do custo em recargas de curta duração?

Isso não acontecerá quando possuir uma esferográfica Parker T-BALL visto ser esta a famosa esferográfica que escreve cinco vezes mais do que as outras com uma só recarga. E as recargas seguintes — à venda no seu fornecedor Parker em quatro grossuras e cinco cores de tinta — são baratíssimas. Todas elas possuem em exclusivo a ponta de textura porosa T-BALL que assegura maior duração e grande suavidade de escrita.

A esferográfica Parker T-Ball

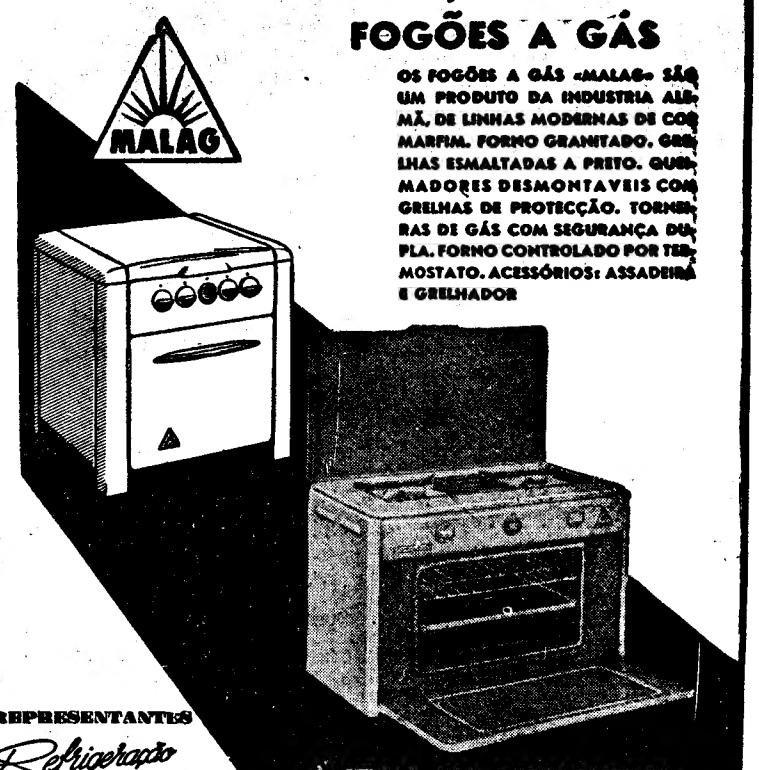
UM PRODUTO DE THE PARKER PEN COMPANY

Distribuidores exclusivos para Portugal:
VIALGA, Representações SARL — Av. António Augusto de Aguiar, 90-7.º—Tel. 733254—Lisboa

No. 9-8642

MAIS DE UM SECULO NA PRODUÇÃO DE FOGÕES A GÁS

OS FOGÕES A GÁS «MALAG» SÃO UM PRODUTO DA INDUSTRIA ALEMÃ, DE LINHAS MODERNAS DE CORMARFIM. FORNO GRANITADO. GRELHAS ESMALTADAS A PRETO. QUEIMADORES DESMONTAVEIS COM GRELHAS DE PROTECÇÃO. TORNEIRAS DE GÁS COM SEGURANÇA DUPLA. FORNO CONTROLADO POR TERMOSTATO. ACESSÓRIOS: ASSADEIRA E GRELHADOR



REPRESENTANTES
Refrigeração POLAR LIMITADA
À VENDA NOS REVENDEDORES
RUA DA EMENDA, 66 R/C — LISBOA
Telefones 29016/7/8

O GRANDIOSO REVEILLON
— do —
BARRETE VERDE
EM BENAVENTE

O mais luxuoso original e típico Restaurante do Ribatejo
2 ORQUESTRAS — 1 CONJUNTO MUSICAL — 3 RANCHOS FOLCLÓRICOS — FANDANGO — CANTARES REGIONAIS — O «TRIO BOREAL» — ETC.

*

DIA DE ANO NOVO
Almoço e Jantar com Ementas Especiais

N. B. — Nestes dias, entre várias atracções, exibe-se o RANCHO FOLCLÓRICO INFANTIL DA CASA DO POVO DA CHAMUSCA, composto por 42 crianças

*

AMBIENTE DE DISTINÇÃO E ALEGRIA NO CORAÇÃO DO RIBATEJO
(MAIORES DE 15 ANOS)
Marcações de mesas pelo telf. 74 — BENAVENTE
Em Lisboa, para transporte e marcações com tudo incluído, na
LUSANOVA
AVENIDA JOÃO XXI, 9-A — TELEFS. 726116 E 726115
Podem também ser feitas marcações no Largo Martim Moniz, 14
(Pavilhão das Malas) — Telef. 86 45 12

DISCOS
DE NATAL E DE OUTROS GÉNEROS
AS ÚLTIMAS NOVIDADES

Visite a secção de discos da casa
Custódio Cardoso Pereira & C.ª
RUA DO CARMO, 11
LISBOA

Fernando Cardoso
Fabricante e criador de modelos de Malas de Senhora e Sócio-gerente da
CASA CARDOSO, LDA.
RUA DA PALMA, 3 E 3-A — LISBOA
Deseja á sua Ex.ª Clientela e Amigos, Colegas e Fornecedores Festas Felizes e o futuro Ano Novo cheio de prosperidades.

O caso da criança levada no "Libertad"

(Continuação da página central)

certa confusão em relação á sua identidade e á dos seus pais.

O seu amável hospedeiro chegou, mesmo, a tentar, por meio de um artifício, despertar um choque emotivo na criança, para obter uma declaração mais segura. Aproveitando uma extensão do telefone, fez uma chamada para o seu pequeno hóspede dizendo ser de Lisboa e fingindo tratar-se do pai.

— Joãozinho, daqui fala o pai.
— Que quer?
— Quero tornar a ver-te.
— Pode vir quando quiser.
— Mas não sei onde estás.
— Descubra se quiser! — foi a resposta seca do João, que cortou imediatamente, e sem cerimónia, a ligação.

Interrogado novamente pelo vice-cônsul, respondeu sem a menor emoção que a pessoa que lhe falara era o pai e não adiantou mais nada.

O João aguarda instruções sobre o seu destino

Entretanto, em Lisboa, o Ministério dos Negócios Estrangeiros, que tomara primeiro conhecimento, oficialmente, da presença do pequeno passageiro «clandestino» a bordo do «Libertad» por uma comunicação do nosso cônsul no Recife, onde o navio passara no dia 16, tomou as primeiras providências, para evitar que a criança fosse levada para a Argentina. Entregue aos cuidados do nosso consulado no Rio, o pequeno, que ali desembarcou no dia 20, aguarda agora que ali cheguem novas instruções, através do Ministério dos Negócios Estrangeiros, para que se decida do seu destino. Mas enquanto não chegam essas instruções, o João Lourenço passa agora, seguramente, o seu melhor Natal.

Pouco depois de nascer no hospital de Almada, esta criança recebe, ante o olhar enlevado da mãe, os cuidados ternos de uma enfermeira

Os nascimentos na noite de Natal

(Continuação da página central)

felicidade, corria para o seu modesto e feliz lar, todas as pessoas lhe davam os parabéns, retribuindo ele com manifestações de transbordante carinho e lágrimas nos olhos. E não se continha que não as abraçasse e as beijasse, também.

Depois houve uma romaria de gente, amigos, vizinhos, conhecidos, populares que iam ver o bebé e felicitar o singelo e feliz casal. Até ás quatro horas da manhã, durou a festa, esfusiante de alegria, envolvente de simpatia humana, na qual participaram os visitantes, que foram obsequiados com licores.

O caso constituiu um verdadeiro acontecimento que ontem e hoje se celebrou alegremente em Almada.

A sr.ª D. Vivette Garrido, diz-nos que, de acordo com o marido, vão dar á criança o nome de João Paulo de Jesus Garrido.

Uma menina nasceu na primeira hora do dia de Natal

Num dos quartos particulares do hospital daquela vila nasceu, também, á uma hora da madrugada de ontem, uma menina, filha da sr.ª D. Maria de Lourdes Alcantara Cavalheiro da Silva, de 20 anos, e de seu marido, o sr. João Cavalheiro, de 26, empregado no comércio, residentes na Rua 31, lote 47, 2.º-dt.º, na Cova da Piedade. Mãe e filha encontram-se bem.

Embevecida na contemplação de sua filhinha, linda e sorridente, disse-nos a mãe que ela terá o nome de Natália de Jesus, por ter vindo ao Mundo no Dia de Natal.

Treze crianças nasceram em Lisboa na noite de Natal

E' quase sempre motivo de dupla alegria para os pais o nascimento de crianças na noite de Natal, a mais bela noite do ano, se bem que para os neófitos essa data venha a trazer-lhes, pelos anos fora, algumas desvantagens, no volume de prendas a receber...

Mas, de qualquer modo, é sempre curioso verificar o aparecimento de novos seres na data em que Jesus também veio ao Mundo.

As nossas investigações, junto de maternidades e clínicas oficiais e particulares, permitiram-nos conhecer treze casos de crianças nascidas na noite de Natal, de anteontem para ontem, só em Lisboa.

Assim, na Clínica Cabral Sacadura, da Avenida António Augusto de Aguiar, nasceu á meia-noite, precisamente, uma criança do sexo masculino; e ás 23 e 30, uma do sexo feminino. Na Maternidade Santa Bárbara, do Hospital de S. José, nasceram dois rapazinhos, ás 0 e 5 e ás 4. No Hospital do Ultramar, uma menina, ás 0 e 30. Na Maternidade Alfredo da Costa, uma menina, ás 0 e 40; e dois rapazes, ás 4 e 8 e ás 5 horas. Na Clínica de S. Miguel, uma menina, ás 0 e 45. Na Maternidade Magalhães Coutinho, duas meninas, ás 23 e ás 7 e 30. Na maternidade da Associação de Socorros Mutuos de Empregados no Comércio, de Lisboa, um rapazinho, ás 7 e 55; num lar de gente pobre, na Galiza (S. João do Estoril), também nasceu um menino.

No total: sete rapazes e seis raparigas.

No Estoril nasceu uma menina

Cinquenta minutos após a meia-noite do dia 24, na Maternidade do Estoril, nasceu uma criança do sexo feminino. São seus pais o sr. Alexandre Lopes Rosa e a sr.ª D. Filomena do Carmo Lopes. A criança pesava dois quilos e setecentas.

O fabrico de automóveis

(Continuação da 6.ª página)

vantagens de transição e dos adiamentos de prazos na desmobilização aduaneira, perspectivas que alterassem substancialmente os dados já conhecidos. O empreendimento da industria do automóvel em Portugal será experiência muitíssimo delicada, quer sob a forma de montagem, quer de fabrico — mas muito principalmente neste ultimo caso.

O Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automoveis e Acessórios do Sul constituiu para estudo do assunto uma Comissão Técnica que, há precisamente um ano, apresentou relatório pormenorizado sobre as vantagens do estabelecimento da industria de montagem no nosso País. Muito recentemente, porém, foram distribuídas circulares bancárias em que se propõe a subscrição de acções da nova empresa interessada no fabrico de automóveis. Nelas se elucida que o capital da empresa será de 250.000 contos, competindo 10 % da subscrição ao Banco de Fomento, 15 % á organização francesa Renault, 15 % á organização italiana Alfa-Romeo e 60 % aos particulares ou empresas nacionais que quiserem participar no empreendimento. A Comissão Técnica do Grémio acaba de apresentar novo relatório sobre estes desígnios da projectada industria de fabrico de automóveis — documento de alto interesse para todos os que acompanham a evolução das possibilidades e intenções neste sector industrial e desejam ajuizar das condições em que virá a concretizar-se.

Afirma a referida Comissão, na ausência de legislação que conceda especiais facilidades ou protecções, que a industria do automóvel não é presentemente viável no nosso País. E, se tal legislação vier a ser promulgada, procurando tornar essa industria economicamente possível, é de esperar que ela ofereça iguais incentivos para todos quantos queiram montar ou fabricar automóveis, sem outra graduação senão a que se relacione com a percentagem de conteudo de material nacional, quer este seja fabricado pelas próprias empresas ou por outras fábricas nacionais já existentes ou ainda a instalar.

Salienta o novo relatório, todavia, que a industria automovel está sujeita a frequentes fracassos. Mesmo as maiores empresas com longa experiência não encontraram ainda a fórmula que elimine o factor risco comercial. O lançamento de novos modelos anualmente é uma necessidade inevitável nesta industria e cada novo modelo que se lança traz consigo o risco do insucesso, que se por vezes passa despercebido ao publico consumidor, nunca deixa de ser sentido pelos accionistas da empresa

Entende a Comissão Tecnica que cumpre aguardar as resoluções do Governo em tão delicadas matérias, tanto mais que ao libertar a industria de montagem das sujeições do condicionamento deixaram implícitamente estabelecido os nossos governantes o seu designio de que a industria do automóvel se instale entre nós em regime de livre concorrência interna, para mais segura defesa do consumidor. Esse critério ajusta-se, de resto, ao princípio repetidamente afirmado de que a industria portuguesa em geral terá de preparar-se para defrontar em mercado aberto a concorrência europeia definida na Convenção de Estocolmo.

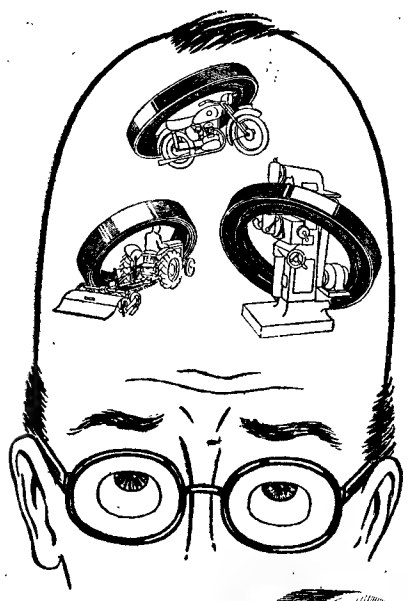
O relatório agora divulgado pelo Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Sul apresenta, nestes termos, um interesse fundamental para o conhecimento dos problemas que envolvem a hipótese da criação da nova industria. Outros pontos de vista virão a manifestar-se, decerto, no esclarecimento deste assunto que será de toda a vantagem debater publicamente na maior amplitude e diversidade das suas perspectivas.

PIERRE DE GAULLE está muito doente

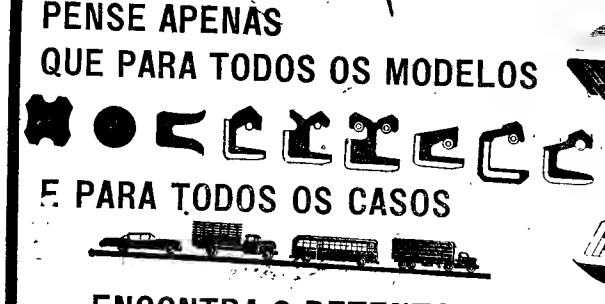
PARIS, 26 — Agravou-se o estado de saude de Pierre de Gaulle, irmão do presidente da Republica e antigo presidente do Conselho Municipal de Paris. Receia-se que não consiga sobreviver. — (F. P.).

HIPOTECAS
QUALQUER MARCA
QUALQUER SÉRIE
QUALQUER IMPORTANCIA
QUALQUER TEMPO
Sobre automóveis
RUICAR
RUA SANTA MARIA, 27-G, 1.
Telefone: 53884

QUANDO PENSAR EM RETENTORES DE ÓLEO



PENSE APENAS QUE PARA TODOS OS MODELOS



E PARA TODOS OS CASOS

ENCONTRA O RETENTOR QUE PRECISA NA
AUTO-LUSO AMÉRICA, LDA.
PRAÇA DA ALEGRIA, 66-C — LISBOA
O MAIOR SORTIDO DO PAÍS EM RETENTORES

POLICLÍNICA
CAMPO D'OURIQUE
Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-Dt.
Telefone 66 99 64
Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr. Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas

NA LOTARIA DO NATAL
OS
TRAVASSOS
VENDERAM PRÉMIOS QUE ATINGIRAM O VALOR DE MAIS DE
1.000.000$
ENTRE OS QUAIS SE DESTACAM OS SEGUINTES
25717 ..... 250.000$00

12033 — 52.300$00	7491 — 12.300$00
12572 — 52.300$00	21141 — 12.300$00
14740 — 50.000$00	21142 — 12.300$00
19297 — 50.000$00	799 — 10.000$00
10015 — 25.000$00	19205 — 10.000$00
18010 — 25.000$00	32579 — 10.000$00

NÃO PERCA A DERRADEIRA OPORTUNIDADE DE AINDA
SER RICO EM 1959
HABILITE-SE NOS
TRAVASSOS
à última lotaria do ano
1.º PRÉMIO
5.000.000$
2.º, 1.500 contos — 3.º, 500 contos
Bilhetes, 1.000$00; meios, 500$00; décimos, 100$00; cautelas, 20$00
Pelo correio mais 2$50
Rossio, 42 — LISBOA-2 — R. da Palma, 43
Apartado 2038

kitty

CONSERVE
A SUA SAUDE
TOME
SUMOS FRESCOS
DE FRUTA E LEGUMES
OBTIDOS PELO
KITTY
São fonte de origem de
vitaminas e de sais minerais

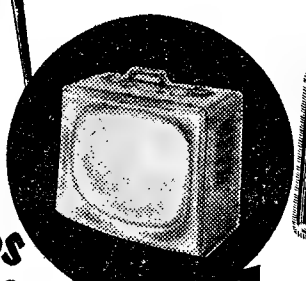
À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

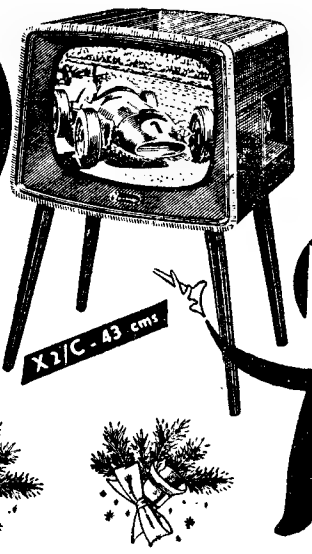
REPRESENTANTES
Refrigeração
POLAR
LIMITADA
Rua da Emenda, 66 r/c. Frente - TEL. 29016/7/8 - LISBOA

Para assinalar as FESTAS deste ano

TiT

ofereça um dos 3 televisores da linha





CENTRO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA · LISBOA
REPRESENTANTE EXCLUSIVO
CENTRO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA
RUA D. JOÃO V, 2 TEL. 680007 LISBOA

AUTOMÓVEIS USADOS...
...MAS EM BOM ESTADO

DAS MAIS VARIADAS MARCAS E PARA TODOS OS PREÇOS. REVISTOS NAS N/ OFICINAS E NAS MELHORES CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

COMAL

ESTAÇÃO DE SERVIÇO — AGÊNCIA GOGGOMOBIL
Av. Álvares Cabral, 45-B — Telef.: 680160 - 688525

HAVAS

vinhos MESSIAS

messias
vinhos de mesa
espumantes naturais
vinhos do Porto
aguardentes velhas

MESSIAS
Grandes vinhos de Portugal

CAFÉ CORUJA
Restaurante típico
Coruche — Telefone 114
Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçoila
Cabrito á Moda da Casa
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

GIRA - DISCOS
Dual
Estereofónicos com amplificação
Cabeças e agulhas para «pick-ups» de todos os tipos
FAZEM-SE TROCAS
CASA J. GONÇALVES
Rua António Enes, 14
Tel. 43576 — LISBOA

CAMISAS
As melhores qualidades
Os melhores preços
TORRE EIFFEL
104—RUA DO CARMO—106

SOCIEDADE GERAL

CARREIRAS	
METRÓPOLE ÁFRICA	**Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU (Via FUNCHAL)** N/M «ANA MAFALDA» — A 10/1/60. Carrega em Lisboa para CABO VERDE a 8/1/60 e para BISSAU a 7/1/60. Carga Frigorífica dia 9/1/60 até ás 12 horas. Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes **Para: LEIXÕES, S. VICENTE, PRAIA, BISSAU (se convier), PRINCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO e MOÇÂMEDES** UM NAVIO a 13/1/60. Carrega em Lisboa de 7 a 11/1/60. Passageiros de 1.ª classe
NORTE EUROPA ANGOLA	**Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES** N/M «ARRAIOLOS» — À carga em HAMBURGO, BREMEN, ROTERDÃO e ANVERS até 8/1/60. Em Lisboa só para MATADI a 14/1/60 N/M «AMBRIZETE» — À carga em HAMBURGO, BREMEN, ROTERDÃO e ANVERS de 16 a 29/1/60. Em Lisboa só para MATADI a 4/2/60
ANGOLA NORTE EUROPA	**Para: ANVERS, ROTERDÃO, HAMBURGO e BREMEN** N/M «ALCOBAÇA» — À carga nos PORTOS DE ANGOLA de 8 a 24/1/60 N/M «ANDULO» — À carga nos PORTOS DE ANGOLA de 10 a 27/1/60
ANVERS PORTUGAL	**Para: LEIXÕES, PORTO e LISBOA** UM NAVIO — À carga em ANVERS a 7 e 8/1/60 N/M «ÁFRICA OCIDENTAL» — À carga em ANVERS a 14 e 15/1/60

LISBOA — R. do Comércio, 39 — Telef. 26314/5 — Telegramas GERAL
PORTO — R. Sá da Bandeira, 82 — Telef. 27363 — Telegramas SABÕES

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

livação, fazendo coincidir um jacto de luz vermelha com o reflexo nato da salivação, provocado com a introdução de um bocado de carne na boca do animal.

Repetindo tal experiência durante um determinado período de tempo a luz vermelha originaria, só por si, abundante salivação.

A experiência de Pavlov, conhecida e confirmada no mundo científico, é a do toque da campainha.

Quando se dá carne a um cão, devido a um reflexo absoluto, o animal saliva. Com um despositivo simples recolhe-se a saliva produzida, que é (em seguida) medida e analisada.

Antes de dar carne ao cão faz-se tocar a campainha. Estabelece-se desta forma a relação «campainha-carne-salivação». Tal experiência deverá ser repetida durante vários dias. Passado o período de treino, o simples toque da campainha provoca profusa salivação. Tanto em quantidade como em qualidade, a saliva que se obtém desta forma é idêntica á que se consegue com a carne.

Este procedimento experimental de Pavlov permitiu revelar uma das funções do sistema nervoso — a transformação — devido a um sinal, num estímulo organico.

Em contrapartida, a destruição total do córtex, ou de determinadas zonas, impediria a formação do reflexo condicionado.

Contudo — acentua Pavlov — a relação é temporária. Se, durante um lapso de tempo, a campainha toca sem se apresentar carne ao animal, o reflexo esfuma-se e desaparece.

Há, pois, diferença entre reflexos condicionados e reflexos absolutos, isto é, entre reflexos provocados e reflexos natos (Best e Taylor, «The Living Body: A Test in Human Physiology», Londres, 1959).

Baseando-se no estudo do reflexo da micção, Pavlov decidiu que a noção de reflexo condicionado deveria ser ampliada.

Nas condições normais, todo e qualquer reflexo absoluto se reveste de reflexos condicionados de complexidade variada. Partindo desta noção, prognosticou que os reflexos condicionados se poderão transformar, no decurso da evolução, devido a um processo de filogénese, em reflexos não condicionados, absolutos.

São do próprio Pavlov estas palavras proféticas: «Poder-se-á admitir que certos reflexos condicionados, recém-formados, se transformariam, mercê das leis da hereditariedade, em reflexos não condicionados».

As teorias expostas por Pavlov, defendidas pelos actuais investigadores russos, desencadearam prolongadas discussões, cujo eco se ouve ainda.

Por volta de 1870 pouco ou quase nada se conhecia da biologia dos grandes hemisférios cerebrais. O cérebro dos animais e o do próprio homem continuava inacessível aos sucessivos empreendimentos fisiológicos. Só a partir daquele ano, ou talvez um pouco mais tarde, os fisiologistas alemães iniciaram, com método germanico, o estudo das funções cerebrais, utilizando processos de irritação e de destruição.

Em seguida, outros investigadores certificaram que as diferentes zonas cerebrais, inacessíveis á excitação artificial, possuíam funções distintas.

Pavlov, em seus longos períodos de meditação, interrogava-se e procurava adivinhar a razão íntima do comportamento superior e complexo do animal.

Para ele, para o grande investigador russo, a razão parecia evidente: a actividade dos hemisférios não tinha ainda sido estudada como a das outras partes do organismo. Tudo se desconhecia, então no que respeitava á actividade psíquica.

No entender de Pavlov, não competia á psicologia auxiliar a fisiologia dos grandes hemisférios; seria a fisiologia que deveria orientar a análise científica da vida subjectiva do homem.

Toda a actividade do organismo é regida por leis — repetia Pavlov; se o animal se não adapta rápidamente ao mundo exterior, está destinado a desaparecer. O animal tem de reagir ás influências do meio de forma a pré-viver e a existir.

Não se interessava pelos centros cerebrais em si, mas pelo seu funcionamento em relação ao meio ambiente e ás realidades da vida.

Esses centros não representariam mais do que um vasto complexo de receptores e analisadores, cuja missão seria a de decompor em elementos simples a complexidade do mundo exterior e da vida interior do organismo, e coordená-los em seguida.

O córtex cerebral, segundo Pavlov, constituiria uma unidade funcional, vasto sistema de análise, isto é, gigantesco e bem imaginado quadro de sinalização

As muitas experiências realizadas em cães (reflexos condicionados), levaram Pavlov a advogar a diversidade de sistemas nervosos nos diferentes animais, pois o grande fisiologista russo capacitou-se de possuir os dados suficientes para classificar o sistema nervoso, segundo características fundamentais.

Chegou mesmo a esquematizar quatro tipos diferentes, dividindo-os em fortes e fracos, equilibrados e não equilibrados.

Tal classificação de Pavlov assemelha-se deveras á da divisão clássica dos temperamentos

Talvez sem o desejar, o investigador russo abordou um dos capítulos mais discutidos da psicologia e da medicina psicossomática, ainda hoje isentas de grandes possibilidades profiláctica e de indicações terapêuticas exactas.

Estudando os animais e o homem, Pavlov foi genial quando afirmou, situando o problema, que a «palavra» correspondia ao segundo sistema de sinalização.

A actividade do segundo sistema estaria submetida ás mesmas leis fundamentais que estabeleceu para o primeiro, leis que considerou como característica essencial da teoria dos reflexos.

A partir do reflexo condicionado simples e banal, arquitectou uma teoria que procurou englobar o homem numa síntese notável, adivinhando-se, consequentemente, a relação entre o pensamento e a matéria (discutida por Descartes), entre o ser humano e o ambiente.

Qualquer que seja o campo ideológico em que o homem se encontre, não há duvida, de que as teorias de Pavlov impressionam não só pela lógica, unidade e inteireza, mas também pelo processo de cerebrização, e ainda pelo espírito racionalista independente e seguro, teorias tão diferentes das dos psicólogos idealistas.

Do conhecimento dessas teorias se conclui: 1.º adivinha-se o sistema nervoso na causa longe de todas as doenças; 2.º a doença é o produto da luta com o meio; 3.º só o córtex desempenha uma actividade fundamental; 4.º a etiologia da profilaxia reside no exacto conhecimento do meio ambiente.

Daí se partiu, mais tarde, para o parto sem dor e para a terapêutica pela hipnose, dois acontecimentos que bem explicam a actualidade da obra de Pavlov.

A. d'E.

HOMENAGEM

a um exemplar guarda de caça

Adão R. Baltasar

Desde há anos que o guarda especial de caça, sr. Adão Rodrigues Baltasar, da Comissão Venatória de Oeiras, vem prestando assinalados serviços, opondo-se á prática de abusos condenados pela lei e perseguindo os contraventores, em especial aqueles que, munidos de licenças de caça e porte de arma se entretêm a matar pombos, incluindo pombos-correios, pelo que a Sociedade Columbófila de Algés resolveu, e muito justamente, testemunhar a sua homenagem e o seu reconhecimento pela acção humanitária do exemplar funcionário.

BEBA BARRITOS
VERMUTE COM GIN

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 5.ª página)

Lorca, que abre o espectáculo, com Carmen Dolores e aquele artista em duas espantosas criações.

Primeiras exibições

«A bailarina e o bom Deus», no Avis

Sem qualquer intuito publicitário, o publico lisboeta tem no Avis um filme que não deve perder. Numerosas são as películas de assuntos mais ou menos infantis e fantasiosos que se estreiam nesta quadra, «A bailarina e o bom Deus» não é, todavia, apenas mais um... Sim, um espectáculo de raro encanto, que nos enternece e joga com a sensibilidade mais apurada. Em meia duzia de palavras, narra-nos a odisseia poética de um rapazinho órfão que, á semelhança de Jesus, decidiu escolher a sua própria mãe .. A selecção recaiu numa jovem e escultural bailarina. A convivência criou sérios embaraços á linda artista. mas os sentimentos bons acabaram por triunfar. Tudo isto, entremeado com muita graça, muita ternura e muito imprevisto.

Vittorio de Sica é o grande nome do elenco, mas a verdadeira «vedeta» é o pequeno Roberto Risso, um poema de graciosidade. Estamos, na verdade, na época dos pequenos «fenómenos», e o encantador Roberto merece um lugar de evidência. Vera Cecova vai bem no seu papel de mãe á força. E Leonviola realizou um belo filme, cuja história, bastante original, também construiu.

Entre os complementos, destaca-se o colorido, em «cinemascope», «Flechas sobre o gelo», sobre as arrojadas e alucinantes corridas sobre a neve, em Cortina D'Ampezzo. — *Visor 14.*

«Passagem para Hong-Kong», no São Jorge

A Organização Rank decidiu tentar a produção de filmes de aventuras e encarregou L. Gilbert dessa tarefa. O cineasta inglês realizou-a com eficiência e alguma ironia.

«Passagem para Hong-Kong» é a narrativa da aventura de um vagabundo europeu nos mares da China. Curt Jurgens, expulso de Hong-Kong sob a acusação de desordem, viaja entre a cidade inglesa e Macau, onde lhe recusam a entrada. A sua vasta e sólida presença enternece uns, como a professora, Sylvia Syms, e enfurece outros, como o comandante Hart, Orson Welles. Curt Jurgens redime-se em duas atitudes de coragem que quebram a prosápia de Orson Welles. Duas notas: uma sobre a dobragem das tiradas de Welles, que ele próprio executa não muito satisfatória, sob o ponto de vista técnico, outra acerca do aparecimento dos piratas que parecem baralhar-se com soldados da China popular.

Filme agradável e divertido, sem ambições e por isso mesmo sincero, digamos até consciente do seu valor. «Passagem para Hong-Kong» é um cartaz oportuno. — *Visor 30.*

«O amor e uma cabana», no Roma

Cem por cento divertido, que nos ajuda a passar o tempo e a esquecer os problemas do dia-a-dia durante mais de uma hora, «O amor e uma cabana» é um filme espanhol, de excelente nível, que nos apresenta mil e uma peripécias de um jovem casal sem dinheiro. Para obtê-lo, marido mulher arriscam-se ás mais temerárias e hilariantes situações.

Trata-se de uma película repleta de originalidade e de imprevisto, cuja história é da autoria de Fernando Fernan Gomez, que também realizou o filme, de que é também o seu principal intérprete masculino, multiplas facetas em que demonstrou sobejamente o seu talento. A seu lado, a bela e insinuante Analia Gade, num papel difícil mas inteligente e entusiásticamente cumprido, mostrando-se uma artista de raro equilíbrio.

«O amor e uma cabana» é um filme que dignifica a progressiva cinematografia espanhola e põe em desolador contraste o triste panorama português da especialidade.

Complementos bons e variados. — *Visor 15.*

*

Anteontem, Analia Gade e Fernando Fernan Gomez chegaram a Lisboa, conferenciando com representantes da Imprensa e assistindo, ontem, á estreia do seu filme, no Roma, onde foram justa e calorosamente aplaudidos.

Coliseu

O delírio das crianças! O entusiasmo dos adultos!

Hoje, num espectáculo a que podem assistir crianças de todas as idades, as maravilhosas atracções da Grande Companhia de Circo. Kinito, o Rei da Gargalhada e outras novidades. Amanhã, á tarde, entrada gratuita ás crianças até 10 anos. A' noite podem assistir crianças.

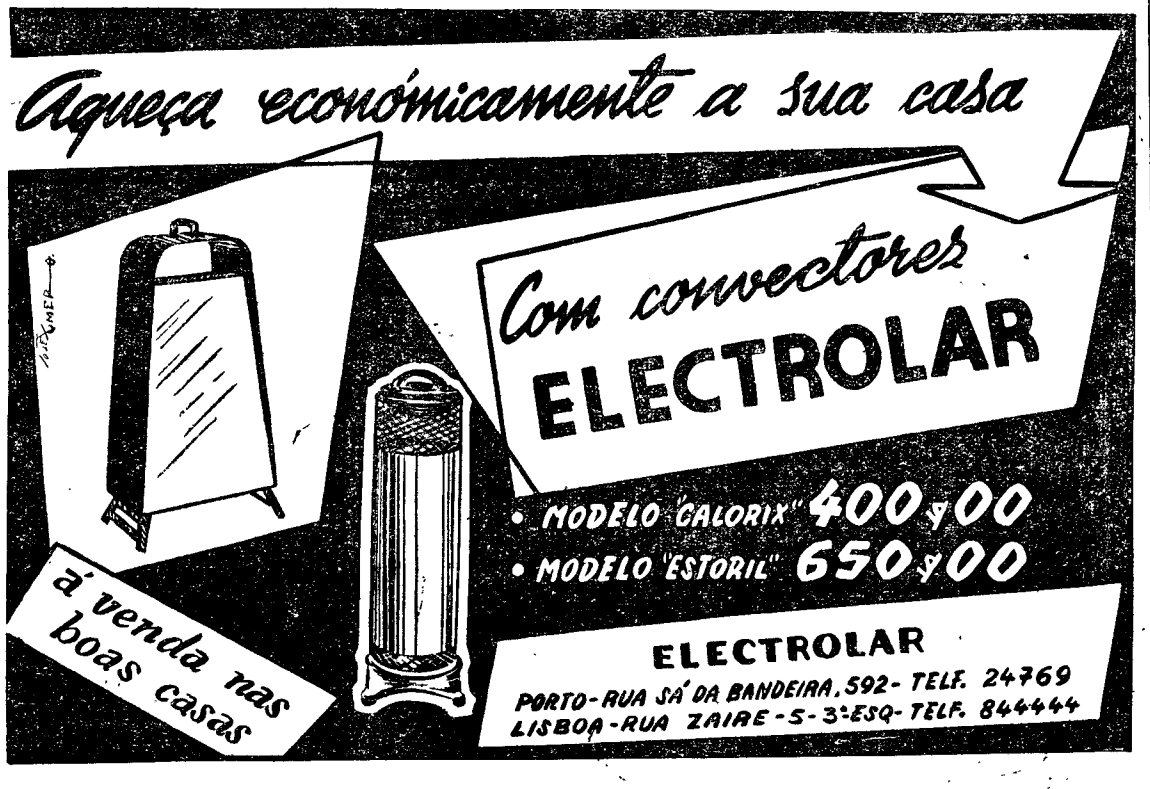
O Coliseu! Eis a alegria da petizada! O Coliseu! Eis o entusiasmo dos adultos! Todo o publico aplaude delirantemente a Grande Companhia de Circo! Uma chuva de novidades internacionais! Uma girândola de atracções! Hoje, num espectáculo para todas as idades, Kinito, o Rei dos palhaços, ciclistas, malabaristas, icários, ursos japoneses, escada aérea, trapezista, o pêndulo humano, saltadores, equilíbrio em corda tensa, dezenas de novidades onde não faltam duas engraçadíssimas parelhas de palhaços. Amanhã, á tarde, entrada gratuita ás crianças até os 10 anos. A' noite, podem assistir crianças.

EM ESTREMOZ foi assaltada a Secção de Finanças

ESTREMOZ, 26 (Pelo telefone)— Durante a noite de ontem para hoje, contrariando a mensagem de pureza e solidariedade desta quadra, os gatunos assaltaram a Secção de Finanças do concelho de Estremoz, donde, aliás, nada conseguiram furtar.

Tendo lançado uma escada sobre o muro do edifício onde funciona a Secção de Finanças, os gatunos penetraram ali por arrombamento de uma janela. A' entrada da tesouraria depararam com uma porta envidraçada que estilhaçaram. Mas não alcançaram passar a porta chapeada de ferro que se seguia e que dá acesso ao cofre.

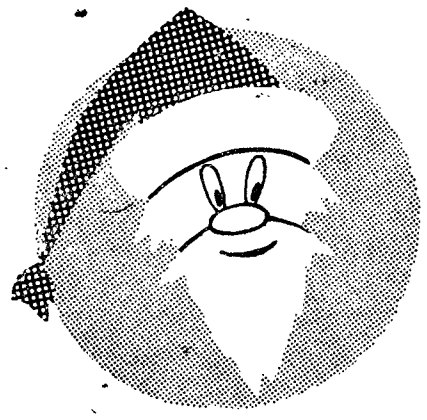
As autoridades procuram activamente os gatunos.



DINHEIRO

Emprestamos qualquer quantia sobre 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Rapidez e dispensa de amortizações.
CASA LAIRES—Rua da Prata, 291-2.º Dt.º—T. 25487

Depois do jantar
visite as nossas montras
CASA MAX
193-A — R. D. Estefania — 193-F



GIRA-DISCOS

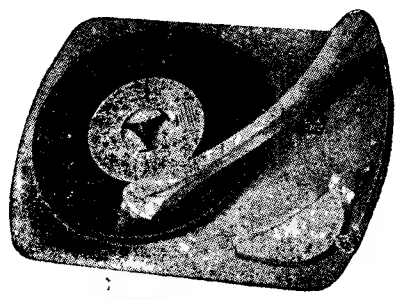
Dual

A GRANDE PRENDA DE NATAL!

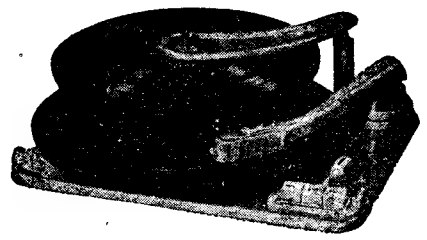
que pode adquirir até 24 prestações

MODELOS DE 895$00 A 3.700$00

em chassis ou em mala, com ou sem amplificação todos para REPRODUÇÃO ESTEREOFÓNICA



Mod. 300 em chassis
«Siesta»
«Party 300»
«Party 300 V»



Mod. 1004
em chassis
«Party 1004»
«Party 1004 V»

À VENDA EM TODO O PAÍS NOS AGENTES DA

GEP GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA GEP

ENVIE-NOS ESTE CUPÃO

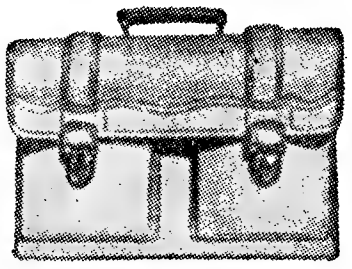
Dual

GARANTIA: 1 ANO
«STOCK» PERMANENTE DE ACESSÓRIOS E DE SOBRESSELENTES

À GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA
R. DO NORTE, 5 LISBOA
R. SÁ DA BANDEIRA, 585 PORTO

NOME .....
MORADA .....
Queiram enviar-nos grátis, Catálogos e Noções de Estereofonia

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
Comprido—R. Madalena 97

+

Alfredo da Silva

(Chefe da P. S. P. reformado)

MISSA DO 7.º DIA

Sua família participa que amanhã, domingo, dia 27, ás 11 horas, na Capela da Rua Chaby Pinheiro, rezar-se-á missa pelo eterno descanso do seu ente querido. Agradecendo a todas as pessoas que se dignem assistir.

O funeral realizou-se em 22 do corrente, ás 10 horas, para o cemitério do Alto de S. João, não se tendo feito participação quando do seu falecimento, por expressa determinação do falecido.

PAÇO DE ARCOS

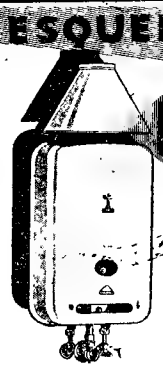
+

José Cesar Lynce

PARTICIPAÇÃO, AGRADECIMENTO E MISSA

Maria José Freitas Lynce de Abreu, marido, filhos, nora e netos, Maria Amália Freitas Lynce, esposa e filho, Dr. Augusto César Dias Costa, marido e filhos, José César da Costa Lynce, esposa e filho, Dr. Augusto César da Costa Lynce, esposa e filho, Maria Elisa da Costa Lynce Moreira Rato, marido e filhos, e Ruy Virgílio da Costa Lynce cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido pai, sogro, avô e bisavô, ocorrido no passado dia 27 de Novembro, aproveitando esta oportunidade para testemunharem a sua gratidão a todas as pessoas que os acompanharam no doloroso transe e comunicarem que amanhã, dia 27, pelas 11 horas, será rezada missa na capela do Palácio dos Arcos, em Paço de Arcos, pelo seu eterno repouso.

ESQUENTADOR HERMES



AUTOMATICO
DUPLA SEGURANÇA
CONSTRUÇÃO ROBUSTA
Funcionamento eficiente,
Fácil limpeza
Mínimo Consumo
Baixo preço

Instantaneamente e toda a hora água quente em quantidade ilimitada

SUPERMENTALIA Refrigeração POLAR

Rua da Emenda, 60 r/c. Frente — LISBOA Tel. 29016/7/8

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em ALCACER DO SAL na Agência de JOÃO ANDRE' MONRAIA.

A VENDA NAS LIVRARIAS:

Cobrança fácil... ...de Dívidas difíceis

ESC. 50$00

PEDIDOS A:

JOAMOR, LDA.

R. CARLOS MARDEL, 98-4.º D.º
720919
LISBOA-1

+

Manuel Pinheiro

FALECEU

Sua família participa a todas as pessoas da sua amizade, que foi Deus servido chamar á Sua Divina presença o seu muito querido marido, pai, sogro, irmão, cunhado, tio e parente, e que o funeral se realizou hoje da Igreja de Santa Isabel, para o cemitério da Ajuda.

AGENCIA BARATA

Setúbal

Teodoro Oliveira Amante

FALECEU

Umbelina Martinez Amante, Maria José Amante Martinez seu marido e filhos, Arcanja Martinez Amante Ferreira da Rocha seu marido e filhos, Joaquim Oliveira e filhos, e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento em 25 do corrente mês, do seu saudoso marido, pai, sogro, irmão, tio, avô, e parente, e que o seu funeral se realizou hoje, ás 16 horas, para o cemitério de Setubal.

Semana do contribuinte

Código da Sisa e do Imposto sobre as Sucessões e Doações

(Continuação)

Da instrução do processo
Da liquidação do imposto
Do inventário judicial
Do litígio judicial
Da suspensão da liquidação

Depois de instruído o processo com os documentos ou elementos mencionados nos artigos anteriores, o chefe da secção de finanças procederá á liquidação do imposto, observando as disposições deste diploma, e as aplicáveis da lei civil, que as não contrariem.

Desde que exista acto ou contrato susceptível de operar transmissão, o chefe da secção de finanças só poderá abster-se de fazer a respectiva liquidação com fundamento em nulidade ou ineficácia julgada pelos tribunais competentes.

Estando a correr inventário judicial, suspender-se-á a instrução do processo depois de apresentado o balanço ou a relação de bens; mas se a conclusão do *inventário demorar mais que dois anos* sob o acto ou facto que tiver motivado a transmissão, ou o inventário for arquivado, o chefe da secção de finanças fixará prazo, não superior a trinta dias, para a apresentação dos documentos dispensados no parágrafo 4.º do artigo 69.º, e completará a instrução, procedendo oportunamente á liquidação do imposto sem prejuízo, no primeiro caso, da sua reforma ulterior.

Se estiver pendente litígio judicial ácerca da qualidade de herdeiro, validade ou objecto da transmissão, ou processo de expropriação por utilidade publica de bens pertencentes a herança ou doação, os interessados poderão requerer, em qualquer altura, a suspensão do processo de liquidação, apresentando certidão do estado da causa.

A suspensão referir-se-á apenas aos bens que forem objecto do pleito.

Enquanto durar o litígio, os requerentes da suspensão têm de apresentar, no mês de Janeiro de cada ano, *nova certidão do estado da causa.*

Findo o pleito e transitada em julgado a decisão, deverão os responsáveis pelo imposto declarar o facto dentro de trinta dias na secção de finanças competente, prosseguindo o processo de liquidação, ou reformando-se no que for necessário, conforme o que houver sido julgado.

Só se entenderá haver litígio sobre *dívidas* activas quando elas forem *contestadas em juízo.*

— Artigo 82.º
— Artigo 83.º
— Artigo 84.º, § 1.º a 4.º

AGENDA DO LEITOR

Empregados estrangeiros

Enviar durante o mês de Janeiro próximo futuro á Polícia Internacional e de Defesa do Estado, uma relação, em duplicado, conforme o modelo respectivo, dos empregados estrangeiros.

BOLETIM DO DIA

EFEMÉRIDES

No dia 26 de Dezembro de 1662 representou-se pela primeira vez «L'Ecole des Femmes», de Molière.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Rádio rural; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A»—A's 19: Trechos em piano; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A Orquestra de Kaempfert; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica de «Jazz»; 20 e 30: Album musical; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Canções de Itália; 21 e 30: Ritmos sul-americanos; 21 e 45: Serão para trabalhadores organizado pela E. N. e pela F. N. A. T. No intervalo: Trechos em piano, por Rudolf Frinal; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19: Palestra, por Maria de Carvalho; 19 e 10: «Cantata n.º 54», de Bach, pelo tenor Alfred Beller e o conjunto Barroso Lechnardt, sob a direcção deste artista: «A Tentação de Santo António», de Egk, pelo barítono Lefort e um quarteto instrumental, sob a direcção de Louis Forment; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Sexto programa do Festival Setembro Musical de Montreaux: «Sinfonia n.º 4», de Tchaikowsky, pela Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, dirigida por Ormandy, «Peça Heroica, em si menor», de César Franck, em órgão, por Feike Asma; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Concerto, pelas pequenas cantoras de Portugal; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: «Sonata n.º 4», de Haendel, para violino e piano, por Nathan Milstein e Artur Balsan; 22 e 20: Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir?: 2.ª parte da oratória «O Messias», de Haendel, sob a direcção de Leonard de Bernstein; «S. Francisco de Paula Caminhando Sobre as Ondas», de Liszt, em piano por Aline van Barentzen; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 18: Teatro de brincar; 18 e 45: Ritmos de baile; 19: Orquestras e canções; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Solistas; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 50: Curso de língua inglesa; 22: Imagens por musica; 22 e 15: Brasil; 22 e 30: Cantares de Espanha; 22 e 45: Canconetas; 23: Concerto, programa de divulgação; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

Estação de Miramar — A's 18: Programa da A. T. N. P.; 18 e 15: Ritmos de baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Variedades; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 20 e 40: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Um artista; 21 e 45: Brasil ;22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Programa de concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 15: Eventual; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: Sobre os ramos da azinheira; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, Horizonte do Mundo; 19 e 45: Chuva de estrelas; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: As ultimas novidades; 21 e 30: Fados; 21 e 45: Rádio Rural; 22 e 5: Quando o telefone toca; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: A 23.ª hora.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 20 e 30 h., abertura: 20 e 32, telejornal (1.ª edição); 20 e 50, «Entre os dois mundos»; 21, programa juvenil; 22, Portugal de Além-Mar; 22 e 20, viagens sem passaporte: a Bélgica; 22 e 40, Rancho Coral de Serpa; 22 e 55, tele-desporto; e 23 e 10, telejornal (2.ª edição).

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — Às 21 e 45 — «Diálogo das carmelitas».
MARIA VITORIA — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Tudo na Lua».
VARIEDADES — Ás 20 e 30 e ás 22 e 45 — «Isto é delas».
MONUMENTAL — Às 21 e 45 — «Santa Marta Fabril S/A».
A B C — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Delírio em Lisboa».
AVENIDA — Às 21 e 45 — «A mala da Bernardette».
CAPITÓLIO—Ás 21 e 45—«Sociedade em pijama».
TRINDADE — Às 21 e 30 — «12 homens fechados».
COLISEU—Ás 21 e 30 — Circo.

CINEMAS

TIVOLI — «Lua de mel».
S. LUÍS — «O corsário Lafitte».
S. JORGE—«Passagem para Hong-Kong».
IMPÉRIO — «Quase nos teus braços».
EDEN — «A Miuda».
POLITEAMA—«Rio bravo».
MONUMENTAL — «A bela adormecida».
ODEON — «Abril em Portugal».
ALVALADE—«O corsário Lafitte».
CONDES—«O maior circo do Mundo».
ROMA — «O amor e uma cabana».
AVIS—«A bailarina e o bom Deus».
RESTELO — «Amores reais».
JARDIM — «A mulher modelo».
IDEAL — «Baionetas de aço».
PROMOTORA — «Marcelino, pão e vinho».

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» dava no dia 26 de Dezembro de 1929 a notícia da trasladação dos restos mortais do general Massano de Amorim, chegados ao Tejo no «Quanza» e desembarcados no Arsenal de Marinha, c de, na capela de S. Roque, armada em camara ardente, velaram o cadáver do antigo governador da India muitos antigos combatentes, representantes do Presidente da Republica e do chefe do Governo, generais e oficiais de todas as patentes.

Num armão foi conduzido ao cemitério do Alto de S. João, sendo, no Terreiro do Paço, prestada guarda de honra por uma força de Lanceiros 2.

HORAS DAS MARÉS

PREIA-MAR

Dia 27 — 0,47 (3, 85 m); 13 e 16 (3,89 m).
Dia 28 — 1 e 40 (4,06 m); 14 e 9 (4,03 m).

BAIXA-MAR

Dia 26 — 18 e 18 (1,07 m.).
Dia 27 — 6 e 39 (1,01 m); 19 e 2 (0,91 m).
Dia 28 — 7 e 26 (0,81 m), 19 e 46 (0,77 m)

FESTAS ASSOCIATIVAS

Haverá festas associativas, com bailes e outros atractivos, nas seguintes agremiações, esta noite: Casa Pia Atlético Clube, Estrela Auzul F. C. Amanhã, á tarde: Casas do Alentejo e da Covilhã, Cooperativa Militar, Casa Pia A. C.

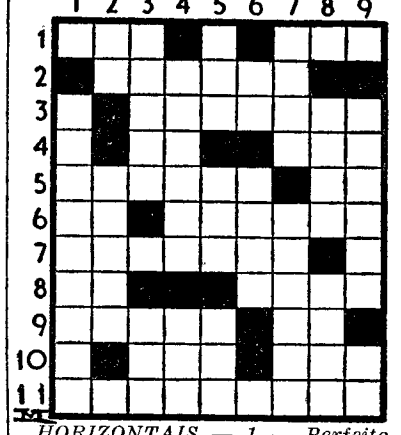
—O Sporting Clube da Penha celebra o seu 20.º aniversário, com uma sessão solene, amanhã, ás 22 horas, sob a presidência do chefe do distrito e com a presença de outras entidades, representantes de várias agremiações, etc. Será inaugurada uma nova bandeira e proceder-se-á á entrega do «leão de prata» ao sócio sr. Jaime Nascimento e taças e medalhas aos atletas do clube.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO D — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, T. 780511; Santa Cruz—Rua n.º 15, á Av. Gomes Pereira, n.º 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota—Rua da Beneficência (ao Rego) 91, Telefone 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 710331; S. Miguel—Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego, Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar, 69-71, Tel. 47213; Correia de Almeida — Av. da Fontes Pereira de Melo, 21-B/C, Tel. 47385; Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira, 36, Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Lda. — Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39, Tel. 862909; Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis, 199-A, Tel. 41269; Romano Baptista — Rua Passos Manuel, 6-10, Telef. 50593; Guerra — R. Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higiénica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, T. 683438; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Aguas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia —Rua D. Maria Pia, 514, T. 687949; Linalda — Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Confiança — Praça das Flores, 59, Telef. 27901; Alb — Rua Santana, á Lapa, 156, Tel. 663562; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Telef. 638256; Botanico-Química, Lda.—R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Telefone 46490; Ferrão — Rua da Mouraria, 12, Telefone 860464; Simões Pires — Rua da Prata, 115, Tel. 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova de Almada, 71, Tel. 30521—A—; Celta — Rua Mourão Girão, 3-B, Tel 710621.

Palavras cruzadas

PROBLEMA N.º 1815



HORIZONTAIS — 1 — Perfeito. Negativa. 2 — Corroia. 3 — Prejudicando. 4 — Existe. Frequentavam. 5 — Desperta. Pronome pessoal. 6 — Zomba. Ópera de Bizet. 7 — Entufarei. 8 — Prefixo de negação. Grande afeição. 9 — Gesto de assentimento ou recusa. Eduardo (abrev.). 10 — Ruído. Preposição. 11 — Dedicará.

VERTICAIS — 1 — Antiga moeda de ouro portuguesa, do valor de 1$200 réis. 2 — Preposição. Zelos amorosos. 3—Dinheiro (pop.). empregue. 4 — Comandante de uma frota ou de um navio de guerra. Maior. 5 — Dificuldade. Bater. Queira muito. 6 — Siga. Região. 7 — Arvore de madeira muito dura. Simulação de doença. 8 — Ponha a data. Rio que banha Francfort. 9 — Detestar. Nociva.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1814

HORIZONTAIS — 1 — Areal. 2 — Perpetuar. 3 — Comadre. 4 — Ná. DEPOIS. 5 — Indo. AC. 6 — QUE. Nó Ne. 7 — Ui. Rachou. 8 — Empesai. 9 — O. Sc. Gás. 10 — És. MENINO. 11 — Pau. Aos

VERTICAIS — 1 — Apanique. Eu. 2 — Ré. Anuimos. 3 — Crê. Dê. 4 — Apodo. Resma. 5 — Leme. NASCEU. 6 — Tapioca. 7 — TUDO. Higia. 8 — Ariano. Ano. 9 — CRESCEU. Sós.

(Provérbio: DEPOIS QUE O MENINO NASCEU, TUDO CRESCEP).

Problema n.º 3863

HORIZONTAIS: 1 — Cidade santa da Arábia. Aves pernaltas. 2 — Estava. Venera. 3 — Batráquio. Decametro quadrado. Preposição. 4— Suave. 5 — Pronome demonstrativo (pl.). Utensílio. 6 — Ecoar. Peça de vestuário para a mão. 7 — Vi. Membros da antiga camara alta. 8 — Vila e concelho do distrito de Castelo Branco. 9 — Preposição. Deusa. Pena. 10 — Cidade da França. Preposição. 11 — Lago salgado do Turquestão. Recua.

VERTICAIS: 1 — Graças. Tronco de videira. 2 — Agora. Nome de um astro. Oceano. 3 — Entre nós. Amarrais. Batráquio. 4 — Estimar. Vereador municipal. 5 — Clima. Salários de soldados. 6 — Paraíso. Ampla. 7 — Pedra de amolar. Averigua. Símbolo químico do escandio. 8 — Decametro quadrado. Pássaro. Cedeu. 9 — Caruma. Aparece ao longe.

Solução do problema n.º 3862

HORIZONTAIS: 1 — Sicília. 2 — Areio. 3 — Em. Ena! Im. 4 — Ruas. Raia. 5 — Atais. 6 — Um. Ana. Mi. 7 — Mãe. Pia. 8 — Enviariam. 9 — Ais. Aru. 10 — Tiara. 11 — Elas. Ásia.

VERTICAIS: 1 — Perfume. Fé. 2 — Mu. Maná. 3 — Ia. Aa. Evita. 4 — Cresta. Isis. 5 — Ien. Anca. 6 — Liaria. Rara. 7 — Io. As. Piras. 8 — II. Miau. 9 — Amariam. Lá.

BEBA BARRITOS
VERMUTE INDIVIDUAL

NECROLOGIA

José António Infante

Na sua residência, na Avenida Sacadura Cabral, onde já se encontrava, há tempos doente, foi ontem acometido de uma síncope o sr. José António Infante, de 79 anos, inspector aposentado das Alfandegas, que chegou já morto ao Hospital de São José.

O extinto era casado com a sr.ª D. Raquel Ruah Infante, pai da sr.ª D. Francisca Maria Infante Pimenta de Aguiar, esposa do sr. Luís Pimenta de Aguiar, padrasto das sr.as D. Ester Gomes Firmino, esuosa do sr. António Gomes Firmino; e D. Aura Wagner, esposa do eng.º Raul Wagner.

O funeral sai amanhão, ás 11 horas, da igreja de S. João de Deus, para o cemitério d o Alto de São João.

D. Delfina de Castela Esteves

Faleceu ontem, na sua residência, a sr.ª D. Delfina de Castela Esteves, viuva, do sr. Francisco António Esteves, e mãe de D. Maria Teresa de Castela Esteves e do sr. Joaquim António de Castela Esteves. O funeral realiza-se amanhã, ás 11 horas, da igreja dos Mártires para o cemitério do Lumiar.

António Vítor de Almeida Junior (Sidónio)

Faleceu, na sua residência, Rua Possidónio da Silva, 102, 1.º, direito, o sr. António Vítor de Almeida Junior (Sidónio), de 79 anos, subchefe aposentado da P. S. P., que foi funcionário da Boa-Hora. Era pai da sr.ª D. Lucinda Vasconcelos Almeida de Oliveira, casada com o sr. Eurico Ventura de Oliveira, tipógrafo do «Diário Popular». O funeral realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da morada indicada, para o cemitério da Ajuda.

Manuel Pinheiro

Com 63 anos de idade, faleceu o sr. Manuel Pinheiro, funcionário publico, natural de Viana do Alentejo, casado com a sr.ª D. Maria Augusta Valente Pinheiro. O funeral, a cargo da Agência Barata, realizou-se hoje, da igreja de Santa Isabel, para o cemitério da Ajuda.

Rev. Anselmo Augusto da Silva Bunheirão

MURTOSA, 26 — Com 97 anos de idade, faleceu na sua residência de Pardelhas o rev. Anselmo Augusto da Silva Bunheirão, natural deste concelho e aqui residente há muitos anos.

Recebeu os ordens de presbítero no Seminário de Beja, 1895, e paroquiou várias freguesias alentejanas. Em 1910, esteve preso e foi julgado algumas vezes. Fixou residência na sua terra natal, em 1912, sendo nomeado capelão da Quinta da Caneira, lugar que exerceu durante 18 anos. Foi o primeiro habitante desta vila a usar bicicleta, construida por ele próprio.

O seu funeral efectuou-se esta manhã da igreja matriz de Pardelhas para o cemitério municipal.

Manuel José Carinha

MURTOSA, 26 — Faleceu, nesta vila, o comerciante Manuel José Carinha, natural desta freguesia e aqui residente, casado com a sr.ª D. Olímpia de Jesus Oliveira Horta e pai do sr. Joaquim Maria Horta Carinha, de D. Maria do Carmo Horta Carinha e da rev. madre Maria da Luz, e cunhado do sr. Valeriano de Oliveira Horta.

Mariana Faria Pais

ESTREMOZ, 26 *(Pelo telefone)* Com apenas 42 anos, faleceu hoje, de madrugada, a sr.ª D. Mariana Pais Varela de Brito Faria Pais, estremosa esposa do sr. dr. António Vasco Faria Pais, médico municipal nesta cidade. O funeral realiza-se amanhã, de manhã.

Dotada de um coração muito bondoso, sempre pronta a ocorrer ás infelicidades de conhecidos e desconhecidos, dedicada auxiliar da actividade assistencial de seu marido, a extinta era muito estimada, pelo que o seu falecimento causou a mais comovida emoção.

SUFRÁGIOS

Prof. dr. António Flores

Em comemoração do 2.º aniversário da morte do prof. dr. António Flores, que foi catedrático de Neurologia e Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Lisboa, director dos Hospitais Miguel Bombarda e Julio de Matos, primeiro presidente e fundador da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatira, celebra-se, depois de amanhã, ás 12 horas, na capela do Hospital Miguel Bombarda, missa de sufrágio, por inicativa do actual presidente daquela sociedade científica.

As mensagens de Natal

do Papa e dos chefes de Estado

convidam à fraternidade universal

VATICANO, 26 — Ao meio-dia de ontem, o Papa deu da «loggia» da Basílica a benção «urbi et orbe» perante a grande multidão que se aglomerava na Praça, sob o Sol, enfim, surgindo depois de alguns dias tempestuosos.

«Que a Paz seja nas vossas consciências, no respeito de Deus e da Igreja, na ordem, no cumprimento generoso do dever de cada qual. Paz nas vossas famílias, na doçura e na paciência, no florescimento de todas as virtudes. Paz nas nações e no mundo inteiro, fruto da procura sincera do bem dos povos, na protecção da liberdade» — disse o Santo Padre. «E' um tríplice voto que desejo dirigir ao mundo inteiro: voto de luz, voto de alegria, voto de paz».

Antes de assomar á varanda da Basílica, o Papa celebrou missa, no Altar da Confissão, perante mais de 20.000 pessoas. Era a terceira missa de Natal que celebrava: a primeira, especialmente destinada aos diplomatas, na Capela Paulina, á meia-noite; a segunda, ao romper da aurora, na capela dos seus aposentos. — (F. P. e (A. N. I.).

O presidente do Brasil lançou um apelo a favor de Fréjus

RIO DE JANEIRO, 26 — «Porque perdoei as desfeitas, porque não exerci vinganças nem tolerei que fossem praticadas em meu nome qualsquer represálias — diz o presidente Kubitschek de Oliveira, na sua mensagem de Natal — peço paz e concórdia a toda a Nação Brasileira».

E o presidente acrescentou: «Volto o meu pensamento para todos os povos que constituem a nossa família de nações e peço a Deus que nos inspire na luta que decidimos levar ávante, na nossa ofensiva conjugada contra os males do corpo e do espírito, no nosso propósito de minorar o sofrimento da infancia que de maneira tão particular comove os sentimentos da Cristandade. Que não sejamos cristãos apenas de nome, mas de facto. Que exerçamos cristandade começando pelos actos de compreensão humana no ambito regional». Acabou lançando um apelo a favor dos sinistrados de Fréjus. — (A. N. I. e F. P.).

A mensagem de Isabel II foi gravada com uma semana de antecedência

LÓNDRES, 26 — Por ocasião da Festa do Natal, Isabel II dirigiu aos «seus povos» do Commenwealth uma mensagem radiodifundida em que agradece a todos os que, do mundo inteiro, lhe fizeram chegar aos «seus povos» do Commonwealth tal com um sentimento de reconhecimento: que esta mensagem de paz e de boa vontade nos acompanhe durante o ano que vem», acrescentou a ráinha.

Esta alocução foi gravada na B. B. C. em 17 de Dezembro. E' a primeira vez, que nesta ocasião, o soberano reinante, não se dirige directamente aos subditos.

Por motivo do futuro nascimento do bébé real, a emissão televisionada foi suprimida este ano.

Toda a família real passou as festas de Natal no Castelo de Sandrigham. — (F. P.).

Adenauer fez votos para a reunificação pacífica das duas Alemanhas

BONN, 26 — Na sua mensagem do Natal, o chanceler Adenauer dirige-se sobretudo aos Alemães na Alemanha Oriental «carne da nossa carne, sangue do nosso sangue». Não serão jámais esquecidos, disse, «um dia os sinos da liberdade tocarão também para vós». Assim mais não posso fazer nesta festa de Natal do que reclamar perante o mundo inteiro a reunificação da nossa Pátria dentro da paz e da liberdade. Não pode haver paz verdadeira enquanto 17 milhões de Alemães são obrigados a viver sem direitos e sem liberdade, no centro da Europa. Hoje, como ontem, a libertação desses alemães continua a ser o problema fundamental da vida internacional».

Aos Alemães da Republica Federal o chanceler convida-os a apreciarem «a graça de festejar o Natal em liberdade» e conclui: «Não chegou ainda a paz entre os homens. Mas não fraquejemos. Sejamos pacientes e a paz voltará ao Mundo». — (F. P.).

Consoada sob as pontes do Sena

PARIS, 26 — Mais de mil vagabundos receberam este ano a «choucroute» oferecida pela organização «Natal sob as pontes», do bairro de Nossa Senhora de Paris, obra de benemerência dirigida pelo escritor Daniel Rops.

Mendigos, aleijados, vadios, deserdados de toda a espécie reuniram-se debaixo da ponte de Nossa Senhora, onde tinham sido colocados bancos para a sua ceia. Como reforço foi-lhes oferecido um pacote com comida diversa para não terem de estender a mão á caridade nestes dias. Depois vieram artistas de «music-hall» que actuaram para eles.

Terminou a festa com a «missa do galo» celebrada num altar levantado na margem do Sena.—(F. P.).

Cinco monges ingleses levaram a consoada a um navio encalhado

LONDRES, 26 — Cinco monges ingleses passaram o dia de Natal em luta contra a tempestade, com perigo para as suas próprias vidas, para socorrer um navio em sérias dificuldades.

Os monges da abadia da ilha de Caldy, ao largo das costas galesas de Pembrokeshire, captaram ontem, pela rádio, um SOS do barco de cabotagem «Saint Angus», paralisado pelo temporal desde anteontem, ao largo da ilha, afirmando ter necessidade urgente de abastecimentos.

Imediatamente, o abade-superior, o prior e três monges carregaram um veículo anfíbio de provisões e fizeram-se ao mar. Após terem vencido inumeras dificuldades, puderam aproximar-se do «Saint Angus» e depois de cinco tentativas inuteis, conseguiram finalmente passar para bordo, por meio de uma corda, um grande cesto carregado com cerveja, queijo, manteiga e pão. — (F. P.).

Caryl Chessman comeu peru na cela da morte

SAN QUENTIN, 25 — Para Caryl Chessman, o condenado á morte que na prisão se tornou escritor célebre, o dia de Natal não foi diferente de qualquer dos outros 4.200 dias que já passou na cadeia. Jantou só — o mesmo jantar de peru distribuído a todos os outros 4.000 prisioneiros de San Quentin. E essa é a unica diferença entre este e os outros dias. Chessman, que tem agora a execução marcada para 19 de Fevereiro, não pôde sequer assistir ás festas do Natal organizadas na penitenciária, nem á exibição do filme que foi apresentado. — (A. N. I.).

Estatística trágica

NOVA YORK, 26.—Quase no fim de três dias de férias, verifica-se que morreram 270 pessoas, nos Estados Unidos, e 38, no Canadá até á madrugada de hoje. Nas estradas, nos Estados Unidos, perderam a vida 227 pessoas e, no Canadá, 31.— (Reuter).

*

PARIS, 26.—O Dia de Natal foi assinalado em França por muitos acidentes de circulação cujo balanço provisório é de 28 mortos e 61 feridos.—(F. P.).

Há 93 dias

em estado de coma

MILWAUKEE (Wisconsin), 26.— Bertha Gregry, de 19 anos, que sofreu um ferimento na cabeça ao ser colhida por um automóvel, está há 93 dias em estado de coma. E' alimentada artificialmente três vezes por dia. — (A. N. I.).

UM SISMO EM CUBA

LIMA (Peru), 26 — Registou-se um violento tremor de terra no distrito de Ayacucho (Sueste de Lima) que causou a morte a 7 pessoas e ferimentos em 37. Ficaram destruídas 257 casas. O epicentro foi localizado na povoação de Pomabamba, no distrito de Ayacucho. — (F. P.).

Satisfação no Ocidente

em consequência do tom cordial

da resposta do chefe do Governo russo

(Continuação da 1.ª página)

tregue ontem, de manhã, aos embaixadores da França, da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, por André Gromiko, ministro dos Negócios Estrangeiros da U. R. S. S.

Segundo indicações recolhidas nos círculos informados franceses, a resposta é redigida em tom muito cordial. O presidente do Governo soviético exprime a «sua profunda satisfação» com a proposta dos três chefes ocidentais para as reuniões periódicas no mais alto nível. Aceita, de bom grado, a cidade de Paris para a primeira destas conferências. Mas — acrescenta — «infelizmente a data de 27 de Abril não é para mim conveniente». Propõe em substituição, quer a data de 21 de Abril, quer a data de 4 de Maio, e espera que qualquer delas «seja aceitável».

Os jornalistas foram chamados ao Ministério dos Negócios Estrangeiros para tomar conhecimento do texto das cartas de Kruchtchev, das quais foi apenas lida a que dirigiu ao presidente Eisenhower, tendo o informador Kharlamov dito que as outras são idênticas. Interrogado acerca das razões que motivaram a indicação de outras datas, este respondeu: «E' por causa das festas de Maio em honra do trabalho. Os nossos dirigentes têm certas obrigações que não os deixam sair de Moscovo, onde assistirão ás manifestações organizadas para essa altura».

Na resposta de Kruchtchev não há qualquer referência á ordem dos trabalhos ou agenda para a conferência. — (F. P.).

Satisfação no Ocidente

PARIS, 25 — A notícia da aceitação por Kruchtchev da conferência no mais alto nível foi recebida com satisfação em toda a parte.

Em Paris, o informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros qualificou de satisfatória a resposta e nota-se com agrado o seu tom conciliador, assim como o facto de Kruchtchev não ter posto novamente a questão da composição da conferência, como se receava. Seria preferível a data de 4 de Maio.

De Londres dizem que MacMillan recebeu com grande satisfação a notícia e, em especial, a aceitação da ideia britânica de uma série de conferências alternadamente em cada uma das capitais dos países interessados. Quanto á data, talvez seja preferível o meio do mês de Maio.

Em Bonn, faz-se notar que a escolha de Paris para local da reunião foi sugerida palo chanceler Adenauer. No que se refere à data, parece ser coisa secundária.

Em Washington, a satisfação é igual à dos outros países, e quanto á marcação da data, deixam-na ao critério dos Franceses.

A questão de datas não levanta mais do que problemas de ordem prática. O presidente de Gaulle, para aceitar a data primeiramente proposta por Kruchtchev, terá que adiar a sua viagem aos Estados Unidos e ao Canadá, prevista para 19 de Abril, e crê-se que de ambos os lados do Atlantico, prefeririam que essa visita se desse antes da Conferência Leste-Oeste. Também a de 4 de Maio vai de encontro ás conveniências de MacMillan, que deve presidir, a partir de 3, á conferência dos primeiros-ministros da Comunidade Britanica. Os Ocidentais vão encetar imediatamente uma série de consultas.. Prevê-se, porém, em Paris, que seja proposta a Kruchtchev uma data de Maio posterior a 4. — (F. P.).

«RESERVAS» DA A. F. L.

Nos jogos desta tarde

venceram o Sporting, o Belenenses e o Atlético

Prosseguiu esta tarde o campeonato de reservas da A. F. L., tendo-se efectuado os encontros correspondentes á 13.ª jornada, dos quais damos a seguir breves notas.

Benfica, 6-Oriental, 0

(a 10 minutos do fim)

Jogo no Campo Grande. Arbitrou o sr. Francisco Santos e os grupos formaram:

BENFICA — Ramalho; Sidónio e Zezinho; Flávio, Saraiva e Alfredo; Vieira Dias, Peres, Torres, Inácio e Espírito Santo.

ORIENTAL — Soares; Siborro e Pereira; Carapinha, Alfredo e Roque; Libório, Martinho, Jacque, Luciano e Carvalho.

A primeira parte decorreu com vantagem territorial do Benfica, se bem que o terreno enlameado prejudicasse o trabalho das equipas.

Ao intervalo, 3-0 — golos de Sibôrro, nas próprias balizas, aos 6 minutos: Torres, aos 16; Inácio, aos 35.

Na 2.ª metade os «encarnados» continuaram a dominar e a 10 minutos do fim venciam por 6-0, com golos de Inácio, de Saraiva, de grande penalidade, e Torres, aos 21, 35 e 36 minutos.

Atlético, 5-Estoril, 1

Jogo na Tapadinha (campo de treinos). Sob a arbitragem de Nuno M. Pinto, as equipas alinharam:

ATLÉTICO—Pimenta; Carlos Alberto e Linholes; Galinho, V. Henriques e Pereira Correia; Barbosa, Mega, Marques, Teixeira e Tomás.

ESTORIL — Feliciano; Matos e Hilário; Beijinho, Martins e Batalha; Félix, Barbosa, Cunha, Juanito e Américo.

Na 1.ª parte a partida decorreu equilibrada, com ataques alternados das duas equipas. Aos 30 minutos, Cunha abriu o activo do Estoril e 7 minutos depois Teixeira fixou o resultado da 1.ª parte em 1-1.

Na segunda parte, os Alcantarenses foram superiores e marcaram mais quatro tentos, sem resposta: aos 2 minutos, por Mega; aos 30, por Galinho; e aos 32 e 43, por Teixeira.

No fim: Atlético, 5-Estoril, 1.

Arroios, 0-Sporting, 13

Jogo no campo «Alfredo Marques Augusto» (Moscavide). Sob as vistas de Manuel da Silva, os grupos formaram:

ARROIOS — Amaro; Nuno e Figueira; Peres, Quintela e Maximino; Valdemar, Baptista, Patrício, Borges e Costa.

SPORTING — Carvalho; Peiroteo e Alexandre; França, Galaz e Juca; Baptista, Osear, Monteiro, Cafum e Quim.

O Sporting depressa evidenciou a sua superioridade e, logo no 1.º minuto, Monteiro fez 1-0. Daí até ao intervalo, os «leões» fizeram mais cinto tentos por Juca (2 m.), Monteiro (6 e 23 m.), Quim (35 m.) e Carlos Manuel (aos 38 m.), que entrara pouco antes a substituir Cafum.

Na segunda parte a fisionomia da partida não se modificou. O Sporting continuou a dominar e marcou mais sete golos por Monteiro (3), Carlos Manuel (2), Baptista e França.

Torriense, 2-Belenenses, 3

TORRES VEDRAS, 26 — *(Pelo telefone)* — Jogo no campo das Covas, dirigido por Cesar Pires e disputado pelos seguintes jogadores:

TORRIENSE — Montero; Portas e Julio Neves; C. António, Bacalhau e Margaça; Jerónimo, Mário, Anibal, Cecílio e Narciso.

BELENENSES — Fernando; Rosendo e Carlos Rio; Bento, João e Artur; Mendes, Cunha Velho, Martinho, Carvalho e Alemão.

Os «azuis» começaram bem e pelo tempo adiante mostraram-se superiores. Martinho, aos 8 minutos, abriu o activo; aos 17 m. Cunha Velho elevou a conta para 2-0; aos 40 m. Mário reduziu a diferença; aos 42 m. Cunha Velho fixou o resultado da 1.ª parte em 3-1.

Na 2.ª parte, os «azuis», não foram superiores e os locais conseguiram mais um golo, aos 25 minutos, por Aníbal.

Ao fim: Torriense, 2-Belenenses, 3.

OITO MORTOS

num desastre de automóvel

HAVERSTRAW (Nova York), 26. — Morreram oito pessoas, entre as quais, duas crianças, quando a viatura em que seguiam se esmagou por ter embatido na parede de um edifício á beira da estrada nacional.

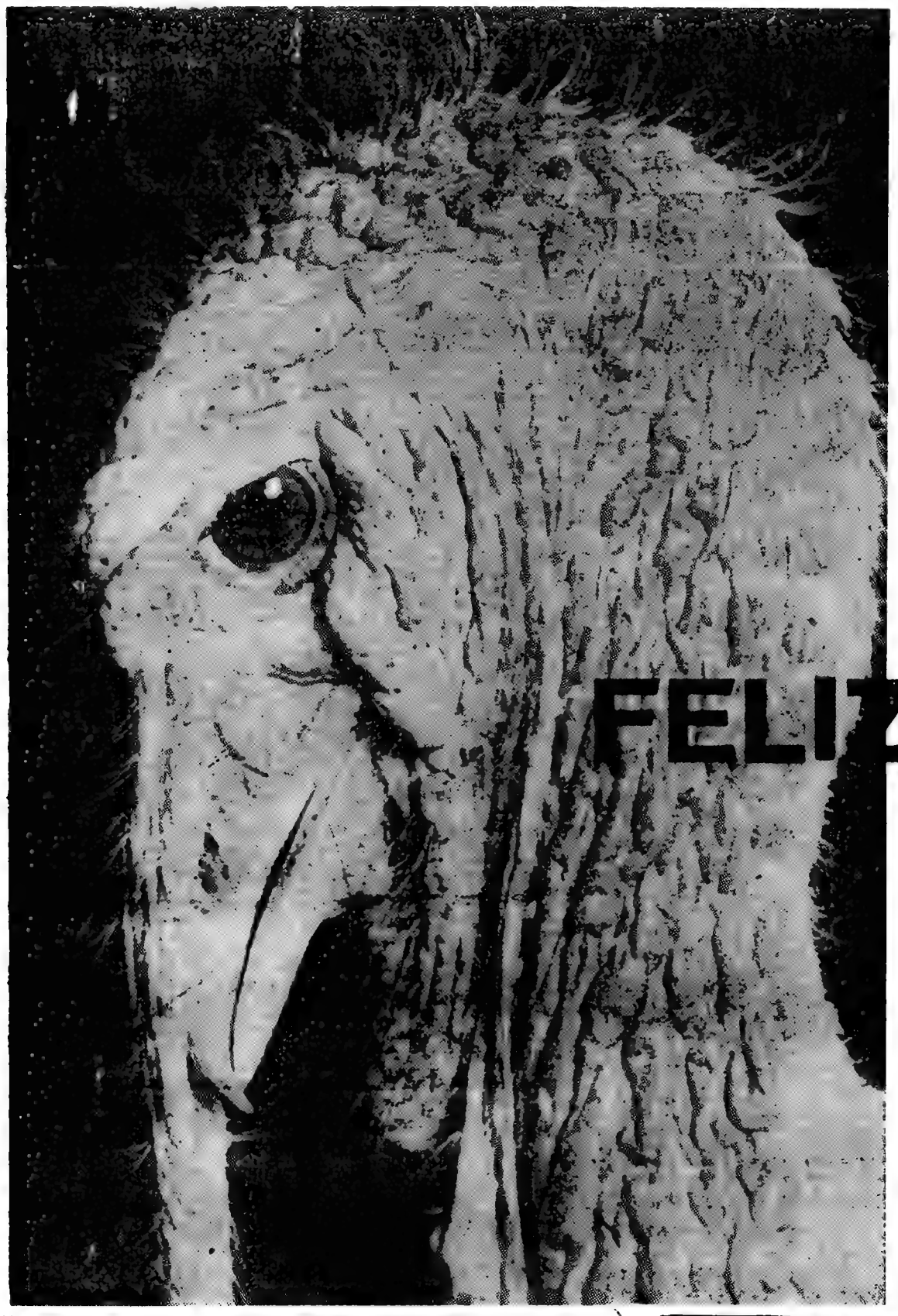
Segundo a Polícia, encontravam-se no carro onze pessoas. — (F. P.).

UM PRESENTE...
ALTO
á com o charuto!

À VENDA EM TODAS AS TABACARIAS
Imp. Vuva Contreras & F.º
Sucr. Apolinar Contreras
RUA 1.º DE DEZEMBRO, 7
LISBOA-2

VÁ TODOS OS DIAS AO
Restaurante «IMPERIAL» do Carregado
PRATO DA CASA: «Ensopado de Enguias» (diferente de tudo) — DIA DE ANO NOVO: Lombo de Porco á Imperial (outra delícia) — (todas as salas aquecidas). TELEFONE 21

RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS — TEL. 14
O REVEILLON DE FAMOSAS TRADIÇÕES
150$00 (SERVIÇO INCLUÍDO)
DIA DE ANO NOVO — ALMOÇO REGIONAL
70$00 (SERVIÇO INCLUÍDO)
Informações e reservas em Lisboa. Telefone 770320
(15 ANOS)



FELIZ NATAL

PAVANA PARA UM PERU DEFUNTO

por JOÃO CAMPOS

Todas as épocas tiveram as suas aves predilectas. Todas as épocas e todas as classes, sem falar nos deuses.

Ibis foi uma divindade. O aristocrático cisne vogou, serenissimo, nos lagos parados de Trianon e foi simbolo heráldico nos brasões dos principes. Os falcões reais fizeram poleiro nos dedos dos seus amos. O peru, o nosso burguesissimo peru, foi e continua a ser a ave predilecta do «terceiro estado».

Não é, evidentemente, ave nobre, não tem religião, [illegible] um simbolo de paz, nem [illegible]. E' vê-los aos magotes, guarmas lembra o comerc[illegible]or atrás, de varinha na mão rado, o bom burguês [illegible] que não debandem: do que nos seus início[illegible] corrida ao banco ou dia de espingarda á bandolei[illegible]dendo? Nem uma coisa nem vou estradas, que des[illegible]a. E' «apenas» a época do nas, que criou os ca[illegible]ifício. ferro, que dilatou o [illegible] peru é bronco, não sabe que a grande produção fa[illegible] para servir de alimento aos

Depois..., depois eng[illegible]ens; mas mesmo que o souteu criada, pôs os pés[illegible], mesmo que tivesse a intepassou a usar pantuf[illegible]ncia suficiente para entender rou, fatalissimamente [illegible] o espera, inevitàvelmente, vida. [illegible]lmente, a faca da cozinheira [illegible] isso evitava que ele comes-

Não é verdade que [illegible] que aumentasse o apetite, pudo, obeso e empertig[illegible] engordasse ao máximo que no seu lento espaneja[illegible]sa a sua lei. fe de repartição refo[illegible] seguir vem a mesa, o sacri-

Entre as variadas av[illegible] com todo o ritual de um voam as nossas capoe[illegible] garfo e de um bom copo. época de tradição que [illegible]es, os perus sacrificam-se o peru anafado, o peru [illegible]pratos. Elas, as peruas... vêm com todos os condimentos ine- nos copos.

UM NATAL extraordinário

MESMO NO POLO SUL OU NOS CUMES GELADOS DO ANDES É POSSÍVEL ERGUER UMA ARVOREZINHA VOTIVA

por HENRY BATAILLON

Para toda a gente, o Natal é o dia das crianças, a reunião da família, o pretexto para todos guardarem no bolso os seus rancores e fumarem a cachimbada da coexistência. Mas há homens para quem esta data é uma romagem de saudade...

Ao redor duma mesa, cingido pela quentura de quatro paredes e a presença duma família mais crescida nesa noite — gozar o Natal é fácil, pelo menos, relativamente fácil. Mas que se dirá de homens encravados na brancura inóspita do Pólo Sul, a milhares e milhares de quilómetros do lar? Aí todos os dias são iguais. Na solidão gelada nada há que se alvorece — luz de montra, loja com brinquedos, carteiro, almeida ou limpa-chaminés da área que venha insinuar seu cartão de Boas-Festas... Sequer existem dias santos ou feriados.

Diz-nos Gaston Rouillon, comandante de expedições polares, homem já experiente nestas provações de um Natal entre gelos eternos:

— O Natal das expedições polares é geralmente triste. Em primeiro lugar porque estamos longe dos nossos. Nos outros dias, sobrecarregados pelo trabalho, pensamos o menos possível nos que deixámos em casa. Naquela noite, porém, como não pensar neles?

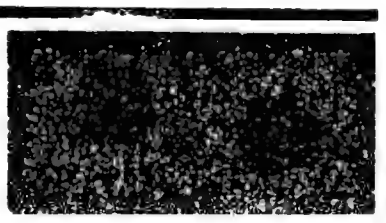
Uma outra circunstancia ocorre. E' muito difícil conseguir criar uma atmosfera de Natal no hemisfério Sul. No dia 25 de Dezembro estamos em pleno Verão. Os Europeus que vivem na Austrália enchem nessa altura a frontaria das casas onde vivem com fiapos de algodão em rama... Desta forma matam saudades dos natais enevados das suas terras. Eram, no entanto, necessárias carradas de imaginação para alguém se julgar no Inverno só com estes pequenos artifícios.

(Continua na página central)

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 76 Diario de Lisbôa

Ó meu Menino Jesus
Ó meu lindo amor perfeito,
Se vós tendes muito frio,
Vinde cá para o meu peito!



O menino está nascido
Lá dentro da lapa fria;
São João o agasalha
Com o manto de Maria.

O' pastor do gado branco
Não arranques rosmaninhos
Pois é onde a Virgem pura
Vai estender os cueirinhos

QUADRAS DO Natal

Ó meu Menino Jesus
Vestido de azul celeste
Eu quero aprender a ler,
Haveis de ser o meu mestre!

Ó meu Menino Jesus
Boquinha de requeijão
Dai-me alguma esmolazinha,
Que a minha mãe não tem pão!

JERICÓ

A MAIS ANTIGA CIDADE DO MUNDO

por Mário Henrique Leiria

Conforme a história bíblica, Jericó foi tomada por Josué e pelos Israelitas; esse acontecimento deu-se, segundo os cálculos dos investigadores de história, entre 1400 e 1250 a. C., mas, já nessa altura, a cidade tinha uma longa história, podendo-se afirmar que é mais antiga cidade do Mundo. Com efeito, há provas da sua existência nos alvores da civilização humana, há uns 7.000 anos.

No local da antiga Jericó têm sido descobertas uma série sucessiva de cidades, cada uma das quais foi construida sobre as ruínas da precedente. Os vestígios das camadas inferiores remontam ao período neolítico, quando o homem começava a abandonar a vida de caçador nómada para se sedentarizar como agricultor, criando assim as primeiras comunidades.

Foi o arqueólogo inglês John Garstang quem, entre 1930 e 1936, iniciou uma série de pesquisas sistemáticas em Jericó descobrindo assim, sob os vestígios das cidades do princípio da idade do bronze, alguns silexa e restos de construções que provavam que o homem ocupara o local no neolítico.

Devido á ultima guerra e ás perturbações que, após esta, se deram na Palestina, as pesquisas arqueológicas sofreram uma longa interrupção e só foram retomadas em 1952 por uma expedição anglo-americana.

O sistema usado nas pesquisas foi o de ir «descascando» uma a uma as sucessivas camadas e, assim, os arqueólogos iam mergulhando na história... de cima para baixo.

Garstang tinha já descoberto camadas neolíticas na extremidade norte da colina de Jericó e essas camadas continuaram a ser estudadas pela expedição anglo-americana, tendo sido descobertos novos vestígios e constatado que, mesmo na época neolítica, a colónia cobria já uma superfície considerável que ultrapassava em muito as dimensões de um simples povoado.

A oeste da colina foram encontradas grosseiras choupanas que poderiam perfeitamente ter sido os primeiros ensaios arquitectónicos dos habitantes de Jericó. Eram construções de tejolo cru, com paredes curvas, que pareciam ser uma sólida imitação das tendas dos caçadores nómadas. Esse período parece ter sido curto, sendo o período seguinte de nítido progresso sobre o anterior e constituído por casas rectangulares com sólidas paredes, grandes portas e salas dispostas em volta de um pátio interior. Eram casas características de uma comunidade firmemente instalada e bem organizada pois, nessa época, a cidade era muito provávelmente rodeada de fortes muralhas.

No entanto, esses povos da idade da pedra ainda não possuiam ceramica, o que prova quanto estavam ainda próximos do inicio da vida sedentária, pois a ceramica para usos domésticos é uma das primeiras invenções do homem sedentário.

No entanto, esses primeiros habitantes não fizeram progressos apenas no campo material, pois foi encontrada, nas camadas neolíticas, uma pequena sala que era, muito provávelmente, um santuário. Continha figurinhas de animais modeladas em argila, o que permite supor que a religião desses primitivos agricultores seria um culto da fertilidade.

Mas a mais notável descoberta foi a de um grupo de sete cabeças, autênticos cranios humanos sobre os quais o artista modelara um rosto em gesso, o que lhes dá uma extraordinária realidade. Muito provávelmente, seriam antepassados que o povo veneraria. Encontraram-se, assim, os rostos de homens mortos há 7000 anos e talvez mais. São com certeza um dos primeiros exemplos da arte humana.

Esse primeiro estabelecimento deve datar aproximadamente de 5000 anos A. C. e a sua história terá sido longa, pois as camadas sucessivas das suas habitações formam um monticulo com vários metros de altura.

Por cima desse período neolítico anterior á invenção da ceramica, encontrou-se um outro período neolítico onde a ceramica faz a sua aparição. Também esse período deve ter sido longo pois, pela época em que Jericó entra no período histórico, ou seja, depois de 3000 a. C., as suas muralhas erguiam-se já sobre uma colina, formada pelos vestígios dos povoados anteriores, com cerca de 20 metros de altura.

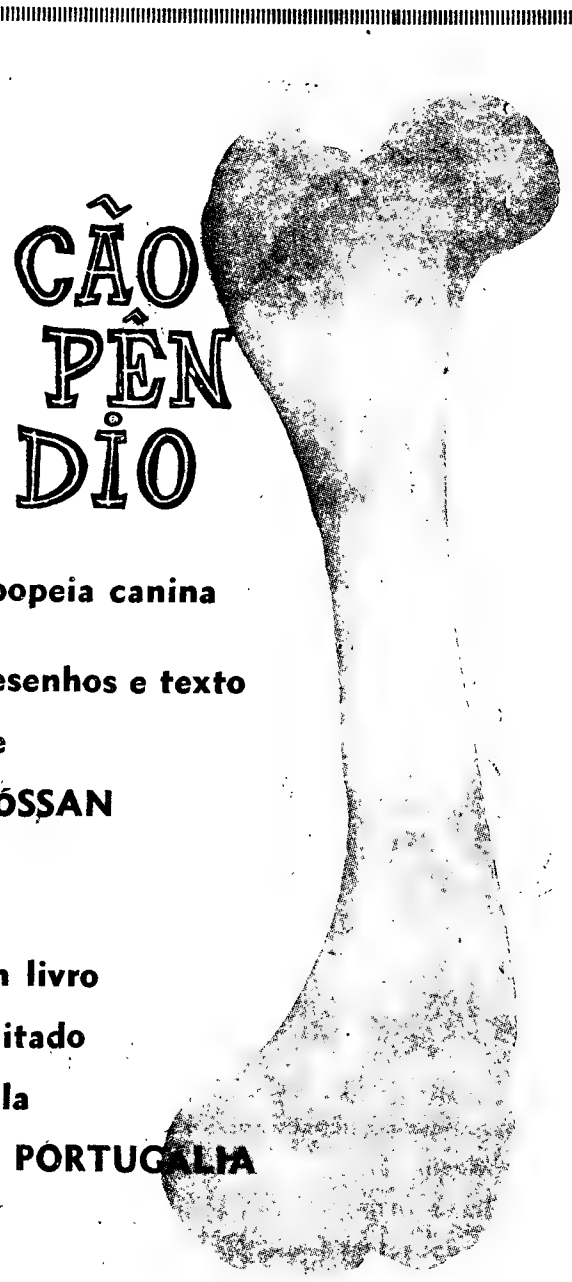
No princípio da Idade do Bronze, Jericó tornou-se uma importante cidade completamente rodeada de muralhas, defendendo a entrada das terras férteis da Palestina contra as constantes incursões dos nómadas. Essas muralhas de Jericó foram 17 vèzes destruídas e reconstruídas continuaram ainda a sê-lo, tanto pelos inimigos como por abalos sísmicos até que, cerca de 2100 a. C., foram totalmente arrasadas pelos nómadas Amoritas que invadiram a Palestina e incendiaram e arrasaram a cidade.

Os recem-chegados não eram citadinos e as suas instalações eram simples e primitivas, passando-se assim aproximadamente 200 anos de esterilidade cultural. No entanto, cerca de 1900 a. C., de novo aparecem grandes construções e muralhas em Jericó. Supõe-se que tivessem sido construídas por um povo vindo do Norte, que trouxe consigo a cultura evoluída de uma Idade do Bronze avançada. Tem-se a prova da cultura desses povos pela descoberta de vários tumulos intactos onde foram encontrados objectos de madeira trabalhada, têxteis, trabalhos em verga e até comida. Aparecem, assim, as primeiras provas tangíveis de cultura na Palestina, aproximadamente no século XVII a. C.

Esses tumulos continham objectos que eram deixados ao morto para a sua vida futura: mesas, tamboretes e camas de madeira executadas com grande habilidade; recipientes de madeira ou de ceramica e grandes e belas jarras de quatro asas, para bebidas. Havia também tapeçarias em junco e pequenos objectos de atavio, em cestos.

Esse período atingiu o seu fim com uma nova pilhagem da cidade pelos Egípcios cerca de 1560 a. C. A partir de então, a história arqueológica de Jericó está práticamente terminada, embora Garstang tenha ainda encontrado vestígios de construções até um período que chega aproximadamente a 1350 a. C.

No entanto, e apesar de todas as pesquisas feitas e em curso, os arqueólogos não conseguiram encontrar, até agora, qualquer vestígio das muralhas atacadas por Josué. Mas, embora não se tenha conseguido encontrar a cidade da história bíblica, houve no entanto a larga compensação de se ter descoberto a sua notável história anterior e determinar, assim, a existência da mais antiga cidade do Mundo até agora conhecida.



O saber não ocupa lugar

O ESPELHO

Este próprio questionário será um espelho reflectindo brilhantemente o grau dos vossos conhecimentos no caso de responderdes acertadamente a mais de 10 perguntas. Entre 6 e 9 respostas justas estareis na média razoável, mas com 5, ou menos, deveis ter receio de cair em demasiada ignorancia.

1 — Qual é a deusa que para toda a parte levava o espelho?
2 — Qual é a pintura que representa um bar reflectido num espelho?
3 — Quem descobriu no século XIII o segredo dos espelhos de cristal?
4 — Qual foi a bonita dama que ao envelhecer mandou retirar de sua casa todos os espelhos?
5 — De que eram feitos os espelhos que os Romanos se serviam?
6 — Qual é o animal que é atraído

(Continua na 7.ª página)

disco da semana

"SETE COLINAS"

ARTUR RIBEIRO

FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

CHUVA EM ABRIL
LOIÇAS DE ALCOBAÇA
SETE COLINAS
LONGE DA VISTA

LISBOA É UMA CIDADE DE CONTRASTES...

Ao espaço aberto e lavado do Campo Grande opõe o beco estreitinho e escuro de Alfama. A' linha altiva e modernista do arranha-céus do Aeroporto responde com a humildade de trapeira velhinha e florida da Madragoa. A' «menina-bem» dos cinco horas cinco pede meças a costureirinha gentil dos sonhos enfiados numa agulha...

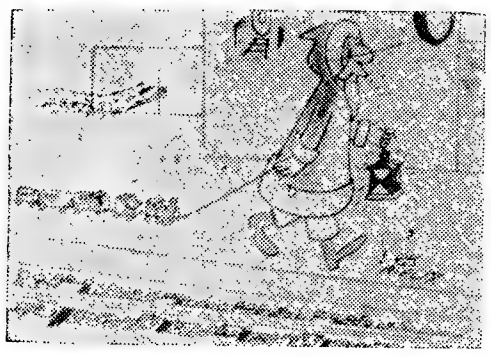
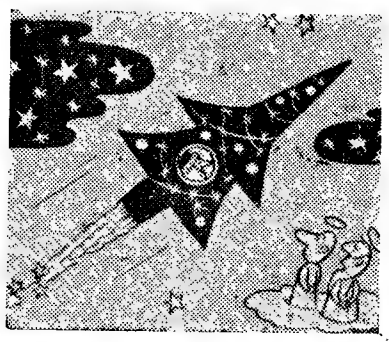
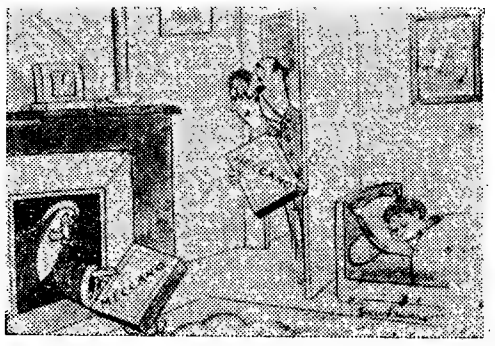
São Vicente de Fora, Santo André, Castelo, Santana, São Roque, Chagas e Santa Catarina, são as «Sete Colinas» de Lisboa. Os pilares que o Passado construiu entre terra e céu para que o Presente alcance mais longe os horizontes do Futuro...

Sete colinas em Lisboa...

Um motivo mais para que esse misto de compositor e poeta chamado Artur Ribeiro — artista da simplicidade e do espírito popular — nos revele, de novo, como um portuense de boa cepa sabe transformar em musica que fica no ouvido o espírito «alfacinha» de Lisboa...

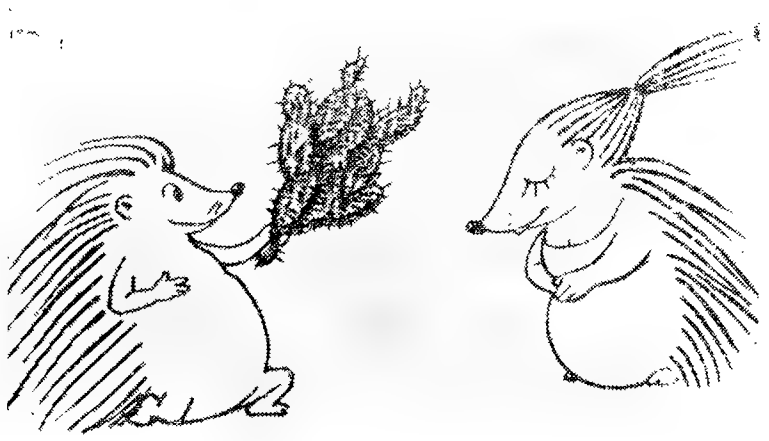
Disco publicado pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 97

Reportagem de Natal neste e no outro planeta

VIAGEM IMAGINÁRIA

AO REINO DO GELO PESADO



BOAS-FESTAS! Em toda a parte há maneira de dar e receber BOAS-FESTAS. Ao contrário do que muita gente julga, até um oferecer é geral

por LLOYD THOMAS

TODOS os estudantes do Mundo aprenderam que a água se transforma em gelo a 0° sob pressão atmosférica normal e que, teòricamente, esta pressão tem uma grande importancia visto que o ponto de congelação baixa á medida que ela aumenta.

Se amassarmos duas bolas de neve uma contra a outra obtem-se a mais clara demonstração das curiosas propriedades que ligam entre si a água e o gelo através desses cristais friáveis que constituem a neve. Comprimindo-os fortemente nas mãos obtem-se deles, por pressão, um começo de fusão para finalmente ficarem transformados num unico bloco de matéria compacta e densa — o gelo.

Um fenómeno idêntico e ainda mais curioso se dá ao repetirmos a operação (mas não com as mãos claro) com dois blocos de gelo e a temperaturas abaixo de 0°.

Apesar do seu aspecto sólido, mais próximo da pedra que da água, o gelo comporta-se, de facto, como um material plástico, viscoso, qual cera fundente.

Na verdade, se comprimirmos de forma normal um bloco de gelo este deforma-se, mas retoma a forma primitiva uma vez suspensa a compressão, tal como o elástico. Mas se a pressão for superior a certo limite o gelo não volta a retomar a sua forma anterior, torna-se plástico. Acima dum certo limite de pressão (cerca de 35 kg por cm²) o gelo estilha-se em mil pedaços.

Ainda outras das suas manifestações curiosas: Se colocarmos gelo num tubo com uma saída cónica vê-lo-emos sair em forma de fio. Um pedaço de gelo comprido suspenso pelas extremidades dobra-se lentamente sob pressão do seu próprio peso. Esta viscosidade impressionante depende, naturalmente, da temperatura: aquela cresce quando esta diminui; assim, um pedaço de gelo a 0° é mais móvel que a —15 ou —20° e o seu coeficiente é intermediário entre o das rochas sólidas e o das lavas em fusão. E' isto que explica o derretimento muito lento dos glaciares no cimo das montanhas e a verdadeira moldação que se opera nelas por meio dum liquido muito viscoso contornando todos os obstáculos.

Todas estas observações são fáceis de constatar. Mas qual é a explicação cientifica racional do que se passa? Qual a verdadeira natureza do gelo? Durante bastante tempo foi um mistério, mas há pouco tempo começou-se finalmente a penetrar no seu domínio molecular.

O gelo «mineralização» da água

Foi, aliás, formulando uma hipótese, ainda inverificável em 1892, sobre a constituição da água, que o sábio Roentgen iniciou a verdadeira investigação cientifica sobre o gelo. Impotente para encontrar uma explicação racional das anomalias que apresentava a água liquida com o estabelecimento dum ponto de densidade a 4° centígrados e uma contracção e dilatação sucessivas com aquela temperatura como limite, edificou uma audaciosa teoria segundo a qual a água seria, na realidade, uma solução saturada de gelo numa forma liquida de água.

Esta concepção tinha não apenas o mérito de explicar as anomalias físicas da água, mas ainda de dar o devido valor, pela primeira vez, ás relações entre estruturas moleculares muito particulares aceitando o polimorfismo dum corpo, relações essas que iam de futuro fornecer uma base científica racional para a explicação das propriedades físicas deste sólido invulgar, diferente de todos os sólidos, saído dum líquido também diferente de todos os outros líquidos: o gelo.

As primeiras aplicações dos raios X trouxeram um gigantesco progresso neste estudo. A invenção de Roetgen possibilitou aos sábios a penetração no íntimo da água e do gelo. Foi, de facto, no gelo que os raios X foram aplicados pela primeira vez a fim de verificar a hipótese de Roentgen sobre a constituição da água.

Todas as primeiras observações radiográficas feitas confirmaram inteiramente um fenómeno, aliás muito geral, mostrando que os átomos que constituem as meléculas da água se agrupam regularmente segundo as malhas duma rede para dar um corpo novo de constituição cristalina: o gelo.

O estudo muito prolongado das moléculas da água permitiram concluir pela sua forma triangular e, se bem que o acordo não seja aqui absoluto entre os sábios, parece que a arquitectura exacta dos cristais do gelo é delineada a partir daquele triangulo original e que adopta geralmente uma simetria hexagonal.

Os glaciares: Um mineral em movimento

As recentes observações, tanto em laboratório como nas cristas dos glaciares da montanha, fornecem uma explicação já bastante completa sobre o fenómeno do crescimento dos cristais do gelo. Nos glaciares, particularmente, constata-se a presença de cristais macroscópicos, que oferecem na massa o mesmo aspecto que o quartzo numa granulite por exemplo, podendo o seu tamanho atingir 15 mm, mas limitados, geralmente, a aproximadamente 2cm.

Por outro lado o deslizar destes cristais uns pelos outros é favorecido pela presença intermédia duma quantidade de salmoura constituida pelos sais da água em fusão.

O estudo da constituição intima dos cristais e as observações feitas nessas gigantescas fábricas de gelo, que são as neves alpinas, permitem ter em maior conta as propriedades físicas e mecanicas do gelo. Assim se compreende mais fácilmente o fenómeno do aumento do volume da água que se transforma em gelo e a importancia das pressões originadas por isso, o que faz com que muito poucos recipientes, materiais ou organismos vivos contidos na água possam resistir.

A sua plasticidade, a sua elasticidade, os fenómenos do declive que caracterizam a sua rutura, a sua própria densidade que o faz flutuar á superficie da água, mas que pode variar segundo a proporção dos sais que estão contidos nas águas de fusão, são função muito estreita do conhecimento da sua estrutura íntima e das construções microscópicas ou gigantescas das quais ela é causa.

Uma amostra de água, 7 de gelo

Na origem das investigações sobre a natureza da água, alguns dos ensaios deram resultados devido ao acaso. Provocando a cristalização duma mistura de água e de álcool, obteve-se amostras dum gelo desconhecido cujas propriedades físicas eram diferentes das do gelo normal. Isso deixava supor que este não era mais que uma variedade dum corpo polipoliforme cujo nome se tinha generalizado. Deu-se, portanto, ao gelo o nome de gelo I, e multiplas experiências permitiram depois obter uma amostragem bastante completa das diferentes espécies de gelo.

Como vimos no inicio deste artigo o ponto de congelação do gelo é função da pressão. Fazendo-se variar a pressão, em resultado duma temperatura determinada, algumas das experiências recentes colheram resultados surpreendentes, permitindo distinguir 7 «gelos» diferentes catalogados de I a VII, segundo a numeração romana. O estudo das diversas propriedades dos gelos põem um grande numero de problemas que não serão fácilmente resolvidos: a estrutura da água e do gelo continua em muitos aspectos um enigma para os físicos.

Se o gelo fosse mais pesado que a água...

Para melhor compreendermos uma das propriedades fundamentais do gelo — o aumento do seu volume quando se forma — imaginemos por um instante o que seria a superfície do nosso planeta se o gelo fosse mais pesado que a água.

A primeira consequência benéfica era as plantas não «gelarem» nunca. A acção destrutiva do gelo sobre as plantas é quase inteiramente devida ao rebentamento dos seus vasos, consequência do aumento do volume registado pela seiva logo que esta se solidifica. A vegetação de todas as zonas não tropicais do planeta modificar-se-ia profundamente, as espécies mais fracas expandir-se-iam milhões de quilómetros para o Norte.

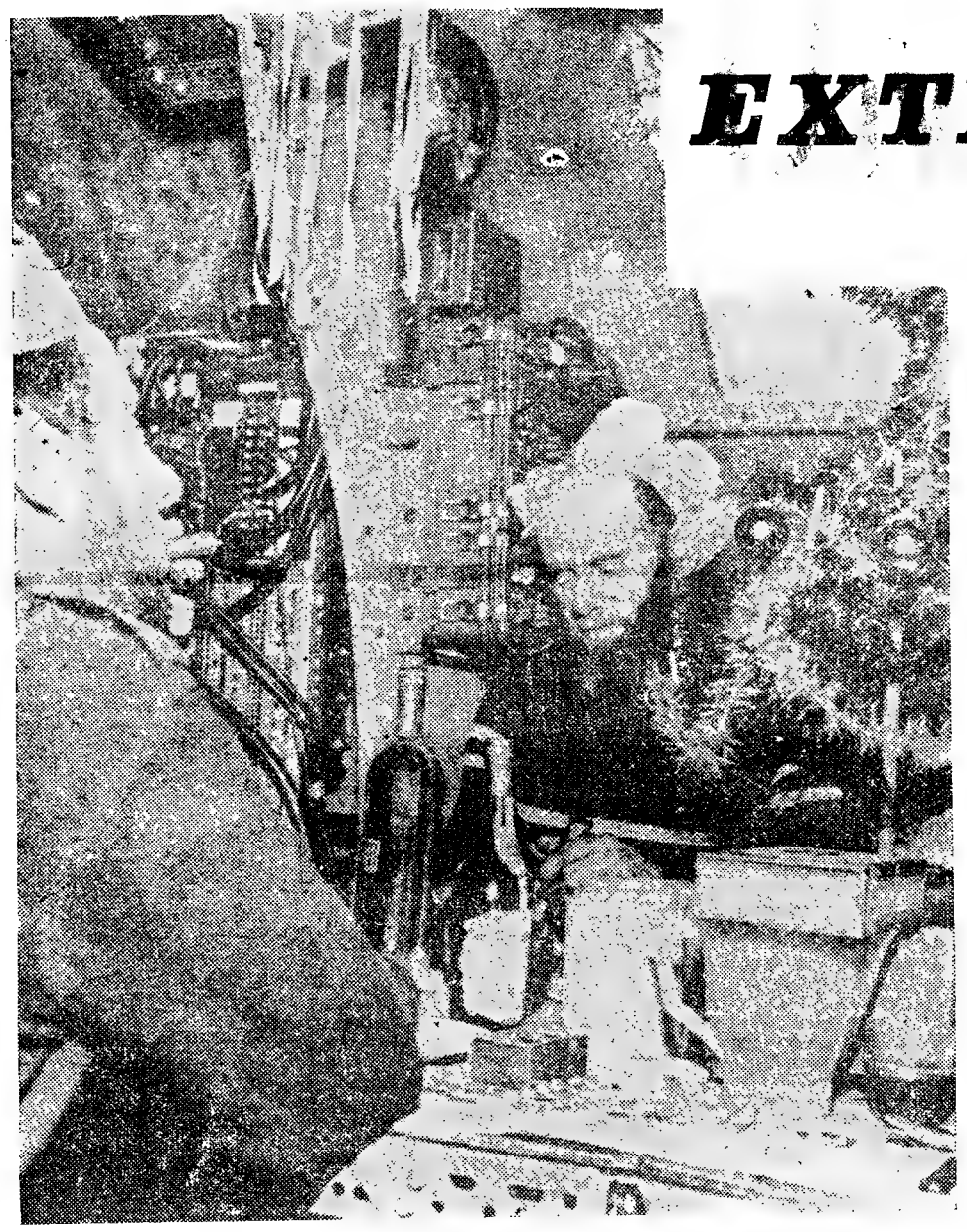
Na mesma ordem de ideias não mais seríamos incomodados pelo rebentamento dos nossos radiadores dos automóveis e das condutas de água nas casas mal aquecidas. As consequências geológicas seriam igualmente importantes, o fraccionamento das rochas sob a acção das geleiras seria um dos factores mais importantes da erosão no alto das montanhas; os massiços montanhosos seriam muito mais altos do que agora.

Se deixarmos os factores relativos a acção mecanica devida ao aumento de volume da água na sua passagem do estado liquido para o solido e examinarmos o problema da diminuição da densidade, constataremos em primeiro lugar o desaparecimento dos icebergues que imediatamente cairiam no fundo dos oceanos.

Um problema básico viria, contudo, perturbar esta nossa construção dum universo onde o gelo fosse mais pesado que a água: o problema da própria formação desse gelo. Nós sabemos que o gelo natural é proveniente das neves comprimidas. Sabe-se que não caem gelos do céu, e pode-se dizer mesmo que a totalidade dos gelos terrestres vêm da neve. Ora a neve transforma-se em gelo porque o gelo é menos pesado que a água .. E' exactamente porque o gelo ocupa um volume superior á água liquida que a sua compressão provoca uma fusão. Se quisermos admitir um mundo em que a água não aumente de volume ao congelar-se sem termos de riscar a palavra gelo e conceber um universo atravancado de neves como farinha! Nenhuns glaciares nem bancos de gelo e um novo material, uma nova espécie de barro surgiria geológicamente!

No fim desta viagem imaginária ao reino do gelo pesado, constataremos que não apenas a vida biológica actual do planeta se encontraria profundamente alterada, mas ainda que a evolução geológica do nosso globo seguiu um curso totalmente diferente. Uma simples diferença de 10 por cento na densidade do gelo é responsável pela fisionomia actual da Terra.

EXTRAORDINÁRIO



No Polo Sul a temperatura pode estar abaixo de zero: mas não impede que se goze uma noite de Natal com a sua arvorezinha

Eis como um dos membros da expedição francesa á Antárctida viu o Natal que lá passaram

(Continuação da 1.ª página)

Com mais forte razão na Antárctida. Nas bases ao Sul do círculo polar, o Sol nunca se esconde, mesmo quando a temperatura desce sèriamente abaixo de zero. Não temos, pois, verdadeiramente falando, coisa a que se possa chamar Natal. Tudo contribui para nos sentirmos no exílio. Bem tentamos tirar a festa o seu ar grave, tristonho; mas sentimos que só conseguimos criar uma atmosfera artificial.

— Mas não há ao menos um Pai Natal, na Antárctida? — perguntamos.

— Claro que há. Nem podia ficar esquecido. E' o intendente e o médico que, munidos duma sacola improvisada, fazem a distribuição das lembranças. Deixam-nas no quarto de cada um, de forma a que ninguém se magoe com a desigualdade e o numero de prendas devidos á diferença de meios de fortuna.

Depois vem o jantar. Não é um banquete, já se vê, mas apenas uma ementa um pouquinho melhor que de costume. O principal, contudo, não está aí: em 25 de Dezembro, como nos demais dias do ano, os problemas mais importantes são os humanos e psicológicos.

— E como foram os seus ultimos natais no Pólo? Ainda se lembra?

— Se lembro — ri-se. Estes três ultimos foram muito diferentes. Em 1956 foi talvez o mais alegre porque a minha expedição — éramos trinta e dois — chegara á base na antevéspera de Natal para ai render os quatorze «rapazes» que já lá estavam ha mais de um ano. Para nós, era a descoberta da Antárctida, a alegria da chegada; para os outros, o fim da hibernagem, o correio, a perspectiva de regresso. Passámos, pois, um alegre serão: éramos muitos, minha mulher meteu-me várias surpresas, a boa disposição reinou durante todo o jantar — um jantar abrilhantado com lagostas compradas oito dias antes na ultima paragem na Austrália.

Em Outubro de 1957, retomáramos viagem, fazendo escala no Panamá e em Taiti. Eramos vinte e três. O Natal apanhou-nos entre Taiti e a Nova-Zelandia. O nosso barco terminava numa plataforma para helicópteros que se prolongava por cima da hélice. Haviamos baptizado a rectaguarda desta plataforma, muito isolada, com o nome de «Taiti-plage». Muitos ai tomaram banhos de sol no decorrer da viagem; era também a nossa universidade: lá nos reuníamos e cada um explicava qual era o seu papel na equipa. Pois lá também é que o médico e alguns camaradas tinham instalado uma rudimentar decoração de bar. Assim passámos o serão, distantes do ruído das máquinas, logo por de cima dum mar fosforescente (o plancton, de noite, é luminoso). O «esculápio» montara alguns «sketches», cada um cantou e contou a sua história. Eu li «Les trois messes basses» de Daudet e á meia-noite recolhemo-nos as cabinas para ver as encomendas que recebêramos. Meia hora depois começou o «reveillon» tradicional.

O meu ultimo Natal — o ano passado — foi o mais insólito de todos. Tinhamos criado uma segunda estação longe 320 quilómetros da costa, a 2400 metros de altitude.

Foram precisos três meses para lá chegar, desbravando um caminho entre fendas traiçoeiras; exigia-se um esforço doloroso. No termo, construiu-se um abrigo — uma sala de quatro metros por seis na qual três homens passaram um ano. Durante oito meses a temperatura andou sempre nos 50 graus abaixo de zero. Sopravam sem repouso as tempestades de neve. Vivia-se absolutamente isolado. Nenhum avião seria capaz de encontrar rastos desta estação, nenhum helicóptero lá podia ter chegado e o mesmo se dava com os carros, pois, além da dificuldade do percurso, não poderiam rodar a uma temperatura inferior a 40 graus negativos. Havia um metereólogo, um físico e um electromecanico que durante um ano apenas dispuseram de um minimo vital, tanto em alimentos, como em equipamento, como em combustível. Sofreram muito mas entenderam-se maravilhosamente e realizaram um trabalho magnífico.

Nesta altura da conversa surgiu Garcia, um dos três homens acima referidos, a quem testemunhei a minha admiração.

— Na base — prosseguiu o comandante — chegáramos ao termo duma hibernagem severíssima. Apareceram uns palmipedes que representam para nos as andorinhas, pois anunciam a boa estação. Partí com dois camaradas para nos reunirmos nesta segunda estação com os seus três heróicos ocupantes. Levávamos carne de pinguim e... pão. O nosso cozinheiro imaginara para o conservar por três meses: á saída do forno, punha ao ar livre os pães que gelavam instantaneamente. Podíamos guardá-los assim e na altura de os utilizar deixamos degelá-los lentamente. Ficava fresquíssimo. Uma verdadeira goluseima.

É estranho, mas é verdade. Aqui têm o ambiente do Natal nos Andes

Atingimos esta segunda base em 24 de Dezembro. Inútil contar-lhe a alegria dos companheiros que ali acabavam de passar um ano terrível. Alegria de nos encontrar, alegria do regresso próximo, alegria por receberem notícias, alegria também por comerem pão e carne fresca — coisa que já não provavam há dois meses.

Nessa noite, completamente esgotados, não cantámos — claro! — nem jogámos. No dia seguinte — dia de Natal — comemorámo-lo um nadinha — sobretudo pensando no próximo regresso...»

*

O celebre vulcanólogo Harum Tazieff contou-me também como passara, no alto dos Andes, o Natal de 1956.

— Estávamos então — começou por dizer — em pleno coração dos Andes, em Tupungato, vulcão de 6700 metros, na fronteira entre o Chile e a Argentina. Há oito meses que andávamos de caminho e foi lá que festejámos o Natal.

«Não espere que lhe vá contar em que é que este Natal foi diferente dos outros. Nunca o festejo. Quem lhe pode contar melhor como as coisas se passaram é o meu companheiro Pierre Bichet.

Este sorriu-se. Traçou a perna por cima da outra, soprou um rolo de fumo e contou:

— Em Dezembro de 1956 estávamos, de facto, em Tupungato. Tazieff queria ardentemente acrescentá-lo á já extensa lista dos vulcões que estudara. Mas este ainda não fora conquistado e até nos repelira maldosamente. Tinha meios para isso: o isolamento, a altitude, o frio, a neve. De manhã, um sol radioso; pela tarde tempestades sempre pontuais. Longas vigílias no «igloo», a 6 mil metros. Resolvemos voltar a descer o velho vulcão que não manifestava qualquer actividade. Contudo Tazieff foi, por honra do convento, esfalfar-se nas vertentes terminais do Tupungato. O vulcanólogo acabara por descer, grosso de amargura, mas com o coração alvoroçado por ter prosseguido na aventura até a uma altitude em que se torna fatigante vivê-la.

Na noite de Natal acampámos em Banos Azules — grandes banheiras calcáreas engaladas na falésia, recipientes de pedra que encerram uma água pura, azul dos reflexos celestes. Eramos três franceses, um belga, dois suíços, dois chilenos e... e Don Ezequiel, senhor do sítio — o unico habitante do alto vale, pastor solitário e ferozmente hospitaleiro. Seu acampamento: um circo de rochedos, ausência total de tecto, ausência total de abrigo e os seus carneiros, a água pura da torrente e três sacos de feijão para aguentar até ao Inverno. Seu país: os Andes e — Deus louvado! — a liberdade.

Foi junto de Don Ezequiel que festejámos o Natal. Dava-nos carneiro, Tazieff aprontava-se para nos cozinhar os fatais flocos de aveia que são, com a altitude, uma das coisas mais a temer neste género de expedições, quando Willy sacou das entranhas do saco, além dum pacote de arroz, todos os ingredientes necessários para a preparação dum caril de carneiro — circunstancia que nos aqueceu o coração e o estômago.

Assim nos reunimos a saborear, sôb um céu austral de Verão, um prato do Extremo Oriente, o que conferia um carácter de universalidade a este local e a este momento. Houve mesmo corajosos amadores de um copo de «aguardiente» de contrabando cujo áspero sabor mais fazia vir á ideia a lava em fusão do que o vulcão sonolento que descíamos.

Enfim, suprema fineza deste bom Willy: sobre uma pedra chata houve mesmo doze velazinhas que discretamente haviam trepado até ao Tupungato para iluminar com suas breves e trémulas luzes a nossa alegria de nos sentirmos tão fraternalmente unidos, felizes por cantar sob o céu imenso dos Andes, o Natal dos homens de boa vontade.

Um trago, e sobretudo no meio das neves eternas, é coisa que se faz todos os dias com agrado. Mas aqui o caso é outro: festeja-se o Natal

Para a
licidade
do Natal
das, é de
carinhos
minhas
Para o
sa 5 out
Durant
pousaram
ódio, a
usado e
dia e f
uma ex
Outros p
neste te
Natal d
hoje? Fo
Temos
passado
tida. Ma
a justiç
tar o co
ser mell
calculáv
porque s
milia e
quando
persegue
Ora o
bem que
que mai
a Paz. A
política,
tados. G
rapaça
compree
Eis um
se prep
Cosmos.
Para
se deu
nário da
traordin
meiro, p
jectil er
do, porq
vez o di
di».
O Nat
promete
positivos

S E

*Nunca
ele a m
Inverno,
Já era
tava. Em
testava a
tios, nad
va-se log
que escu
de gato!
Quanto
escuro, n
nos med
Ao fu
também
muito e
meio, qu
de terem
lo era fe
Durant
entrou s
do, desc
tos mas
soslaio p
rando-se
o levava
A ress
-tuc» dos
pedra, a
dão, tud
tudo, de
nha vist
agora es
curvas. E
te já sab
lado e o
Subia,
beça e
lhor. Só
sentia a
cansava.
nham p
pelo fun
va semp
A casc
ma. Mui
escura,
que val
que dav
rua, aqu
ser uma
cidade,
tante!».
Ali, sn
de estar,
descober
que ele
que era
quando
Bolsa, c*

DOZE MESES...

Para as crianças que têm a felicidade de entrar no belo país do Natal, esta altura é de prendas, é de luz e daquela quentura carinhosa que enche as suas alminhas de poesia.

Para os adultos, porém, a coisa é outra.

Durante uma ceia e um dia pousaram de lado as armas do ódio, a crueldade que tinham usado em 12 meses menos um dia e fitavam o próximo com uma expressão de armisticio. Outros ponderarão uns segundos neste tempo decorrido desde o Natal do outro ano. É melhor hoje? Foi melhor ontem?

Temos o hábito de falar no passado como da Terra Prometida. Mas desta vez o bom senso, a justiça obrigam-nos a sustentar o contrário. O Natal tem de ser melhor num aspecto de incalculável riqueza. Incalculável, porque se trata de festa da Familia e não festas de familia quando a opressão da guerra nos persegue.

Ora o Ano de 1959 deu nos um bem que não se paga. Foi nele que mais passos se deram para a Paz. Avistaram-se homens da politica, chefes de grandes Estados. Quebrou-se muito da carapaça de desconfiança, de incompreensão que os separava. Eis um belo prefácio para quem se prepara para conquistar o Cosmos.

Para essa conquista também se deu o passo mais extraordinário da História Humana. Extraordinário, duplamente: primeiro, porque chegou lá um projectil enviado da Terra; segundo, porque não se invocou desta vez o direito do «primus ocupandi».

O Natal deste ano é, de facto, prometedor. Foram doze meses positivos.

Mensagem do Natal

Estamos no Natal! Um perfume de bondade e de esperança impregna o ar nestas noites brancas de consoada! Dos cânticos de amor, da alegria das crianças, da fraternidade da ceia em família, de tudo, enfim, que nos rodeia se desprende uma mensagem de paz; paz interior, sobretudo, que aproxima e une todos os homens que não perderam ainda a faculdade de amar e de acreditar nos outros homens.

Infelizes daqueles que não sentem o sortilégio deste milagre numano renovado em cada Natal que passa Pobres dos que não são capazes de ouvir o eco fraterno que se levanta em cada lar em festa e não sentem que nestes dias os abraços são mais apertados, que são mais sinceras as amizades, que os homens se querem mais e que a lembrança dos ausentes — por mais ausentes que estejam — tem o poder miraculoso de os tornar mais próximos e mais queridos

É que o Natal é a Paz, é a família, são os amigos, são as carinhosas ofertas de amizade, de coração aberto, generoso. O Natal é para uns a saudade da juventude perdida, do presépio de barro frágil e do pinheiro colorido que o tempo desvaneceu para sempre. Para outros, pelo contrário, é a esperança de um futuro radioso, a espera ansiosa da prenda do sapatitinho e a certeza de que o Pai Natal virá um dia com o nosso sonho mais sonhado. O Natal é ainda as crianças pobres, a olhar na montra o brinquedo impossivel.

* * *

Meu bondoso vélhinho de barbas brancas de algodão em rama, símbolo encantador de todas as nossas esperanças e ilusões

Foste tu quem desceu na nolte do Natal a chaminé da minha casa e encheu de alegria o coração dos meus filhos?

Como deves ser o homem mais feliz do Mundo espalhando brinquedos pelas crianças! Velho Pai Natal, ajoujado de brinquedos coloridos e rosto rosado pelas neves frias dos caminhos!

Mas diz-me: Porque não trazes prendas para todos? Porque não trazes a cada um na tua sacola milagrosa o brinquedo mais util e ansiado?

— Não tenho palavras para te explicar Mas, ao contrário do que pensas, eu não sou livre de escolher os brinquedos que **trago no meu saco. De toda a parte me chegam ordens e não pedidos. Bem gostava eu que este ano me não pesasse no saco** nem canhões, nem espingardas, nem pistolas, nem tanques de guerra. Mas não. Ao lado de lindas bonecas louras, livros violentos de herois assassinos. Em vez de foguetões pacíficos, agressivos transportadores de ogivas atómicas!

Contudo, que belos e uteis brinquedos se podem hoje oferecer ás crianças!

Pais de todo o Mundo! Ensinem os vossos filhos a amar. Peçam-me tractores, fábricas, pontes e guindastes. Dêem-me a liberdade de deixar nos sapatinhos de veludo, não instrumentos de ódio, mas livros de Paz e ferramentas de trabalho.

E então, sim, então, podem considerar-me a pessoa mais feliz do Mundo.

SEXTA AVENTURA DO «FADO VELHO»

por HENRIQUE PINHEIRO

Nunca tinha sido tão triste para ele a mudança para a cidade, no Inverno, como naquele ano.

Já era costume e ele nunca gostava. Em princípio, sobretudo. Detestava a casa. Jardim, quintal, pátios, nada. Não havia nada. Entrava-se logo num corredor de pedra... que escuro! e que cheiro a chichi de gato!

Quanto mais se avançava, mais escuro, mais medo ele tinha e menos medo tinham os gatos...

Ao fundo, á direita, as escadas, também de pedra, com uns degraus muito esquisitos, mais finos do meio, que lhe davam a impressão de terem o beiço caído. Tudo aquilo era feio, triste, misterioso.

Durante muito tempo nunca ali entrou sem se sentir logo encolhido, desconfiado, olhos muito abertos mas cabeça baixa, olhando de soslaio para um e outro lado e agarrando-se bem á mão da pessoa que o levava.

A ressonancia que fazia o «tic-tac» dos sapatos nos degraus de pedra, aquele cheiro, aquela escuridão, tudo aquilo estava cheio de tudo, de tudo o que ele nunca tinha visto mas que podia muito bem agora estar ali. Principalmente nas curvas. Era tão bom em toda a parte já saber o que estava do outro lado e o que ficava para trás.

Subia, subia, sem voltar a cabeça e quanto mais depressa melhor. Só quando chegava lá cima e sentia a porta fechar-se é que descansava. Que alívio! Não lhe tinham puxado por uma perna ou pelo fundo dos calções, como estava sempre á espera...

A casa, não tinha piada nenhuma. Muito pequena, também muito escura, quase sem esconderijos, o que valia eram as duas janelas que davam para a frente, para a rua, aquela rua que o Papá dizia ser uma das mais importantes da cidade. «Com um comércio importante!».

Ali, sim. Ali, á janela, gostava ele de estar. Tantas coisas para ver e descobertas importantes! daquelas que ele não queria esquecer porque era preciso aplicá-las ao Bolsa quando chegasse á Quinta. Só ao Bolsa, claro, porque para «clas»... pff! não fazia nenhum efeito. Umas serigaitas sabichonas... e a irmã mais pequena, de dois anos, era uma laparotita que ainda não percebia nada. Com o Bolsa sim, o seu prestígio aumentava de cada vez que chegava da cidade.

E ia fixando. Pela rua fora havia uns paus muito altos, com umas carrapetazinhas brancas lá no cimo e que mandavam de uns para os outros, uns fios muito compridos.

Era por ali que escorregavam as palavras que as pessoas diziam em casa ou na loja ao telefone e que os outros depois apanhavam noutro sítio que podia estar longe, também ao telefone. Fios telefónicos, era como eles diziam. Aquilo fazia-o pensar. Porque... não ficava por ali, com certeza... ná... se eles apanhavam as palavras que as pessoas diziam em casa, falando-se em frente, á janela, apanhavam na mesma, claro, ainda era mais fácil. Era preciso cuidado... havia muitas coisas que não se podia dizer de alto á janela...

De resto, já era costume ele ter esse cuidado, porque um dos irmãos tinha comprado — ele dizia que era um leilão — um aparelho com uma grande corneta e uns rolos de chocolate rijo que, quando ele os fazia andar á roda, começavam a tocar e outras vezes a falar.

Chamavam áquilo fonógrafo. Ali ainda era mais esquisito porque a musica não vinha dos fios dos telefones, já lá estava gravada. Pensava muito tempo em frente da corneta e dos rolos de chocolate... Ah! que se ele pudesse ver como aquilo era feito...! Mas isso sim! O irmão dava sumiço a tudo logo que acabava de tocar. Em todo o caso, um dia ainda arranjou maneira de fazer uma experiência. Ee era pela corneta que saía a musica e as palavras, era por lá que elas também entravam com certeza. Isso, estava-se a ver. Então resolveu entupir a corneta e enchê-la de papelinhos pequeninos, lá bem no fundo para eles não verem. Assim, pelo menos, já podia dizer tudo o que lhe apetecesse...

E foi pôr-se a cocar, mas ao pé da Mamã... que foi o que lhe valeu. A's vezes era assim, as experiências não davam resultado e se não estava seguro, acabavam mal.

Mas os tais paus dos fios, os tais paus dos fios é que não lhe saíam da cabeça. E' que havia uns que também davam luz! Luz!

Era o Zé que tinha dito e ele sabia tudo e não era nada para brincalhotices.

Passou horas, horas de joelhos em cima da cadeira a olhar, a olhar muito quieto, sempre para o mesmo sítio a ver se passava... Qual! Não se via nadinha... E o Bolsa era capaz de não acreditar.

Sim, porque as palavras e as musicas também já eram feitas de maneira que não se viam quando as pessoas falavam ou quando as bandas tocavam na rua. Mas a luz! Podia lá esgueirar-se assim pelos fios fora sem que ninguém a visse?

Não, era melhor não contar essa ao Bolsa porque senão ele punha-se logo com aquela cara de sorna e também não acreditava nas outras.

Fosse lá como fosse, que a luz aparecia dentro de casa sem ele saber por onde entrava, isso era verdade. Já se tinha posto em cima de uma cadeira a experimentar abanar os botões onde se acendia e apagava para ver se encontrava alguma coisa, mas ainda não tinha sido capaz. Havia de abanar mais.

E pensava, pensava... Com aquela hist5ria dos fios, afinal a cidade era outra coisa. Durante muito tempo ele julgara que cidade era a rua onde ele morava e que dali para diante era tudo caminho para a Quinta.

Mas agora, com os tais paus dos fios telefónicos e os outros, que levavam as palavras e outras coisas a muitas pessoas, e que ele não via onde acabavam, então havia mais cidades! Parecia-lhe que cidade era assim umo coisa espalhada, sem muros nem portões e que ninguém podia saber onde era o fim. Era tudo cidade!

Estava morto por aprender mais coisas. Ah! que se ele já soubesse ler! Devia ser engraçado saber o que estava escrito nas paredes das lojas que ficavam em frente! Tantas palavras, umas muito grandes, outras pequeninas, umas viradas para aqui, outras viradas para ali... Parecia que estava tudo a dançar.

Catita que era estar á janela!

E olhava para todos os lados a ver se aparecia alguém conhecido a quem desse um sinal da sua alegria.

Ninguém. Pouca sorte.

Saltou para o chão e começou a andar de roda aos pulos ora num pé, ora noutro, acompanhando a dança «á guitarra»: Perlim-pim-pim Perlim-pim-pim, Perlim-pim-pim, Pèrlim-pim-pim!

E de vez em quando, intermeava com uma das suas caretas mais famosas.

SAIBA COMER

Se quer ter belos olhos...

Então, despreze os farináceos e dê preferência aos legumes e frutos coloridos. Muitas vezes, uma visão defeituosa não vem de um mal grave dos olhos que se corrige com os óculos, mas uma deficiência que se resolve com a escolha dos alimentos.

O que fazer, então?

Começar por diminuir a ração de pão, sobretudo o pão branco, os bombons, o chocolate, as bebidas açucaradas, os vinhos, os aperitivos. O abuso de qualquer destes alimentos pode levar a uma má visão e até feio aspecto dos olhos.

Comer, uma vez por semana, fígado, rins; diàriamente, duas colheres de levedura ou 2 colheres de sopa de germes de trigo.

Estes alimentos contêm riboflavina ou vitamina B2, fonte de força e beleza dos olhos. De resto, em cada refeição, deve ser consumida uma ração de um legume colorido, de preferência cenouras cruas ou cozidas. Também duas ou três laranjas dão a vitamina C necessária para reforçar a acção da riboflavina e do caroteno na purificação do sangue.

Introduzindo estes alimentos regularmente na vossa alimentação, terá olhos belos.

Se quer ter bons dentes...

Os dentes reagem como o fígado ou o coração. Fazem parte do nosso organismo, embora geralmente tenhamos tendência para os considerar á parte. A alimentação está muito relacionada com os dentes. Desde a gestação. A mãe deve tratar de prover a uma boa dentição do filho que traz em si; para isso deve tomar a ração de cálcio necessária para o esqueleto e dentes.

A saliva deve ser analisada; uma saliva ácida é o inimigo mais perigoso para os dentes. Esta saliva é, quase sempre, produzida por excesso de alimentos ricos em glucidos (açucares). Por isso evitar os bombons, a pastelaria, confeitaria, etc.; evitar, também, os farináceos, como o pão e outros derivados dos cereais.

Pode diminuir-se a taxa desta acidez; se juntarmos aos alimentos perniciosos, certos elementos: a margarina, ao pão; o leite, ao puré de batata; a gema, ás pastas. As guloseimas devem ser evitadas: deixam sempre resíduos de açucar nos dentes, o que aumenta a acidez da saliva e tem uma influência nociva sobre os dentes. Por isso, lavar a boca depois de comer, principalmente quando se ingerem alimentos susceptíveis de conter açucares.

O peixe, a dietética e o regime

O peixe pode substituir a carne sem qualquer prejuizo para o organismo. E' um erro pretender que a carne alimenta mais do que o peixe. Nunca até hoje se demonstrou esta eficácia da carne em relação ao peixe. Talvez a carne dê mais sensação de peso do estômago, enquanto o peixe, de fácil assimilação, depressa se digere. 100 gramas de peixe contêm tantas propriedades como 100 gramas de carne.

O valor energético do peixe varia conforme é magro, gordo ou meio-gordo. Se tem um bom estômago e um bom fígado consuma peixes gordos, mais nutritivos que os magros. Mas, se pelo contrário, possui um fígado sensível ás gorduras, então não coma do magro.

E' bom saber, por outro lado, que as ovas contêm muitas vitaminas que desempenham importante papel no raquitismo infantil, a descalcificação, as doenças das vias respiratórias e têm uma benéfica influência no crescimento.

Tudo tem a sua época

Até mesmo o peixe não é o mesmo durante todo o ano. Vamos dar um apanhado das épocas em que os diversos peixes devem ser consumidos ou, pelo menos, em que são melhores:

Barbo	todo o ano
Barbado	Outubro a Maio
Enguia	todo o ano, em especial no Inverno
Congro	todo o ano
Dourada	Março a Outubro
Salmão	Setembro a Abril
Arenque	Julho a Fevereiro
Lampreia	Primavera
Azevia	Novembro a Maio
Cavala	todo o ano
Pescada	todo o ano
Badejo	Inverno
Sargo	Dezembro e Janeiro a Março
Raia	todo o ano
Salmonete	todo o ano
Sardinha	Janeiro a Novembro
Solha	Setembro a Março
Atum	15 de Abril a Setembro
Cherne	Novemb.º e Dezem.º

CRUSTACEOS E MOLUSCOS:

Caranguejos	Primavera — Verão
Camarão	Primavera — Verão
Lagosta	Verão
Lagostim	Fevereiro a Julho
Lavagante	Verão
Ostras	Setembro a Maio
Ameijoa	Setembro a Maio

PEIXES DE AGUA DOCE:

Enguia	Julho a Abril
Barbo de rio	Julho a Março
Carpa	Julho a Março
Cadoz	Julho a Março
Salmão	Janeiro a Outubro
Trutas	Março a Outubro
Tenca	Julho a Março

Por aqui não é difícil fazer uma escolha judiciosa, pois todos estes peixes se encontram á nossa disposição nos mercados.

Que mete no seu frigorífico?

O frio permite conservar aos alimentos a sua frescura e o seu gosto natural. As mais frágeis vitaminas, ou sejam as dos frutos e legumes, não são prejudicadas a uma temperatura de 3 ou 4 graus positivos. Muitos deles melhoram até de sabor.

Deverá meter no frigorífico, não apenas os restos que quer conservar, mas todos os alimentos que não vai utilizar imediatamente, a fim de preservá-los de se estragarem.

Mas deve saber-se lidar com o frigorífico, com discernimento. Nunca esquecer que o grau de temperatura não é o mesmo em todo o aparelho. Sabe, com certeza, que o frio desce. E', pois, em baixo que colocará as conservas, os cremes, as maioneses, os molhos. Evidentemente, os legumes e os frutos terão os seus reservatórios próprios, a uma temperatura de 5 graus. Por cima das conservas e molhos, a cerca de 1 grau negativo, poderá colocar as carnes, a caça, a charcuteria, as massas folhadas. Entre as carnes e o evaporador, ponha o leite, a manteiga, as bebidas. Todos os alimentos que deitam cheiro e todos os que o absorvem com facilidade, devem ser herméticamente fechados em vazilhas próprias. Os ovos não devem ser conservados no frigorífico mais do que uma semana e é preciso que tenha a certeza de que são frescos.

E' muito importante nunca meter no frigorífico um alimento quente; deixá-lo arrefecer primeiro. As massas que levam levedura devem esperar três horas anntes de se guardarem no refrigerador.

O limão como desintoxicador

Se sente que não está em forma, se todas as funções do seu corpo se não fazem normalmente, se os seus intestinos são preguiçosos, se funcionam mal — tome, ao levantar e meia hora antes do pequeno almoço, um copo de água morna com o sumo de 1 limão; esta cura de desintoxicação deve ser feita, para ser eficaz, três vezes por mês.

Se tem dores de garganta gargareje, duas vezes ao dia, com sumo de limão, 1 colher de sopa, num copo de água morna.

Cura de leite

O leite é um alimento de segurança que contém quase todos os princípios nutritivos indispensáveis ao ser humano. É um factor indispensável ao bom equilíbrio alimentar. Alimenta a juventude do esqueleto, dos musculos, dos nervos; impede o embraquecimento do cabelo. Por isso, todo o adulto deve consumir 1/2 litro de leite por dia, pois essa quantidade contém calorias, proteinas, gorduras, vitamina B2, vitamina A e D. Mas o leite sendo um rico alimento, deve ser substituido por leite desnatado a partir dos trinta anos. As proteinas, o cálcio, o fósforo, a riboflavina não se encontram na nata — o leite desnatado é igualmente rico destas substancias preciosas. Apenas perde, nessa operação uma parte das vitaminas A e D de que o adulto não tem necessidade, se consumir um pouco de manteiga.

Este leite desnatado não deve ser tomado nas principais refeições, para evitar perturbações de digestão.

O adulto mantém a sua juventude tomando leite desnatado, leite adaptado ás suas necessidades e ás faculdades de digestão.

PARA TER UMA SAÚDE DE FERRO

O ferro é um dos elementos principais do sangue, transporta o oxigénio dos pulmões até aos tecidos. A sua insuficiência provoca anemia. Na mulher grávida e na que alimenta, a carência de ferro acentua-se: daí a necessidade de dobrar as reservas normais deste elemento.

Nos adultos fisiológicamente normais pode haver carência de ferro, não porque os alimentos consumidos não o contenham suficientemente, mas porque a alimentação comporta muito fósforo em relação ao cálcio. O desequilíbrio fósforo-cálcio impede em grande parte, a assimilação do ferro absorvido. Também a insuficiência de vitamina B tem uma influência desfavorável.

Assim se compreende a que ponto o equilíbrio geral da alimentação tem importancia. Uma mulher em estado normal deve consumir, diàriamente, 10 a 15 miligramas de ferro. O homem pode contentar-se com um regime menos rico sem que daí resulte carência grave.

Alimentos que contêm ferro (em miligramas por 100 gramas):

Carne de vaca	3,5
Carne de vitela	2,5
Fígado de vaca	9
Fígado de vitela	4,7
Mioleira	5,5
Peixe	1
Ostras	4,5
Ameijoa	24
Ovos	2,8
Leite	0,10
Queijo	1
Pão branco	1
Pão completo	3
Beterraba	2,5
Salsa	19
Espinafre	5,5
Lentilhas	8
Frutos frescos	1

SALADA DE ARROZ

125 gramas de arroz; 2 pimentos doces; 1/2 quilo de tomate; azeite, limão, sal e pimenta.

Cozer o arroz em bastante água salgada, escorrer e deixar secar. Retirar as sementes dos pimentos. Cortar em tiras finas e os tomates em rodelas. Preparar o molho com o azeite, o limão, sal e pimenta, misturar tudo e servir.

LARANJAS NO FORNO

Descascar as laranjas. De um dos lados, abrir e tirar os caroços com cuidado. Introduzir-lhe açucar e um pouco de manteiga. Levar ao forno durante 20 minutos. Servir no mesmo prato de ir ao forno para que se não escangalhem.

SOUFLÉ DE QUEIJO

50 gramas de farinha; 50 de margarina; 100 de queijo ralado; 1/4 de litro de leite; 3 ovos.

Derreter ligeiramente a margarina, juntar a farinha, deitar o leite devagarinho, deitar o queijo, temperar, tirar do fogo. Logo que esteja frio, juntar as gemas e depois as claras em castelo bem firme. Meter no forno em forma untada e deixar subir, durante 1/2 hora. Servir em pratos quentes.

Quando ela pensa em malhas...

claro que é na

BUSCH

simples ou super-automática que está pensando.

Como todas as Donas de Casa portuguesas, também ela ficou rendida com as passagens de modelos executados na máquina de tricotar BUSCH.

Que beleza e que economia!

Consulte os Representantes

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

Velhos costumes...

A Festa do Natal na velha Russia revestia-se de um curioso pitoresco, bem diferente do que se passa entre nós.

Pelo calendário ortodoxo o nascimento de Cristo caía a 6 de Janeiro e era festejado quase carnavalescamente. Um velho costume levava as damas da alta sociedade russa a mascararem-se de forma a não serem conhecidas fácilmente e em grupos fazerem visitas de surpresa á casa das amigas. Era um costume parecido com o vulgar assalto praticado por nós no Entrudo patusco e brincalhão.

Também existia uma grande superstição entre o povo sobre o nascimento de Jesus. Era crença fortemente enraizada de que nesse dia as jovens podiam obter indicação segura sobre o dia do seu casamento.

Assim, juntavam-se num ampla sala, formavam um círculo e aos pés de cada uma delas era colocado um bago de trigo. Depois soltavam um galo. A feliz dama aos pés do qual o galinácio fosse comer o trigo podia desde esse dia preparar o mais depressa possível o enxoval, pois não tardava a estar no rol das mulheres casadas. Bem podia não ter noivo ou ser pouco prendada de valores físicos. Inevitàvelmente, no momento preciso lhe aparecia o noivo desejado para á levar até ao altar.

Um outro curioso costume consistia em as raparigas nesse dia, de costas para a porta, lançarem por cima do ombro esquerdo os sapatos para a rua. Os rapazes apanhavam-nos e iam entregar-lhos sem que elas os vissem. Então cada uma delas pronunciava o nome preferido que seria, quase certo, o nome do seu futuro noivo.

Era um costume bem parecido com o nosso, no dia de São João.

...de Natal

O ESPELHO

(Continuação da 2.ª página)

pelo espelho reflectindo-se os raios da Lua.

7 — Qual é, segundo os supersticiosos, a maneira de conjurar os perigos dum espelho partido?

8 — Qual é a planta vermelha fatal aos pássaros?

9 — Se são 10 horas e 20 minutos num espelho que reflecte um relógio, diga, rápidamente, quantas horas são, realmente, nesse relógio.

10 — Quem é que, mirando-se nas águas duma fonte se apaixonou tanto pela sua própria imagem que se viu transformado em flor?

11 — Qual é a personagem de Jean Coteau que para encontrar o caminho dos infernos teve de passar através de um espelho?

12 — Quem foi que por meio de «espelhos ardentes» incendiou (Decartes confirmou-o) a frota dos Romanos fundeada no porto de Siracusa?

13 — Como se chama o espelho movido sobre dois eixos que fez furor no tempo do Império em França?

14 — Qual é o pensador francês que comparou o Mundo «a um espelho onde todos precisamos de ir mirar-nos para nos conecermos melhor»?

* * *

SOLUÇAO — 1 — Vénus. 2 — O bar das Folies-Bergère de Manet. 3 — Os Venezianos. 4 — La Castiglione. 5 — De estanho. 6 — Os peixes vítimas da pesca com espelho. 7 — Deitando os pedaços numa água corrente. 8 — O «espelho do tempo» 9 — 1 hora e 40 (tendo-se apenas em conta a posição dos ponteiros, claro). 10 — Narciso. 11 — Orfeu. 12 — Arquímedes. 13 — Psyché. 14 — Montaigne.

2 MITOS JUVENIS DO NOSSO TEMPO

por ALFREDO BRAZ

DURANTE dois dias e duas noites, uma multidão compacta aglomerou-se na Rua Tournon, em Paris, para velar o corpo de um jovem que, no segundo andar do prédio n.º 17, jazia sobre um divã azul, vestido com um belo traje de cavaleiro espanhol da Idade Média. «Se eu morrer — tinha dito um dia Gérard Philipe a sua mulher ao deixar o palco do Palais de Chaillot onde acabava de representar a tragédia de Corneille — quero ser enterrado com o traje de «Cid». Sua mulher respeitou esta vontade.

Nessas noites do fim de Novembro, o tempo esteve agreste. Uma chuva gelada tombou continuamente sobre essa multidão que, embora constituída quase só por jovens, tiritava nos fatos ensopados. Mas ninguém arredou pé, porque o seu heroi, o fogoso «Fanfan la Tulipe», o destemido «Till l'espiègle», o generoso «Cid», breve lhes seria arrancado para um repouso eterno no pequeno cemitério de Ramatuelle. E nessa tocante velada funebre da juventude francesa ao corpo do seu grande actor começava a manifestar-se a acção mitificadora da morte.

A mitização do actor cinematográfico é um fenómeno bem característico do nosso tempo. Iniciou-se timidamente, ainda no início do animatógrafo, com Rodolfo Valentino, mito do eterno sedutor. Mas só o génio de Charlie Chaplin conseguiu transmitir á figura de «Charlot» uma simbologia totalmente humana e, por conseguinte, universalmente válida. O primeiro mito tipicamente juvenil criado pelo cinema é, porém, ainda bem recente. Trata-se de James Dean, morto aos vinte e quatro anos num desastre de automóvel, após ter desempenhado três papéis noutras tantas películas norte-americanas.

A audiência encontrada por esse actor na juventude do seu país sòmente pôde ser avaliada depois da sua trágica morte e tão grande se manifestou que surpreendeu toda a gente. Os jovens norte-americanos recusavam-se a acreditar na morte do seu idolo. O mito, pouco a pouco, ia-se formando. James Dean não morrera e o corpo retirado dos destroços do automóvel não era o seu, mas o de um desconhecido que havia acompanhado o actor nessa louca corrida para a morte. O jovem «astro» passara a fronteira, para fugir ás responsabilidades, e breve surgiria entre os seus adoradores. Outros idólatras menos esperançosos haviam já começado a coleccionar as reliquias do seu idolo, que passaram a valer pequenas fortunas, o que na utilitária América logo deu lugar a um estranho e rendoso comércio. Formaram-se milhares de «clubes James Dean», o cemitério era continuamente invadido por multidões de jovens, deram-se suicídios...

Como justificar esta enorme influência do jovem actor norte-americano sobre a juventude do seu país e, embora em menor escala, sobre a juventude de todo o Mundo? E' fácil dizer que essa influência se deve ao facto de ele ter sabido traduzir com um indiscutível talento, tanto na sua arte como na sua atitude perante a vida, aquilo a que já é uso chamar-se o mal da juventude do nosso tempo. Mas que mal é esse e qual a sua causa? E como pode existir um mal-de-ser-jovem, quando a juventude é o maior de todos os dons da vida humana?

«Furia de viver» se tem chamado á falsa exaltação vitalista da juventude, antídoto de uma confusa angustia existencial, e foi também esse o nome dado entre nós a um filme desempenhado por James Dean, muito embora o título original dessa famosa e representativa película de Nicholas Ray — «Rebel without a cause» — seja, quanto a mim, bem mais elucidativo. «Rebelde sem causa» é o jovem que não encontra o seu lugar em parte alguma: nem na vida, nem no amor, nem no trabalho. Não sabe situar-se no presente, nem traçar um rumo para o futuro e o seu dinamismo só encontra escape na violência gratuita, na musica frenética e na velocidade emocional. O unico imperativo categórico na vida desse jovem é aquilo a que os Americanos chamam «make-it» e que significa satisfazer os instintos de maneira imediata e irresponsável na aventura fácil e isenta de compromissos; tudo nele é sombriamente romantico, furiosamente egocêntrico e referido só ao instante presente. Ora, foi esse tipo de jovem, padrão de um vasto sector da juventude do nosso tempo, que James Dean encarnou magistralmente na tela e na vida. Daí a sua absurda morte ao volante de um «Porsche» lançado em louca velocidade e daí, também, a criação desse perigoso mito juvenil.

E a outra juventude, aquela para quem a sorte dos outros homens e o futuro do Mundo não é indiferente, que aceita a vida com decisão e lucidez e procura afirmar-se através de um consequente idealismo? Essa já de há muito que havia encontrado em Gérard Philipe o seu claro símbolo, e quando recebeu a notícia da morte do «Samurai da Primavera», como cognominaram em Tóquio o grande actor francês, recusou-se também a aceitá-la. Era impossível que o «Cid» intransigente e valoroso ficasse para sempre estendido no seu divã mortuário, não se erguesse ainda, como ao descer o pano sobre o ultimo acto da tragédia de Corneille, para agradecer com um luminoso sorriso as quentes e prolongadas ovações do seu publico. Não podia aceitar-se que tamanha esperança, tanta alegria de viver, tão grande ternura e tal generosidade votadas aos outros homens fossem assim brutalmente aniquiladas num momento. E é dessa recusa em aceitar a morte dos heróis que se alimentam os mitos.

Mito bem admirável este de Gérard Philipe! Mito nascido de outros mitos, gerado por tudo o que havia de autênticamente juvenil, de fogoso, apaixonado, sensível e romanesco nas figuras de «Fanfan la Tulipe», de «Till l'espiègle» e do «Cid». Mito alimentado, além de tudo, de uma vida bem curta, mas bela e generosa como poucas.

Gérard Philipe amava tanto a sua arte que consagrou essencialmente a vida ao T. N. P., por 30.000 francos mensais. Ele que podia ganhar milhões interpretando um unico filme. Mas foi justamente no palco do Palais Chaillot que conseguiu os seus maiores êxitos. O grande actor francês Jean Vilar, que lhe proporcionou desempenhar pela primeira vez o «Cid» no festival de Avignon, levou a sua admiração pelo jovem colega ao ponto de lhe ceder um dos seus maiores papeis, o de «Ricardo II». Gérard Philipe sonhava interpretar em seguida o «Hamlet» e passar depois de Shakespeare para a tragédia grega. Foi sobre uma página de Esquilo que a morte veio surpreender este artista culto e consciente.

Mas este grande devotamento artístico não bastava a Gérard para preencher uma existência que ele queria plena de sentido humano e o jovem actor, apesar da sua extenuante vida profissional, ainda conseguia reservar tempo e energias para, na sua qualidade de presidente do Sindicato dos Actores, lutar por aqueles que, impossibilitados de trabalhar e esquecidos pelo publico, vivem uma infeliz velhice. E essa acção foi de tal modo meritória e eficiente que levou Maurice Chevalier a chamar ao jovem actor «o arcanjo da profissão».

Gérard Philipe, tal como James Dean, também tinha um bom auto; não um «Porsche» destinado a velocidades emocionais, mas um familiar D. S. 19 que rodava bem cuidadosamente pelas estradas de França, a caminho da sua casa de campo de Cergy ou da sua propriedade rustica de Ramatuelle. E' que esse carro transportava uma preciosa carga: a mulher e os dois filhitos do grande actor.

Pouca gente saberia que Gérard se havia casado em 1951, porque ele nunca acedeu em conduzir a sua mulher e os seus filhos para junto das camaras fotográficas, e, nestes tempos de impudica publicidade, defendia ciosamente a sua vida privada da mórbida indiscrição publicitária. Era um rapaz terno e discreto que encontrava os maiores prazeres da existência na sua arte, na sua família, no convívio dos seus amigos e na consciência de ser util aos outros homens. No retiro de Cergy, rodeado dos entes que lhe eram queridos, dos seus livros e dos seus discos, Gérard sentia-se justificado e feliz. A sua fisionomia aberta, o seu sorriso optimista e a limpidez do seu olhar eram a própria expressão da alegria de viver e espalhavam a felicidade em seu redor, do mesmo modo que transmitiam simpatia a todas as figuras que desempenhava no palco e na tela.

Gérard Philipe vai ficar como um belo mito do nosso tempo, mito do optimismo e da pureza juvenis, porque os alexandrinos que o «Cid» declamava no palco se aplicam integralmente á sua vida e á sua morte:

«Que je meure au comba, ou meure [de tristesse
Je rendrai mon sang pur comme je [l'ai reçu».

GRAHAM GREENE
*
EMIL LUDWIG
*
HENRI TROYAT
em 3
grandes obras:
A INOCÊNCIA E O PECADO
*
NAPOLEÃO
*
A VIDA QUOTIDIANA NA RÚSSIA NO TEMPO DOS CZARES
SÃO MAIS 3 GRANDES EDIÇÕES DE
LIVROS DO BRASIL

O [illegible]

por AUGUSTO DA COSTA DIAS

ENTROU na sala como quem pede licença para viver. Era de seu natural assim, mas agora acrescentava ao hábito uma inexprimível inquietação, tal qual suspeitasse que atrás das suas costas viajava um par de olhos inquisidores. Alinhavou os colegas com um furtivo relance de vista, encaminhou-se para a sua velha secretária, deu uma fôlga inconsciente ás mangas de alpaca e sentou-se. Fugindo de fitar alguém, insinuou a mão no bolso de trás das calças, sentiu a protecção da cigarreira e foi com uma pequena alegria infantil que a abriu: lá dentro duas fieiras de cigarrinhos feitos económicamente á mão, nos vagares que se abrem depois do jantar. Puxou de um, deitou-lhe lume, semi-cerrou os olhos ao mesmo tempo que sorvia uma coluna de fumo e suspirou fundamente ao devolvê-la em fiapos. Mas que via sobre o branco papel de ofício que se dispunha a lavrar com a sua letra balouçante e sem arestas? Firmou-se melhor, de coração debruçado sobre os olhos que dali se lhe dirigiram num sorriso que não perdoa. Eram os olhos dele, de um castanho, esborratado de verde. Estavam á sua espera mal entrara na secção de expediente — a dizer-lhe num gozo que transbordava: «estás-me no papo! Estás-me no papo!». No pápo, porquê? Que fizera? Num segundo correra atrás do que tinha feito de manhã ou mesmo na véspera. O ar de gozo daqueles olhos estava ainda de fresco. Se guardavam um segredo era de há pouco. O mal devia estar próximo. E se fosse do selo?. De facto bem quisera resistir na altura em que ajudava a abrir o correio, mas era um selo novo da rainha Isabel, de Hong Kong, uma efígie estranha que lembrava uma estrela de cinema, e ele coleccionava todos os selos da soberana desde que ela passara por Lisboa, saída de um conto de fadas incrívelmente verdadeiro.

Voltou a fitar corajosamente os olhos dele.

Eram os dele sem duvida. Sentia-os mergulhar nos seus, a esquadrinhá-los com minucias sádicas. Veio-lhe á garganta uma angusia incurável. Queria arredar deles a vista e não podia. Queria cerrar as pálpebras e não era capaz. Desesperado, ergueu a mão que desabrochava da manga negra de alpaca e despediu uma pancada no papel, tal como se quisesse esmigalhar uma mosca. O estrondo despertou-o da sonolência em que estava. Cavalgou um olhar assustado pelos colegas que o miravam com pasmo, Marcelino, á sua frente, rasgou-se num frouxo de riso. Tentou sorrir também mas o mais que desenhou foi um esgar logo coalhado na vermilhidão compacta da face.

Só lhe restava arriar a cabeça sobre o papel acima do qual se pôs a dançar com a mão direita na embalagem da primeira máiuscula.

Ah! mas o tempo não passava. E se fosse á retrete? Mirou de esguelha os colegas, como se avançasse num corredor escuro e um espião de cinema estivesse para lhe desabar em cima. Nada. Ninguém o observava. Então pôs-se de pé e escorregou entre as carteiras, a caminho do corredor. Lá fora, uma faísca gelada atravessou-o. À sua frente, ele. Ele, com olhos radiosos de quem acabasse de papar uma missinha (beato falso!) ou tivesse folheado uma esplêndida mulher. Hesitou, se continuaria; mas já o outro avançava na sua direcção. Trouxe ao de cima um sorriso desgraçado, que desencadeou no outro um despejo de alegria. Jacinto sentiu um, subito alívio. Riu com mais força. Já próximos o outro reforçou a satisfação com uma palmada no ventre. Como se garantisse: «Já cá canta!». Jacinto olhou-o desconfiado, mas o outro, na velocidade do seu contentamento, nem reparou no caso. Estava a aterrar-lhe no ouvido e dizia-lhe:

«Caramba! Nunca vi exemplar igual»... O selo! Jacinto sentiu cócegas no ouvido. Pergutou «quê», para ganhar tempo. «O peru, homem, o peru!» — admirou-se o outro — pois que havia de ser? Derreia um braço». E ele, ainda manietado de pasmo: «que peru?». «Ah! pois não lhe tinha dito? O Nunes! Foi o Nunes que me mandou como presente do Natal». «O Nunes?». «Sim o Nunes». Fitaram-se, envolvidos em silêncio: o outro, a luzir de orgulho; Jacinto, com um atordoamento a progredir-lhe nas veias. O Nunes... «E a você já lhe mandaram algum presente?» — veio do outro lado do mundo.

Tinha que responder. Mas quê? Tirou precipitadamente lenço da algibeira, assuou-se com força e anida atrás do pano ensaiou a comédia. «Ah! para mim é cedo. Eu só costumo receber lá para o dia 22...». E começou a desenrolar um sonho que pela primeira vez na vida se lhe vertia do cérebro: «Vinhos do Porto... champanhes... canetas... castiçais de prata... Enfim...».

Quando se separaram com umas palmadas nas costas, Jacinto continuava a murmurar o resto do sonho. «E se logo á noite?!..» — pensou, estacando de subito na sala do expediente. Lá adiante, o chefe da repartição atraía-o com o mesmo olhar do outro e assentando também a sua pancada no ventre. O peru! Também este já teria recebido a prenda?

Por enquanto era um mundo novo que se lhe revelava de repente. Sempre fantasiara, quando de noite ficava á espera do sono, uma quintarola na província. Tinha horta, capoeira, pomar e jardim com um carramachão. Atrevendo-se a um pouco mais, vislumbrava uma existência sem mangas de alpaca, nem ofícios, nem despachos, nem tolerancias de ponto. Aos sábados á tarde, no carramanchão, pagaria aos jornaleiros...

Desta mentira andou embalado até ao fim da tarde. Saído da repartição tinha de correr para o biscato que arranjara ás escondidas da mulher, onde esperava forrar umas coroas inesperadas. Nunca lhe custara menos o caminho! Ao estugar inconscientemente o passo, no mesmo ritmo dizia: «Ah! amanhã! Amanhã!».

Aquele presente que trazia suspenso sobre si libertá-lo-ia de todas as prisões. Já não se materializava em pormenores — vinhos, canetas e os célebres castiçais de prata. Agora era apenas o Presente, uma divindade benfazeja que resolvera tutelá-lo.

Quando galgou como um jovem os seis lanços de escadas do seu prédio, chicoteava-se a dizer: «Já teria chegado? Já teria chegado?» Desapertou a porta com um rodar fulminante da chave e meio fora, meio dentro esvasiou o ultimo alento a inquirir: «Há alguma novidade?» Desencadeou-se um chinelar no outro extremo do corredor. A mulher surgiu com umas farripas de cabelo a amaciarem-lhe o espanto dos olhos. Também perguntava «que novidade» e apontava para ele uma expressão trágica que exigia um pronto calmante. Jacinto passou a mão pelos olhos para os limpar do sonho, desafiou heroicamente um sorriso e garantiu que perguntava por perguntar.

Mas também pela primeira vez na vida se lhe instalava lá no mais fundo do coração um espinho doloroso. Dum momento para o outro via rasgar-se um novo mundo, pior do que aquele em que até aí vivera. O Nunes! A ingratidão do Nunes... Era ele que lhe dava as encomendas e afinal o «outro» é que recebia o presente. O chefe da repartição também devia ter tido o seu peru, não do Nunes (ou seria dele?) mas talvez do António Martins ou do Nazaré a quem ele, Jacinto, dava as encomendas.

Com ésta amargura se deitou. Não teve coragem de apelar para o sonho da quintarola, enquanto o sono não vinha. Ficou de olhos abertos, passeando no tecto onde se reflectiam as vidraças da janela e emburilhado naquela mágoa da injustiça, da ingratidão dos homens. Depois sonhou. A' porta da sala gritavam: «Senhor António Tomé Varela». E outra voz: «Um peru! O contemplado recebia a prenda entre aplausos e outros e outros sem conto. Saíam da sala com o peso duma grande felicidade. Só ninguém dizia: «Senhor Jacinto Simões». E a mulher a queixar-se: «Pois claro, Jacinto! Se calhar não és amável, não mostras os dentes como os outros... Esqucces-te de que tens filhos»...

Foi com essa impressão que acordou. Talvez não fosse amável, não. Pelo menos o necessário. E quando bebia a chícara de chá, atreveu-se a perguntar: «Maria! Achas que não sou amável?». Veio-lhe uma doçura muito grande no olhar da companheira: «Tu, Jacinto? Ora tu... Pois haverá lá alguém mais amável do que tu, sempre a correr Seca e Meca para servir ás vezes quem nem sequer conheces?...».

No autocarro, Jacinto analisava-se severamente. Na verdade, fazia favores a meio mundo. Mas seria isso amabilidade? Não era, com certeza. Amabilidade... mas então o que seria amabilidade? Nesse momento entrava no autocarro um sujeito pintalgado da chuva. Jacinto ergueu-se inconcientemente e ofereceu-lhe o lugar. Ao fazer isto, sentia-se aturdido e ao teimar com o outro para que se sentasse ainda mais o enleava a confusão. Via o carro inteiro a mirá-lo irónicamente. Via olhares de inteligência que se cruzavam. Que pensariam dele? Uma suspeita atravessou-se-lhe no cérebro. Então afirmou bem de alto que ia já sair e para não haver duvidas carregou no botão da campainha.

La na rua caía uma chuva impiedosa, e Jacinto ficou-se esparveirado á espera doutro autocarro. Chegou á repartição mesmo no risco da tolerancia de ponto e atravessou o gradeamento dos olhares dos colegas até chegar ao seu poiso. Pela primeira vez na vida chegava tarde. Este receio apagou-se-lhe, porém, num ápice ao ver o Matos de olhos entornados e a afagar o ventre com umas suaves palmadinhas. Outro que recebera o peru!

Um peru? Porque não receberia, também ele, o presente? Limpou o bico da pena com uma expressão sonhadora e lançou-se ao trabalho com uma esperança a envolvê-lo. Ás vezes parava. Via-se em casa. De noite. Batiam á porta. Se era ali que morava o sr. Jacinto Simões... Daí a um migalho a companheira a tartamudear, turvada pelo riso: «Jacinto, Um presente para ti, Jacinto!». Saía do sonho para olhar os colegas e necessitava por-se de pé, esticar as calças que se lhe pegavam aos assentos e erguer-se no bico dos sapatos. Sentia-se a subir na escala social. Como se houvesse tirado de repente um curso e fosse para aqui e para ali o sr. doutor. Senhor doutor Jacinto Simões! V. Ex.ª... — dizia o continuo Ramos. «E seria logo?». Quase jurava que sim e esta certeza cingia-lhe o corpo numa suave quentura.

O ar de gozo daqueles olhos estava ainda de fresco. Se guardavam um segredo era de há pouco. O mal devia estar próximo. E se fosse do selo? De facto bem quisera resistir na altura em que ajudava a abrir o correio, mas era um selo novo da rainha Isabel

A partir desse dia Jacinto Simões, ao contrário do que sempre fora, acabava o seu trabalho num alvoroço; partia a correr para fazer a escrita comercial que arranjara naquele fim de ano; esbaforia-se, por fim, no anseio de chegar mais cedo a casa. Lá em cima, abria a porta com cuidado, pois desistira de perguntar se havia alguma novidade, e, no silêncio, ficava-se a escutar qualquer indicio revelador de que chegara o dia. Desta sorte se escoavam os dias e Jacinto continuava agarrado como um náufrago áquela crença de que viria, por fim o seu presente de Natal. Imaginava a alegria dos filhos ao abri-lo; sentia antecipadamente a importancia social que passaria a ganhar depois de tamanha distinção.

Sempre fora amável, justo, obsequioso para com meio mundo e já se contentava que uma só pessoa se lembrasse dele e lhe desse uma prenda. Mas o Natal estava aí á porta. Era véspera. Véspera, já! — como o tempo se apressa... Observa, tímido, pelo canto do olho, os colegas. Em todos esbarrava num ar de alegria. Peru, ou champanhe ou o que fosse — todos tinham seu quinhão. E ele?

Na antevéspera, á noite, levara um maço de cartões de Boas-Festas recebidos na repartição e mostrou-os á família com um fervor religioso. Tinham-lhes mandado, a ele. Todo aquele ror de gente se lembrara dele... Ouviu depois os miudos a comentar num cantinho que o papá era uma pessoa importante, que recebera Boas-Festas de toda a gente. Como se fosse um ministro. E o homenzinho sentiu as lágrimas suspensas nos olhos, prestes a tombar.

O dia seguinte era o ultimo. Saiu da repartição, foi acabar a escrita e, recebido o dinheiro desta, seguiu a medo para casa. Medo. E se não voltasse a casa? Nunca falara aos filhos no presente, mas eles já sabiam que as pessoas importantes recebiam sempre presentes, no Natal. Mas quem lhe garantia que ele não estava a estas horas já em casa?

Encheu-se de esperança e estugou o passo. Ao abrir a porta de casa, ouviu os risos e gritos das crianças. Seria por causa?... Ficou-se á escuta, uns segundos. Mas nada. Brincavam apenas. Consultou o relógio: nove horas: eram já nove horas! Como ninguém o ouvira entrar, voltou atrás. O ar da rua trespassou-o num arrepio. E se não voltasse a casa? Ao acaso foi seguindo, rua fora. Ao acaso também, ancorou na montra de uma pastelaria. Vinhos! Presentes. Bolos. De subito desencadeou-se dentro dele um alvoroço. Apalpou a carteira. Abriu-a, a ver se não perdera o dinheiro da escrita: lá estavam em repouso os quinhentos escudos. Então encheu-se de coragem, entrou na loja, escolheu seis garrafas de champânhe numa caixa, comprou um envelopezinho na tabacaria ao lado, onde escreveu o seu nome com Ex.mo Sr. e a morada. Garatujou, num cartão em branco as Boas-Festas de um sujeito desconhecido. Terminara. E pagando, pediu urgência.

Foi depois fazer horas pelas ruas e quando julgou que era altura, correu para casa numa ansiedade. Mal abrira a porta as crianças e a mulher rodearam-no vermelhas de entusiasmo:

— Um presente, pai!
— Um presente, Jacinto!

O homenzinho pôs-se em bicos de pés e com o bigode a tremer num rictus nervoso, sorriu com um ar modesto e solene para o família.

NÃO É UM REI, É UM TRUNFO

O rei Hussein da Jordania está a interessar-se, parece que com excelentes resultados, pela menina Bárbara Valentin, loura de cor, actriz de profissão e inglesa de nascimento. Esta assegurou aos jornalistas que sua majestade é adorável e dança na perfeição o «rock and roll».

Diario de Lisboa

De uma semana para outra

DIA 19

EM PORTUGAL — O prof. Mário de Figueiredo, presidente do conselho de administração da C. P., anunciou que em 1962, os comboios eléctricos irão de Lisboa a Coimbra; em 1963 irão ao Porto. ✱ A TAP anuncia que se estabelecerão carreiras aéreas entre o Porto e Londres e baixarão os preços das viagens para Africa. ✱ Em Mirandela foi criada uma escola prática de agricultura. ✱ A Mobil Oil Portuguesa reuniu os seus empregados num jantar de confraternização. ✱ Doutorou-se em Medicina o dr. Fernando de Pádua.

NO ESTRANGEIRO—Os Quatro Grandes ocidentais, reunidos em Paris, decidiram convidar a Russia para uma conferência de Alto Nível. ✱ Em Paris morreu o embaixador da Tailandia em França e ministro do seu país em Lisboa. ✱ Kruchtchev propôs um tratado de paz entre Moscovo e Bonn.

DIA 20

EM PORTUGAL — Foi nomeado governador de Angola o dr. Silva Tavares, até agora subsecretário de Estado da Administração Ultramarina. ✱ No campeonato nacional de futebol o Leixões empatou, na Luz, com o Benfica por 1-1 e o Sporting venceu na Covilhã por 1-0. ✱ Foi inaugurado no Montijo o palácio da justiça. ✱ Em Aveiras de Cima, o cardeal-patriarca inaugurou a nova igreja. ✱ Foi eleita a nova Junta Geral do Distrito a que presidirá o eng. Ribeiro Ferreira. ✱ Na Vila da Feira foram inaugurados um mercado, a agência da Caixa Geral de Depósitos e o Grémio da Lavoura.

NO ESTRANGEIRO — Os Ocidentais propõem o mês de Abril para a conferência de alto nível ✱ A visita do presidente Kubistchek a Portugal foi marcada para 9 de Agosto de 1960. ✱ O rei Balduino da Bélgica, que se encontra no Congo, passeou sem escolta nas zonas indígenas do Ruanda-Urundi. ✱ Em Paris, os ministros dos Estrangeiros ocidentais discutiram o acordo económico entre o Ocidente.

DIA 21

EM PORTUGAL — No palácio de S. Bento reuniu o Conselho Económico. ✱ O embaixador da Alemanha Ocidental condecorou o presidente da Comissão de Coordenação Económica. ✱ O Presidente da Republica visitou o hospital dos Capuchos e a Maternidade Alfredo da Costa. ✱ Faleceu o etnólogo dr. Augusto César Pires de Lima. ✱ O secretário-geral das Nações Unidas passou por Lisboa. ✱ Foi assinado o contrato para a construção de novo petroleiro para o serviço das Forças Armadas. ✱ Em Ponta Delgada foi homenageada a memória do padre Sena Freitas.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Eisenhower foi a Madrid visitar o general Franco. ✱ Em Teherão o xá casou, pela terceira vez; a noiva é Farah Diba. ✱ Em Bruxelas o coronel Townsend que teve um romance com a princesa Margarida de Inglaterra, casou com sua secretária Marie-Luce Jamagne. ✱ Foi marcada para 19 de Fevereiro a execução de Caryl Chessmann.

DIA 22

EM PORTUGAL — O Conselho de Ministros, sob a presidência do sr. Presidente da Republica, aprovou a proposta orçamental para o ano de 1960. Prevê um saldo de 1.700 contos. ✱ O brigadeiro França Borges, ao receber os funcionários municipais que lhe apresentaram cumprimentos, salientou a necessidade de manter o bom nome da Camara de Lisboa. ✱ Em Crestuma, Gaia, um incêndio destruiu uma fábrica de fundição. ✱ O director-geral da Economia do Ministério do Ultramar foi condecorado pelo embaixador da Alemanha. ✱ No Hospital de Santa Maria foram inaugurados os serviços de oftalmologia, otorrinolaringologia e máxilo-facial.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Eisenhower saiu de Espanha, a caminho da América. ✱ Um comunicado oficial diz que a visita reforçou os laços de colaboração entre a Espanha e os Estados Unidos. ✱ O Conselho do Atlantico Norte anunciou que aprovava as decisões dos Quatro Grandes Ocidentais. ✱ Diz-se que aumentam os rebeldes do exército argelino que aderem ao exército francês. ✱ O presidente Eisenhower, passando por Casablanca, chegou a Washington.

DIA 23

EM PORTUGAL — O presidente da Republica recebeu no Palácio de Queluz, os cumprimentos do corpo diplomático. ✱ A actriz Amélia Rey Colaço foi homenageada no Teatro Nacional ao completar 30 anos de exploração desse teatro. ✱ Foi condecorada a actriz Palmira Bastos. ✱ Na sede da Sacor foi assinado o contrato para a construção de um petroleiro a construir nos estraleiros da C. U. F.

NO ESTRANGEIRO — A demissão do ministro da Educação, em França, está a suscitar uma crise grave. ✱ O Papa João XXIII dirigiu uma mensagem ao Mundo apelando para a paz. ✱ Morreu em Lôndres, lord Halifax, que foi vice-rei da India e ministro dos Estrangeiros britanico. ✱ Morreu em desastre de avião o historiador brasileiro Octávio Tarquínio de Sousa. ✱ No comando da N. A. T. O., no Atlantico, o almirante Dennison substituirá o almirante Wright. ✱ A Espanha expulsou o deputado trabalhista Edwards que ia assistir como observador a um julgamento político.

DIA 24

EM PORTUGAL — A Liga dos Melhoramentos de Algés instituiu uma taça a que foi dado o nome do prof. Matos Romão para o prédio mais artístico da freguesia. ✱ No Porto consorciaram-se 40 casais de trabalhadores em cerimónia presidida pelo administrador apostólico da diocese ✱ Chegou a Lisboa o ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Marcelo Matias. ✱ Realizou-se o Natal dos Hospitais Civis

NO ESTRANGEIRO — O presidente Eisenhower dirigiu uma mensagem de Natal relatando a sua recente viagem a vários países da Europa, Ásia e África. ✱ Numa mina da União Sul Africana uma explosão causou 25 mortes. ✱ Em relatório enviado á Comissão das Relações Exteriores americana sugere-se a criação de uma força policial interamericana.

A VOLTA AO MUNDO (28)

Israel

SUPERFICIE — 20 850 quilómetros quadrados.

HABITANTES — 2 000 000 de habitantes, dos quais 1 700 000 são judeus.

CIDADES PRINCIPAIS — Jerusalém, capital (150 000 habitantes na parte judia), Tel-Aviv (400 000), Haifa (195 000).

CLIMA — O território da jovem republica de Israel é, em geral, um planalto, atravessado por relevos orográficos. O clima é seco, sendo violentos os ventos vindos do deserto. A planície marítima é muito fértil.

MONTANHAS — Os acidentes de terreno mais importantes são os montes da Judeia, Efraim, Galileia e Carmelo, na base da cordilheira do Líbano. A Oeste, o lago de Tiberíades e o Mar Morto ficam a 390 metros abaixo do nível do mar, de águas densas com 24 por cento de sais e cloretos.

RIOS — O unico rio importante é o Jordão, de 321 quilómetros, com nascente no monte Hermon, na Síria. Atravessa o lago de Tiberíade e vai desaguar no Mar Morto.

GOVERNO — A constituição do país é de 14 de Fevereiro de 1949. E' uma Republica cujo poder executivo é exercido pelo presidente eleito por 5 anos. Tem o auxílio de um governo responsável perante o poder legislativo exercido pela Camara dos Deputados (120 membros de eleição directa).

O presidente da Republica é Itzhak Ben-Zvi.

O presidente do Conselho é David Ben-Gurion.

EDUCAÇAO — A educação primária é livre e obrigatória, havendo 1 002 escolas primárias, com 297 000 alunos; 148 escolas secundárias com 22 994 alunos. Há ainda 20 escolas árabes e 4 universidades.

AGRICULTURA E INDUSTRIA — A agricultura tem hoje por base o sistema de cooperativas. A colonização agrícola produz já excedentes para exportação. As principais culturas são os cereais, a vinha, a batata, a oliveira e o tabaco.

Industrias importantes são a pecuária e a avicultura. Outras industrias são os têxteis, os couros, metais, equipamento eléctrico, maquinaria. Importante é também a industria da lapidação dos diamantes.

RELIGIÃO — Há liberdade de cultos, predominando a religião hebraica. Oficialmente estão reconhecidas 4 comunidades cristãs: católica, grega, ortodoxa, protestante e ortodoxa monofisita. Há ainda árabes mussulmanos.

LINGUA — A lingua mais falada e a oficial é o hebreu, mas são também comuns o árabe, o lidiche, de origem alemã, e várias línguas europeias.

MOEDA — A unidade monetária é a libra israelita.

Apontamentos de linguistica e pitorescos da linguagem

Renovação da língua e palavras importadas

A base da nossa língua é constituída pelo latim popular, mas, sendo a linguagem um organismo vivo, constantemente ela se renova e para esse efeito, a fim de exprimir ideias novas, não recorre apenas ás terminologias técnicas ou ás criações literárias, senão ainda do fruto das relações com outros povos. Isto é, se de outros países importamos determinadas realidades a que a nossa língua, por desconhecê-las, ainda não dera nome, natural é que muitas vezes aceitemos e aportuguesemos as designações respectivas. Por um lado, essas importações desfiguram algum tanto o nosso idioma, mas não há duvida de que por outro lado o enriquecem. E, se elas não se dessem, tal significaria que vivíamos á margem do convívio internacional e do progresso. Os exemplos vêm de longe, desde o termo *chapéu*, proveniente do francês do sec. XV e que representa um derivado de *capa (cape)* a espanholismos como *lham, hediondo, anejo, cochilha, frente, abanico*, a italianismos como *piano, tenor, contralto, cantata, soneto, grotesco, bussola, arpejo, escopeta, bandido, piloto*, etc., a palavras de origem ultramarina, ou seja, de línguas africanas, americanas ou asiáticas, tais como *andar, canja, chá* e *lacre* (asiásticas) ou *banza, batuque, furacão e Alface* (afroamericanas).

As notações circunstanciais de cenário

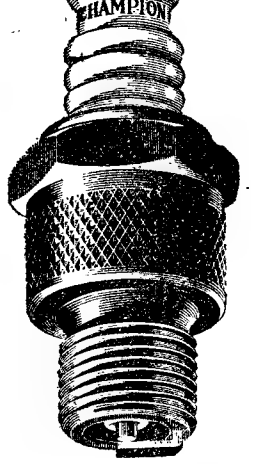
A «encenação», segundo o ensaista Leo Spitzer, consiste em matizar, em dar tom á acção. Assim, certas notações adversiais ganham intimidade com o leitor e certo mistério quando precedidas da preposição *em* em vez da preposição *com*. Tal este exemplo, colhido em Eça de Queiroz: «*num* tédio resignado», bem mais intensamente emocional do que «com um tédio resignado», ou então «o pavilhão esmorecia *numa* luz verdosa» ou ainda o emprego literário da preposição *sob*, desusado na fala popular, em casos como: «Uma viola gemia sob o feitiço do luar» (imagem respigada em Ferreira de Castro.

TIRA-TEIMAS

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em ÁGUEDA na AGÊNCIA CONDE e CAFÉ SANTOS.

CHAMPION

A VELA FAVORITA DO MUNDO



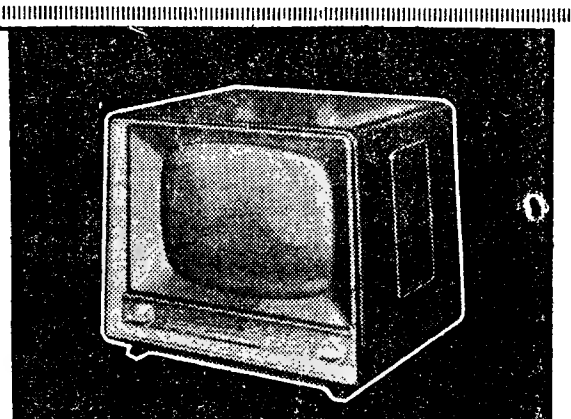
ISOLADOR DE 5 RESSALTOS
(MELHOR ISOLAMENTO)

ELECTRODOS POWERFIRE
(MAIOR DURAÇÃO)

As melhores na terra, no ar e no mar

REPRESENTANTES
C. SANTOS LDA.
29, AV. DA LIBERDADE, 41 — LISBOA
PORTO · COIMBRA · BRAGA · OLHÃO

PontoAzul



Cortina

COMPLETAMENTE AUTOMÁTICO
DA SÉRIE SUPER-DE-LUXE

Écran de 43 cms. — 90°
Robot-regulador para sintonização automática
Olho mágico de contraste para regulação automática
Gerador de imagens nítidas
Formador de som Blaupunkt com regulador acústico
2 altifalantes superacústicos com compressor de ressonância
Bússola com fita mágica
Antena bipolar incorporada

PREÇO ESC. 7.990$00

À venda nos Agentes Oficiais

PONTO AZUL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SÁBADO * LEITURA DE SÁBADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

A MÃO

Texto integral do conto de Guy de Maupassant

HAVIA uma tocaia à volta do dr. Bermutier, juiz de instrução, que dava a sua opinião sobre o misterioso caso de Saint-Cloud. Desde há um mês que o inexplicável crime preocupava Paris.

De pé, encostado á chaminé, o sr. Bermutier falava, reunia provas, discutia as diversas opiniões, mas não concluia nada.

Várias senhoras tinham-se levantado para se aproximar e continuavam de pé, o olhar fixo na boca do magistrado, donde saíam graves palavras. As mulheres estremeciam, vibravam, crispadas pelo seu medo curioso, pela avidez e pela insaciável necessidade de terror que lhes assombra a alma, as tortura como a fome.

Uma delas, mais pálida que as outras, exclamou, durante um silêncio:

— E' medonho! Até parece sobrenatural. Nunca se conseguirá sabê-lo.

O magistrado voltou-se para ela:

— Sim, minha senhora, é provável que nunca se consiga sabê-lo. Quanto á palavra «sobrenatural», que acaba de empregar, nada etm a ver com o caso. Estamos em presença de um crime hábilmente concebido, hábilmente executado, tão bem envolto em mistério que não o podemos separar das circunstancias impenetráveis que o rodeiam. Há já bastante tempo também tive a meu cargo um caso onde, realmente, parecia haver qualquer coisa de fantástico. De resto, devido á falta de meios para o esclarecer, tive de abandoná-lo.

Várias das senhoras presentes, como uma unica voz, pediram:

— Oh! Conte-nos.

O sr. Bertumier sorriu gravemente, como deve sorrir um juiz de instrução:

— Não creiam, pelo menos, que eu visse, por um momento que fosse, nessa aventura qualquer coisa de sobre-humano. Só acredito nas causas normais. Mas, em vez de empregarmos a palavra «sobrenatural» para exprimir o que não conhecemos, servir-nos-emos simplesmente da palavra «inexplicável», o que será muito melhor. Em todo o caso, na história que vou relatar, foram as circunstancias ambientais, as circunstancias preparatórias, que me emocionaram. Eis os factos:

Nessa altura era juiz de instrução em Ajaccio, uma pequena cidade, anichada nas margens de um golfo admirável rodeado por todos os lados de altas montanhas.

O meu principal trabalho nessa localidade eram os casos de «vendetta». Havia-os de todos os géneros: dramáticos, ferozes, heróicos. Lá podem encontrar-se as mais espantosas causas de vingança: os ódios seculares, temporáriamente dominados mas nunca desaparecidos, os ardis abomináveis, os assassinatos transformados em massacres e também acções quase gloriosas. Durante dois anos não ouvi senão falar da vingança do sangue, desse terrível preconceito corso que leva a vingar qualquer injuria na pessoa que a cometeu, nos seus descendentes ou nos seus próximos. Vi serem degolados velhos, crianças ou parentes e já estava farto dessas histórias.

Ora, certo dia fui informado de que um inglês acabara de alugar, por vários anos, uma «villa» no extremo do golfo. Trouxera com ele um criado que contratara á sua passagem por Marselha.

Rápidamente toda a gente se passou a ocupar desta singular personagem, que vivia sózinho, saindo apenas para caçar ou pescar. Não falava a ninguém, nunca ia á cidade e, todas as manhãs, exercitava-se durante uma ou duas horas no tiro de pistola e carabina.

Começaram a circular várias histórias. Afirmava-se que se tratava de uma alta personalidade que fugira do seu país por razões políticas; depois, pretendia-se que o inglês se escondera ali após ter cometido um terrível crime. Até se acrescentavam horríveis pormenores.

Na minha qualidade de juiz tentei obter algumas informações sobre o homem; mas foi-me impossível consegui-las. Ele dizia chamar-se «sir» John Rowell.

Assim, limitei-me a vigiá-lo de perto; mas na realidade, nada de suspeito foi assinalado.

Entretanto, e como os rumores continuavam, aumentavam e se tornavam gerais, resolvi tentar avistar-me com o estrangeiro. Com esse fim, comecei a caçar regularmente nas imediações da sua propriedade.

Esperei bastante tempo por uma ocasião oportuna. Finalmente ela apresentou-se sob a forma de uma perdiz que visei e matei mesmo nas barbas do inglês. O meu perdigueiro trouxe-me a ave abatida, mas imediatamente me dirigi para o estrangeiro, pedindo-lhe desculpa da inconveniência e pedindo-lhe para aceitar a peça de caça.

Era um homem alto, de cabelos e barba ruivos, corpulento, uma espécie de Hércules calmo e delicado. Nada tinha da antipatia atribuída aos Britanicos e agradeceu vivamente a minha delicadeza num francês típico do outro lado da Mancha. Ao fim de um mês já tinhamos falado cinco ou seis vezes.

Certa noite, quando passava diante da porta da «villa», avistei-o numa cadeira, no jardim, fumando um cachimbo. Cumprimentei-o e ele convidou-me a entrar, para beber um copo de cerveja. Não esperei que repetisse o convite.

Recebeu-me com toda a meticulosa delicadeza britanica, fez elogios á França e á Córsega, declarou que gostava muito *desta* país e *desta* local.

Com grandes precauções e sob a forma de um vivo interesse, fiz-lhe então algumas perguntas sobre a sua vida e sobre os seus projectos. Respondeu-me sem embaraço e contou-me que tinha viajado muito em Africa, nas Indias e na América. E acrescentou, rindo:

— Ter tido muita aventura, oh, «yes»!

Comecei depois a falar de caça e ele relatou-me curiosos pormenores sobre a caça ao hipopótamo, ao tigre, ao elefante e até sobre a caça ao gorila.

Afirmei:

— Todos esses animais são temíveis.

Sorriu.

— Oh!, no, o pior ser o homem.

E desatou a rir, um riso de inglês corpulento e contente.

Depois falou-me de armas e convidou-me a entrar em casa para me mostrar espingardas de diversos sistemas.

O salão onde me conduziu estava forrado a negro — seda negra bordada a oiro. Grandes flores amarelas espalhavam-se pelo tecido, brilhando como fogo.

— E' um tecido japonês — esclareceu.

Mas, no centro de um largo painel, uma coisa estranha despertou-me a atenção. Sobre um quadrado de veludo vermelho destacava-se um objecto negro. Aproximei-me: era uma mão, uma mão de homem. Não uma mão de esqueleto, branca e limpa, mas uma mão negra, dissecada, com unhas amarelas, os musculos a descoberto; com restos de sangue seco, sangue semelhante a uma crosta, sobre os ossos cortados rentes, quase no meio do antebraço, como que decepados por uma machadada.

À volta do punho havia uma enorme cadeia de ferro que, apertada á volta do horrível membro estava fixada á parede por um aro suficientemente forte para aguentar um elefante.

Perguntei-lhe o que era aquilo.

O inglês respondeu-me tranquilamente:

— Era o meu maior *inimiga*. Foi cortada com sabre e arrancada a pele com pedra cortante e secada ao sol durante oito dias. Oh, muito bom para mim, *esta*.

Toquei naquele resto humano, que devia ter pertencido a um colosso. Os dedos, desmesuradamente longos, estavam ligados a tendões enormes, nos quais havia restos de pele. Aquela mão metia medo e fazia pensar em alguma selvagem vingança.

Disse:

— Esse homem devia ser muito forte.

O inglês afirmou docemente:

— Oh, «yes»! Mas eu era mais forte que ele. Eu *pôr* cadeia para o agarrar.

Julguei que brincava. Comentei:

— Agora a corrente não serve para nada. A mão não foge...

«Sir» John Rowell afirmou gravemente:

— Já ter querido fugir. A corrente é necessária.

Olhei-o rápidamente, interrogando-lhe o rosto e perguntando a mim mesmo: «E' um louco, um gracejador de mau gosto?».

Mas o rosto dele continuava impenetrável, tranquilo e atencioso. Comecei a falar de outra coisa e admirei as espingardas.

Notei, no entanto, que três revólveres carregados estavam pousados nos móveis, como se aquele homem vivesse na constante ameaça de um ataque.

Voltei a casa dele várias vezes. Depois deixei de o visitar. Acostumámo-nos á sua presença e tornou-se indiferente para todos nós.

Decorreu um ano. E uma certa manhã, nos fins de Novembro, a minha criada acordou-me para me dizer que «sir» John Rowel tinha sido morto durante a noite.

Uma meia hora mais tarde entrava na casa do inglês acompanhado pelo comissário e pelo chefe da Polícia. O criado descontrolado e desesperado, chorava próximo da porta. Suspeitei inicialmente dele, mas depois verificou-se que estava inocente.

Nunca se conseguiu encontrar o criminoso.

Ao entrar no salão de «sir» John vi imediatamente o cadáver estendido de costas no meio da divisão.

O casaco estava rasgado, uma manga pendia, arrancada. Tudo deixava ver que tinha havido uma terrível luta.

O inglês tinha sido estrangulado! O rosto, negro e inchado, medonho, parecia exprimir um terror abominável; segurava, entre os dentes cerrados, qualquer coisa; e o pescoço, coberto de sangue, estava furado por cinco buracos, que dir-se-ia terem sido feitos com pontas de ferro.

O médico chegou. Examinou demoradamente as marcas dos dedos na carne e pronunciou estas estranhas palavras:

— Dir-se-ia que foi estrangulado por um esqueleto.

Um calafrio percorreu-me o corpo e lancei um olhar para a parede, procurando a terrível mão mumificada no lugar onde a tinha visto pela primeira vez. Não estava lá! A corrente, quebrada, pendia da parede.

Então, baixei-me para o morto e encontrei na sua boca crispada um dos dedos da mão desaparecida, um dédo que fora cortado pelos dentes até á falange!

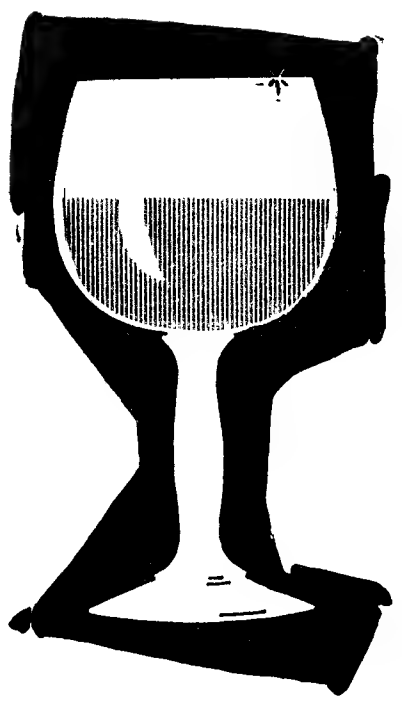
Procedeu-se ás averiguações. Nada se descobriu. Nenhuma porta, janela ou móvel tinham sido forçados. Os dois cães de guarda não tinham ladrado.

Eis um resumo do depoimento do criado:

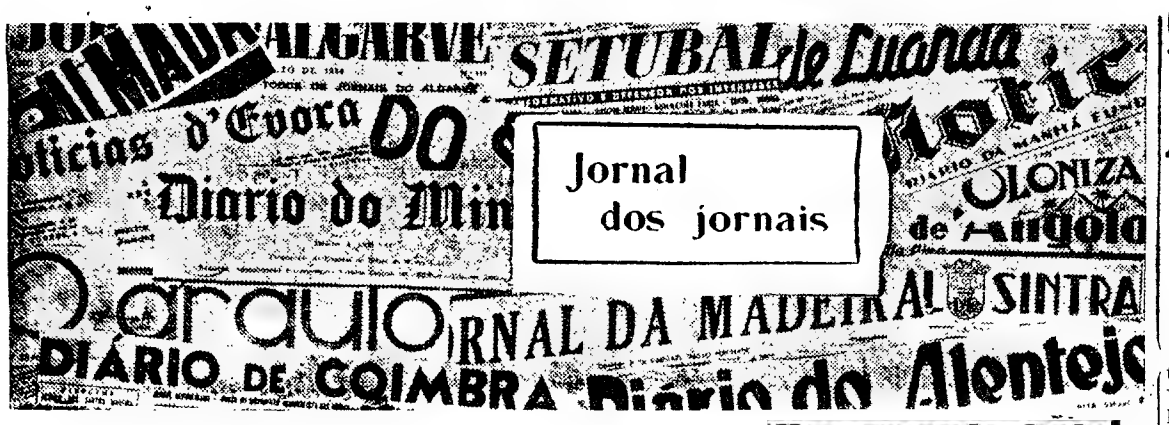
Desde há um mês que o seu patrão parecia nervoso. Recebera muitas cartas que imediatamente queimava.

Várias vezes, tomado de uma cólera que parecia demência, pegara no pengalim e açoitara a mão seca

(Continua na página seguinte)



OFEREÇA O REI DOS VINHOS
AOS SEUS AMIGOS:
VINHO DO PORTO



Os transporte colectivos
na vila de Cascais

Um problema que já foi posto por várias vezes, mas não foi ainda estudado para uma resolução que se impõe, é o dos transportes colectivos na sede do concelho. Efectivamente, a expanção da zona urbanizada de Cascais é feita cada vez em ritmo mais acelerado, fixando parte da população em locais que sucessivamente vão estando mais longe da zona comercial da vila, dos serviços publicos e administrativos, do caminho de ferro, das escolas, das praias, dos cinemas, etc.

Torna-se, por isso, penosa e difícil a deslocação dessas populações — principalmente das crianças em idade escolar — e há que, resolutamente, meter mãos á obra.

Iniciaram-se já os trabalhos de urbanização da nova zona residencial do Bairro do Rosário, e hemos de concordar que fica bastante afastado do centro da vila e do transporte básico — o caminho de ferro. Parece-nos, portanto, oportuno o estudo do problema de forma a que a sua resolução seja, pelo menos, simultanea com a fixação dos novos habitantes naquele lugar.

Os bairros de Alcaide e Fontainhas, o das Caixas de Previdência, o dos Pescadores, o do Marechal Carmona e outros estão, inegávelmente, muito mal servidos de trasportes, sendo justissimo e absolutamente necessário eliminar esta deficiência.

Através de empresa particular a quem se entregue a concessão deste serviço publico ou por serviços municipalizados de transportes colectivos há que estabelecer este importante benefício para a população de Cascais.

Esperamos que, desta vez, o nosso alvitre seja considerado como julgamos merecer.

(«A Nossa Terra», de Cascais»).

Antologia do conto policial

(Continuação da página anterior)

que estava pendurada na parede e que, sem se saber como, desaparecera precisamente á hora do crime.

Deitava-se muito tarde e fechava-se cuidadosamente. Tinha sempre armas ao alcance de si. Muitas vezes, de noite, falava alto, como se discutisse com alguém.

Na noite do crime, não ouvira o patrão fazer nenhum ruído e só foi de manhã, quando abriu as janelas, que encontrou «sir» John assassinado. Não suspeitava de ninguém.

Comuniquei aos magistrados e ás restantes autoridades tudo quanto sabia sobre a morte. Fez-se um minucioso inquérito por toda a ilha. Nada se descobriu.

Ora, uma certa noite, três meses após o crime, tive um horrível pesadelo. Parecia-me ver a mão, a horrível mão, correr como um escorpião ou como uma aranha por cima dos cortinados e das paredes. Por três vezes acordei e três vezes adormeci, três vezes vi o medonho resto humano correr á volta do meu quarto, mexendo os dedos como patas.

No dia seguinte trouxeram-me a mão: fora encontrada no cemitério, na campa de «sir» John Rowell.

Eis, minhas senhoras, a história. Nada mais sei.

As senhoras aterradas, estavam pálidas e tremiam. Uma delas exclamou:

— Mas isso não é um desfecho, uma explicação! Não dormiremos se não nos disser o que, na sua opinião, se passou.

O magistrado sorriu:

— Oh! minhas senhoras, certamente vou estragar os vossos terríveis sonhos. Penso simplesmente que o legítimo proprietário da mão não tinha morrido e que veio buscá-la com aquela que lhe restava. Mas, por exemplo, não consegui saber o que fez para isso. E' também uma espécie de «vendetta».

Uma das mulheres murmurou:

— Não, não deve ser assim.

E o juiz de instrução, sorrindo sempre, concluiu:

— Bem lhes disse que a minha explicação não lhes agradaria.

Um grande hotel
na Praia da Rocha

Na Camara Municipal de Portimão deu entrada, no passado dia 23, para efeitos de aprovação e licenciamento, o projecto de um edifício a construir na Praia da Rocha, para instalação de mais uma importante unidade hoteleira, o Hotel Miramar, com cerca de 100 quartos. O edifício, que vai ser construido pela firma «Coprol», em terrenos situados á entrada da avenida que conduz ao Vau, práticamente em frente da fachada lateral do Hotel da Rocha e no futuro alinhamento do ramal da estrada para Portimão, compreende também um bloco habitacional com 40 moradias para venda, em regime de propriedade horizontal.

Trata-se de um importante melhoramento que, beneficiando directamente aquela magnífica praia algarvia pelo muito que vem aumentar a sua capacidade habitacional, dá também um valioso avanço no equipamento turístico da nossa Província.

(Correio do Sul, *de Faro*)

BOA MEDIDA
da Câmara de Setúbal

A Camara Municipal de Setubal, com o fim de estimular o alindamento da cidade á noite, vai isentar no próximo ano do pagamento de taxas de licenciamento os anuncios luminosos.

Eis uma medida que devia ser imitada pelas Camaras do Algarve, a fim de vermos á noite as nossas principais terras animadas com a nota de modernismo que conferem a qualquer localidade os reclames luminosos.

(«Jornal do Algarve», de Vila Real de Santo António).

«Diário de Lisboa»

Assinado pelo seu presidente sr. dr. Humberto Alves Dinis, o Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa enviou-nos um amável ofício de agradecimento pela reportagem que efectuámos sobre a louvável criação do Infantário daquele organismo.

Caderno de um reporter

A comunidade luso-espanhola
e a comunidade luso-brasileira

por CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

Dos diversos países que constituem a Península Ibérica só dois vieram a constituir nacionalidade própria e diferente: Portugal e Castela. Com caracteres perfeitamente definidos, abrigam as nacionalidades peninsulares uma idiossincrasia própria. Um pouco mais e também Andorra, sem o ser se teria definido com personalidade hispano-catalã. Mesmo assim, Andorra, por mais de uma vez, chamou as atenções do «Deuxième Bureau» e por cada conflito armado, e assim se tem ido de casos de simples intervenção á resoluta e inevitável conflagração. Andorra representa, com Andorra e, mesmo, com Mónaco, uma curiosa sobrevivência. Tendo assim, os flancos abertos, essa Republica dos Pirenéus, abre um novo ciclo, e aproxima-nos. Insensivelmente, é o momento de adivinharmos o país onde viceja a pertinaz dinastia dos Grimaldi. E assim tomamos contacto com a velha Europa e as suas históricas divisões. Há o Tejo, e também há o Reno. Há o Elba e o Danubio; cada um deles, se separa, também une e o seu destino histórico supera o seu destino geográfico. Tudo anda, vibrante e coleante como uma artéria viva.

Enfim, tudo obedece aos destinos superiores de um império, e, ao aproximar-nos das províncias ultramarinas, aí se reconhece a virtude de uma política metropolitana que é diversa, que é rica e que é polifacética.

Os Luso-Brasileiros

O ramo mais importante desta comunidade de povos é o luso-brasileiro. O Brasil, só por si, dá-lhe personalidade, vida e vigor, já agora constituindo um rico e diverso território que, grande como um continente, alastra com a vontade de um nacional autónomo, por dois terços da América do Sul.

Aí o portuguesismo da fala impõe-se decisivamente, e num grande império vai quase até á vastidão das pampas, impõe-se. E' outra vez a nossa gente e o crescer espontaneo da província e do nosso ultramar.

Os luso-brasileiros constituem assim, uma preciosa matéria-prima e tudo nela se encaixa. E' uma preciosa matéria de trabalho, um indispensável e livre grito do Ipiranga, de «independência ou morte». Também ali, se tem repetido a tragédia das acções simultaneas da península. Também ali há que zelar pelas inevitáveis diferenças, ainda muito sendo o que constitui o nosso mundo e que sucessivas visitas têm estreitado. Outros meios e outras aproximações se têm esboçado e sempre o Brasil, por grande que seja a diferenciação, recai na velha amizade do lar lusitano. Somos um surto prodigiosamente rico e diverso de outros, tudo oferecemos e, num esforço duplicadamente lusitano, agora com tudo actualizado, teriamos levantado outras diferenças que não as geográficas apenas.

A África lusiada

Embora com esforço, em África repete-se idêntico fenómeno. A nossa raça repete o mesmo fenómeno do Brasil. Tudo é livre, tudo é português, tudo é independente ou pelo menos autónomo. Aos que não têm a independência própria de todos os seres livres ditam-se as condições de viver, impostas até ao governo e aos governados. Mas não há como sentir-se livre para se ser autónomo. A todos abrange a nossa independência, e não há para ser livre como desejar a independência aos outros. Vamos buscar outros exemplos, evitamos tudo o que possa corromper ou diminuir o negro, que dizem os entendidos ser a nossa melhor riqueza de África, com a docilidade dos que primeiro de lá enviámos para o Brasil e, mais tarde, tomaram parte activa na independência. Por isso vivemos sem movimento de xenofobia nem possibilidade de que esse exaspero nacionalista lá prenda. Porque se trata de passageiro exaspero, apenas destoando pela recente rebeldia do Congo Belga, que eles souberam dominar o melhor que puderam, temos de admitir que só muito dificilmente o fogo possa lá acender-se também. Embora assim seja, as autoridades que ainda prevalecem em Angola, em especial a do governador-geral, reflexo da da metrópole, e só dela dependente, apresta-se para tudo menos para um render de guarda.

"Quem é alguém?"

O novo anuário de registo de celebridades mundiais, organizado por um ricaço de nome Cleveland Amory, compreende 2.240 biografias e representa quatro anos de trabalho aturado. Critério de selecção: «Ter um nome que faça ou tenha feito barulho...».

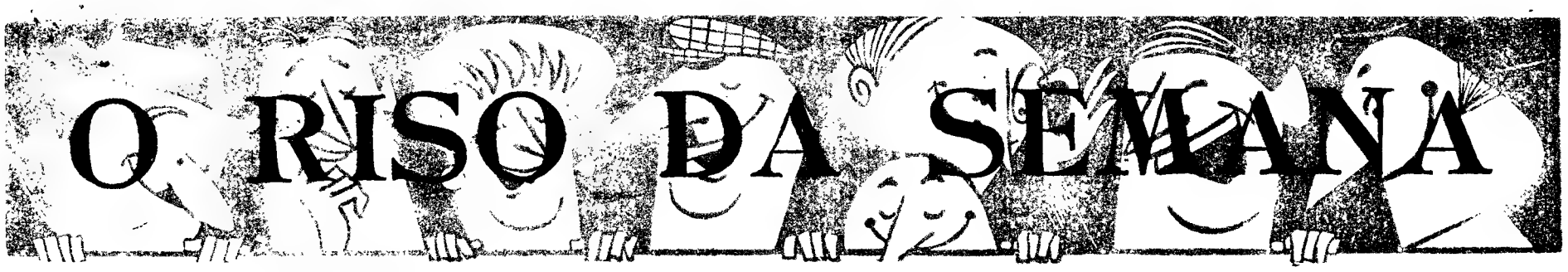
Desta forma, nomes de «gangsters» e mulheres pouco recomendáveis aparecem ao lado dos nomes de ricos industriais, sábios e escritores, descritos com uma franqueza desconcertante.

O editor deste revolucionário «Who's Who» declarou: — «Francamente, não sei se a reputação de um nome lucra mais em ser citado ou em ser omitido, na minha obra...».

Publicações

«Noticias da Africa do Sul»

«Notícias da África do Sul» é uma esplêndida revista, edição da Embaixada da União da África do Sul, em Lisboa, que se publica mensalmente, tendo como director o sr. C. D. de B. Forsyth e como redactor o nosso prezado camarada de Imprensa Manuel de Ornelas. O seu ultimo numero é excelente.



No mundo dos impossiveis

Falas que nunca se ouvirão

O senhorio:

— Se o senhor não quiser deixar a casa eu vou mandá-la pintar de novo. O senhor não pode morar numa pocilga daquelas.

O patrão:

— Ja são horas de sair. Eu não consinto que você trabalhe além das horas regulamentares.

Caro conselho

Tendo pago dois contos a um advogado pelo conselho que lhe deu, foi censurado por um amigo que lhe disse:

— Foste um parvo em dar tanto dinheiro por um conselho tão simples. O advogado não fez mais do que ler no código o que te disse. Hás-de concordar que dois contos por tão pouca coisa foi um exagero. Tu mesmo o podias ter feito.

— Pois, sim, fez o outro, mas ele sabia a página em que estava.

O condutor dos eléctricos:

— Não se incomode a procurar miudos, porque eu troco-lhe qualquer nota.

A esposa:

— Deixa lá que eu cá me governo com cinquenta escudos. Com boa vontade qualquer dinheiro chega.

O passageiro do autocarro:

— Pode sentar-se á vontade, cavalheiro, que eu dou-lhe espaço para isso.

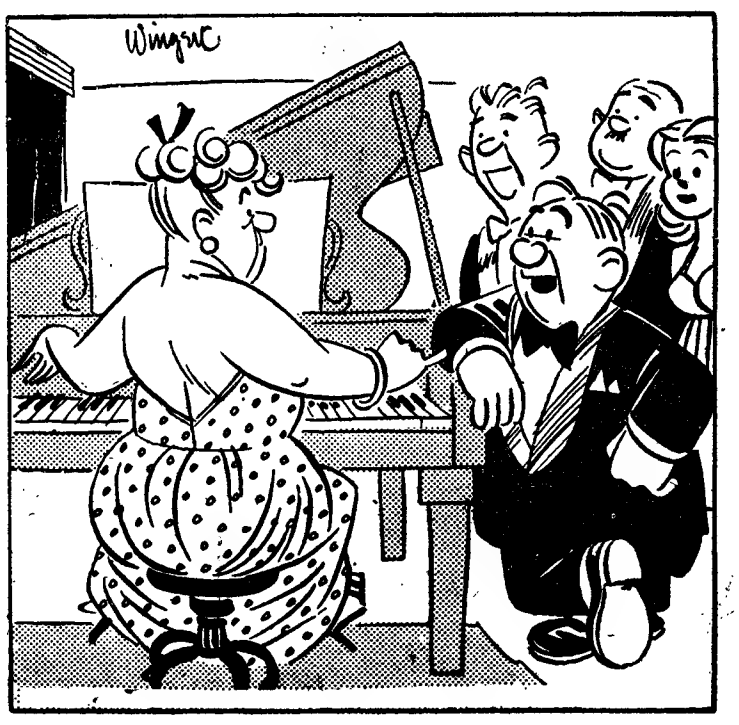
Na bicha do eléctrico:

— Entre primeiro o senhor que estava á minha frente.

O transeunte:

— Desculpe ter-lhe dado um encontrão. Fui eu quem teve a culpa.

Uma aspiração



— Bíse lá aquela em que a minha querida sogra fica toda congestionada.

UM HOMEM IMORTAL

Aquele homem não podia viver naquela casa, porque o vizinho do lado passava o dia a tocar horrivelmente num piano desafinado. Pediu-lhe que não tocasse, mas ele disse-lhe que aquele era o seu unico passatempo. Queixou-se á Polícia e lá disseram-lhe que cada um em sua casa podia fazer o que quizesse. Fez preces para que o homem morresse, mas ele cada vez mostrava ter mais saude.

Um dia, já completamente desesperado, emprestou-lhe o seu carro para um fim de semana e ele apareceu-lhe na segunda-feira são e escorreito, com o carro intacto.

Convenceu-o a ser árbitro de futebol e ao fim de cinco desafios o homem continuava vivo.

Ofereceu-lhe um rádio portátil na esperança de que os vizinhos, os transeuntes, os passageiros dos carros em que ele viajava dessem cabo dele, mas os outros fugiam e deixavam-no impune.

E só quando o levou a ver um filme nacional conseguiu ver-se livre dele. Ainda hoje está a dormir.

Conversa de muitos modernos

— Este ano espero ter ricas coisas no meu sapatinho.

— O quê?

— Sei lá! Muitas coisas! Uma arroba de caramelos, um bolo muito branco daqueles das noivas, um comboio eléctrico com carris e estações, etc., etc.

— Mas o Pai Natal não pode com tanta coisa.

— Pode, que ele este ano já deve vir num grande Rolls'Roice.

SOLTEIRO

Quando um homem é muito feliz aos amores os outros chamam-lhe solteiro.

Cantinho sentimental

(Com licença dos modernistas)

Se queres que eu te não queira
Pede a Deus p'ra que me chame,
Que nem Deus doutra maneira
Consegue que eu te não ame.

(Autor desconhecido)

Ambos satisfeitos

O homem andava á caça e encontrou um leão e ficaram ambos com medo um do outro: o homem com medo da fera e a fera com medo da carabina que o homem trazia.

Falou o leão: — Que procuras tu?

— Eu, disse o caçador, ando á procura duma pele para me agasalhar do frio. E você?

— Eu ando á busca do jantar.

Disseram e ficaram ambos concentrados a pensar.

Pensaram e pensaram e ao fim de uma hora estavam ambos servidos: o leão tinha jantado e o homem estava dentro da pele de um leão.

O saber do sábio

Ele era um sábio e tinha um filho muito mal comportado, mas um dia ofereceu-lhe uma rica lambreta.

Os amigos, que conheciam os defeitos do filho, perguntavam-lhe a razão porque o tinha presenteado com uma lambreta, se ele, pelo seu mau comportamento, a não merecia. E o sábio então explicava:

— E' que ele, com a lambreta, talvez se espalhe aí para qualquer canto e pode ser que o trambulhão o ensine melhor que os meus conselhos...

Se eu soubesse...

— Ah! Se no nosso tempo já se soubesse tanto de hipnotismo como agora, o meu marido tinha sido outro.

Para interiores modernos consulte o mostruário WARERITE

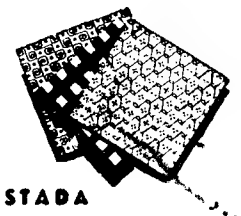
WARERITE®
PLÁSTICOS PARA REVESTIMENTO

WARERITE É ENTRE OS PLÁSTICOS LAMINADOS PARA REVESTIMENTOS AQUELE QUE OFERECE OS MAIS BELOS PADRÕES, NUMA AMPLA GAMA DE CORES MUITO DECORATIVAS. WARERITE PODE EXECUTAR MOTIVOS DECORATIVOS ORIGINAIS, INCORPORANDO QUAISQUER DESENHOS OU PINTURAS COMPLETAS.

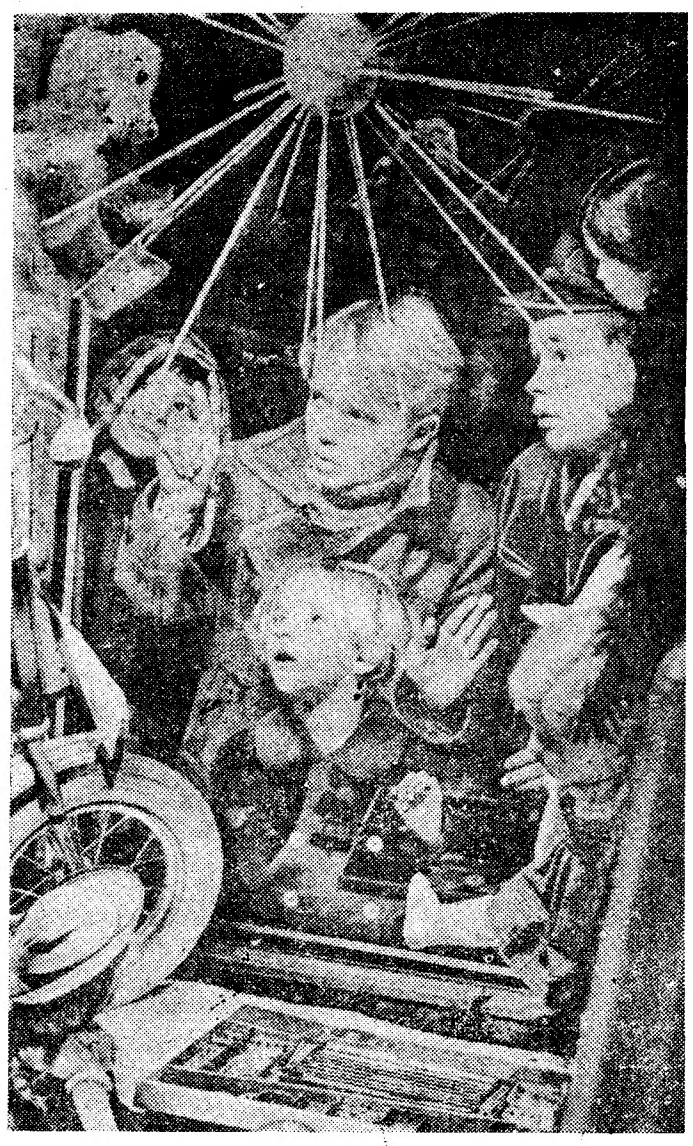
WARERITE — UM PRODUTO DA BAKELITE, LTA.
OS PIONEIROS DOS PLÁSTICOS PARA REVESTIMENTO

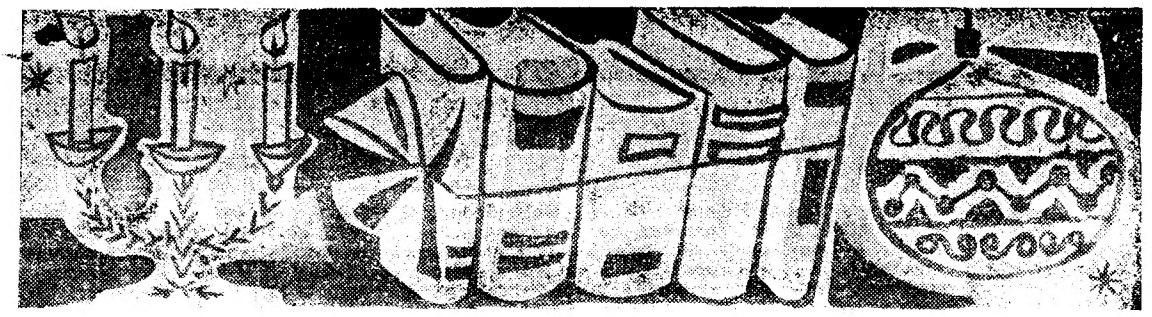
REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES: SANTOS MENDONÇA, LDA.
LISBOA — Escr.: Rua da Boa Vista, 83, 2.º — Telef. 66 31 54 - 66 31 55
PORTO — Rua Sá da Bandeira, 605, 2.º — Telef. 2 40 08
OFICINA: Av. Infante Santo, Lote 2 - Porta 1, 1.º D. — Tel. 66 82 92

ovie



*EXIJA SEMPRE EM CADA CHAPA A MARCA ORIGINAL REGISTADA





BOAS FESTAS

Tradições de Natal

Conta a lenda que andando S. Crispim, certa noite fria de neve, errando pela Terra, viu, numa humilde casa, brilhar, fracamente, uma luz pálida. Bateu. Abriu-lhe a porta uma pobre mulher, esquelética e encolhida. Assustou-se a pobre. Que quereria aquele homem, de uma casa tão vazia, onde ela acabava de acender o pálido fogo da chaminé com os tamanquinhos do seu menino? Condoído, S. Crispim voltou a caminhar na neve até uma árvore, que abateu. Com santa paciência talhou, dos troncos, uns minusculos tamancos para a criança. Os restos da árvore, troncos frios da neve que caía lá fora, foram postos na chaminé, para dar calor. E logo uma nuvem de chispas douradas caiu sobre os dois tamanquinhos novos, colocados perto. O fogo crepitou com alegria e calor. Essas achas foram o primeiro presente de Natal: e os tamanquinhos de S. Crispim, os primeiros sapatos de criança que se puseram na chaminé, á espera, numa noite fria. Um pobre dera um presente a outro pobre.

Esta lenda é antiga, do tempo em que Atila e as suas hordas de bárbaros andavam pela terra ocidental. E, na verdade, a mais velha recordação do Natal é essa da acha posta na chaminé, enfeitada com azevinho e loureiro; ou das iluminações das cascas de nozes, iluminações que duravam doze dias seguidos...

O pinheiro de Natal é mais recente, apareceu na Alemanha, aí por volta de 1600. Já então se penduravam, dos ramos verdes, presentes e brinquedos. Mas só cerca de duzentos anos depois, esse costume se expandiu pelo resto da Europa. Daí por diante, não mais o Natal deixou de estar ligado a um verde pinheiro garridamente enfeitado.

A consoada e os presentes vêm do tempo do fundador de Roma. A lenda diz que os primeiros presentes foram troncos de árvores tirados da floresta consagrada á deusa Strenua e oferecidos ao fundador da cidade. Rómulo pediu, um dia, que essas ofertas se estendessem a outras pessoas, pelo menos ás pessoas da família dos ofertantes. Depressa, como não podia deixar de ser, esses ramos simbólicos foram substituídos por objectos vários. Nascera o costume dos presentes de Natal...

Nem sempre a data festiva foi a mesma. No princípio do cristianismo festejava-se o nascimento de Jesus em Maio, Abril ou Novembro; nunca em 24 de Dezembro. Depois, em França surgiu o dia 13 de Dezembro, o dia de Santa Lucia. No século IV apareceu, então, a data que ainda hoje se festeja entre nós, o dia 25, como a festa da luz e duma vida nova e melhor.

Com o decorrer do tempo, estas tradições vêm morrendo. Não têm, infelizmente para muita gente, o mesmo sabor de novidade e de ternura, renovadas em cada ano, pelo

(Continua na ultima pág.)

JUVENIL

FIQUEI COM PENA

por MANUEL NEVES MENDES

Foi numa pequena aldeia do Alto Alentejo, onde costumava passar as férias. Ali, o terreno é plano e de uma extraordinária beleza; aqui e além, os chamados montados, onde a cada passo, se encontram grandes varas de porcos que pastam.

Eu gostava de passar por aqueles sítios isolados e sós, por onde raramente alguém passava. Na minha bicibleta percorria todos os caminhos que encontrava. Todos os dias, percorria as mesmas estradas antigas e os mesmos estreitos carreiros, que já conhecia muito bem. Certo dia, porém, resolvi mudar de cenário para os meus passeios: fui até um pinhal que apenas tinha visto de longe, isolado e triste. Já ia um pouco cansado quando lá cheguei, e á sombra dos altos pinheiros, descansei deitado numa moita...

Já montado na bicicleta, preparava-me para continuar o meu caminho, quando notei uns olhos negros, que me fitavam por entre uma moita. Olhei melhor e vi uma rapariga que se pôs a fugir.

— Pst! — chamei — Ouve lá menina. Pst!

Ouvindo chamar, a rapariga parou e receosa voltou.

— Serás capaz de me dizer para onde vai esta estrada?

— Sou, — respondeu — Vai até á Azenha do Tio João, lá em baixo.

— E chegando á Azenha do Tio João não segue mais?

— Sim, senhor. Depois de passar uma encruzilhada, encontra uma estrada de alcatrão, que vai para Portalegre.

— Sim. Ouve lá: porque fugiste de mim, quando notaste que eu te vi?

— Por nada... Tem uma linda bicicleta...

— Sim, pois tenho, mas quem és tu?

— Eu?... Bem, chamo-me Cristina, moro ao fim deste pinhal e meu pai é um trabalhador do campo, foi com minha mãe ceifar trigo, para a herdade do sr. Maia... Devem estar de volta. Eu não fui, fiquei com as minhas duas irmãzitas, que como são muito pequeninas não podem ir com os meus pais. Ficaram sós em casa, enquanto eu vim até aqui. Gosto muito deste lugar.

(Continua na página central)

CONVERSA DA SEMANA

1

A COLABORAÇÃO DOS NOSSOS LEITORES

Vamos hoje mencionar a colaboração dos nossos amigos que será publicada.

Eis o que pensamos sobre os trabalhos cuja recepção acusámos no «Juvenil», n.º 135.

TERNURA — por Adelino Amaro da Costa (16 anos)

A poesia que este amigo nos enviou é um exercício formal práticamente sem conteudo. Poderiamos dizer isto por outras palavras: que se trata de uma brincadeira. Em todo o caso será publicada pois manifesta uma atitude inconformista que disciplinada e bem orientada poderá produzir obra melhor.

TESTES SOBRE COMPOSITORES — por João Afonso Carneiro (19 anos)

Trata-se de trabalhos sempre de interesse. Além de publicarmos es-

(Continua na página central)

Gigantes de Portugal

Este grande historiador das coisas da Ásia, nascido em Lisboa, em 1542, e morto em 10 de Dezembro de 1616, domina a historiografia do seu tempo pela corajosa e honestíssima atitude com que enfrenta os factos que tinha a seu cargo relatar e apreciar. O magistério da verdade era difícil tarefa: contrariavam-na e perseguiam-na os reis, os nobres, e os interesses criados. Apesar disso, o autor das «Decadas» IV a XII, de «O Soldado Prático», embora lhe assaltassem a casa e lhe roubassem os originais, embora lhe apreendessem, por ordem del-rei, os exemplares já impressos — permitia em breve levar a obra por diante. Voltava a escrever os originais perdidos, teimava no incómodo cargo; era um homem de carácter, um cidadão enérgico, um grande patriota. No ano em que morreu, velho de 74 anos, escreveu estas belas palavras ao seu Amigo. D. Francisco da Gama:

«Fico velho, e, inda que assi, todavia espero em Deus que hei-de ficar

(Continua na página central)

Diario de Lisboa

OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA

COMO tantas vezes acontecia naqueles tempos com as mulheres, Helena, irmã de Lavínio, sabia muitas receitas da arte de curar. Logo que conseguira descobrir o irmão e o Cavaleiro Negro, lá naquele bosquezinho na aba dum monte, seu primeiro cuidado fora analisar a ferida do doente. Felizmente que nenhuma estilha da lança ficara na carne; mas em contrapartida, o desconhecido perdera muito sangue, enfraquecera e o ferimento infectara. Sem perda de tempo, a jovem correu pelo bosque, curvada para todas as ervas com que deparava. Assim foi descendo pelo sopé do monte, já com uma ruga de desespero a unir-lhe as negras sobrancelhas. Não encontrava nem um pézinho da planta benfazeja que poderia salvar o Cavaleiro. Fazia muito sol. A donzela sentiu uma estranha moleza a invadi-la. Ai que cansaço! Como teria forças para continuar? Sentou-se debaixo duma arvorezita sedenta. Veio-lhe uma subita vontade de dormir. Encostou a cabeça num monte de feno ressequido e logo os olhos se lhe fecharam. Também o sono não tardou nem um segundo. Viu então o cavaleiro estendido no bosque. Delirava com a febre. Pedia água. Helena de Astolate tinha uma bilha cheinha, ao lado. Uma bilha de água fresca. Estendeu um braço para lhe pegar. Mas não chegava. «Estou muito cansada» — disse de si para si. «Estou muito cansada» — repetiu, para se convencer. Nessa altura uma voz trauteou: «Não tens vergonha, não é verdade? Assim deixas morrer Lançarote, o melhor dos Cavaleiros?»

Helena deu um salto e ficou muito espantada ao olhar á sua volta. Onde estava a bilha? Onde estava o bosque? Onde estava o cavaleiro ferido? Só então percebeu que sonhara um breve instante e que isso bastara para lhe cair em cima um pesadelo. Mas agora não podia perder um segundo. Embora o chão fosse pedregoso e difícil e tivesse ás vezes de seguir de gatas, rasgando o longo vestido, lá ia avançando. Já andara muito quando o terreno se encheu, pouco a pouco, de ervas e de sombras de árvores. Que frescura! Porque seria? A resposta não demorou. Havia ali uma fonte.—um fio de água que borbotava dum monte de árvores. Helena sentia sede, mas para se castigar de haver dormido momentes antes, nada bebeu. Não era verdade que as ervas que procurava se davam bem na frescura? Abaixou-se á procura; mergulhou as mãos na relva fofa e de subito deu um grito: ali as tinha, as ervas curativas.

Ràpidamente colheu um braçado e partiu numa carreira. Apesar da subida agreste num instante se encontrou junto ao bosque. Vendo de longe o irmão, gritou:

— Lavínio! Arranja-me uma fogueira!

Enquanto Lavínio acorria ao seu pedido, a moça esmagou cuidadosamente as ervas num almofariz que trazia na bagagem. Logo que as primeiras labaredas da fogueira se torceram no ar, Helena pôs ao lume uma vasilha com água, ervas e caracóis. Quando tudo ficou numa fina massa a donzela deixou arrefecer a mézinha e depois espalhou-a com uma colher sobre o ferimento de Lançarote.

Lançarote? Sim, a jovem sabia que o cavaleiro era Lançarote. Passara pelo seu castelo de Astolate um cavaleiro da Távola Redonda, Galvão, sobrinho de Artur. No castelo todos estavam em cuidado com a sorte de Lavínio: partira com o desconhecido para o famoso torneio de Chamalote e três dias haviam passado e ainda não regressara. Todos sentiram uma funda ansiedade quando Galvão lhes narrou os sucessos extraordinários do torneio: de como o desconhecido Cavaleiro Negro, acompanhado dum jovem armado de ponto em branco, tinham feito prodígios nunca vistos. Ele Galvão inclinava-se a supor que o Cavaleiro Negro só podia ser o Diabo.

— Trazia as cores dalguma dama? — perguntara Helena, sentindo uma vaga de frio submergi-la.

— Trazia.

— Estais certo disso?

— Como se as visse mesmo agora á frente dos meus olhos. Era uma insígnia vermelha bordada de pérolas.

A mocinha fez-se mortalmente pálida e murmurou a custo por entre os lábios secos:

— E' ele... E' ele...

— Ele, quem? — interrogou Bernardo de Astolate.

— O Cavaleiro... pai... o cavaleiro que nos visitou...

— O que levou meu filho e não nos quis dizer quem era?

— Esse foi... meu pai... esse.

— Cavaleiro Galvão! Se sois homem de coração dizei-me onde está meu filho!

— Quem no sabe, senhor? Fugiram os dois quando desconfiaram, findo o torneio que venceram, que el-rei Artur os mandara prender. O Cavaleiro Negro ia ferido, foi a unica coisa que soubemos de certo. Tinha a veste empapada em sangue e ao evadir-se do campo do torneio, mal se podia segurar no cavalo.

— Oh meu Deus! — suspirou a donzela. — Fazei com que não morra. Ele não podia ser o Diabo, isso é que vos juro. Era um Cavaleiro e como jamais vi outro.

— E o seu nome?

— Não sei. Como vo-lo contou meu pai e senhor, o desconhecido disse que fizera um voto de não usar o seu nome enquanto não vencesse um torneio. Pediu-nos um escudo que ninguém tivesse usado, demos-lhe um, de meu irmão Lavínio, que nunca servira.

— E o escudo dele?

— Deixou-o cá.

— Como? E não me dizieis? Onde está esse escudo. Ah!, senhora, mostrai-mo prestes, que me acudiu mais uma vez a mesma suspeita...

Foram mostrar-lhe o escudo e o cavaleiro, vendo-o, logo apontou para ele o braço e gritou:

— E' ele, pois! Bem mo dizia o coração...

— Ele, quem?

— Lançarote...

...— Lançarote?! Lançarote do Lago... o meu irmão, o meu amigo, o meu ideal, mas que desde hoje passarei a odiar como nunca até hoje fui capaz.

— Odiar porquê, senhor? Que feias palavras dizeis. Lançarote é o melhor dos cavaleiros.

— O melhor nas manhas das armàs, mas o mais sujo traidor que viu a rosa do sol. Que é, senão traidor, aquele que levanta a espada contra os seus irmãos?

E' ELE POIS!

Bem me dizia o coração

LENDA DO ALGARVE

Caros amigos:

Hoje começarei a falar-vos sobre o Algarve. Não vos irei falar das suas belezas naturais, nem sequer dos seus indiscutíveis doces... Não! Ir-vos-ei falar de coisas inéditas e escrevendo espalharei por toda a parte as misteriosas lendas do meu Algarve de sonho...

Ora então escutem. A cortina vai abrir-se e perante os vossos olhos desfilarão lendas maravilhosas, inebriantes...

O Algarve foi desde os vetustos tempos procurado e povoado pelos antigos povos. A ciência pré-histórica já demonstrou que no solo algarvio existem vastos documentos que provam ter sido o Algarve teatro das civilizações paleolítica e neolítica.

E' sabido que diversos povos tomaram assento nesta provincia e, entre estes, acentuam-se os Celtas, os Fenícios, os Cartagineses, os Romanos, Godos e Árabes.

De todas estas civilizações, um pouco modificadas pelo cristianismo, ficaram na memória do povo algarvio uns contos e umas lendas pagãs deixadas pelos mouros quanrocos. Eram inumeras as lendas que o povo algarvio de 100 anos atrás sabia, mas agora já nem sequer delas se ouve falar e compreende-se fácilmente, pois o povo de há 100 anos atrás não é o mesmo que o presente; agora existem os «sputnicks» e os «lunicks», o «rock and rol» e os «teddy boys».

Bem, deixemos o palavreado para trás e vamos falar no que nos interessa, ou seja, das lendas algarvias.

Começarei falando da lenda de Silves, velha cidade, outrora uma das melhores fortalezas mouriscas.

Há uma linda lenda, que conta, que, na noite de S. João, á meia-noite, uma gentil moura atravessa, em seu barco, as águas da cisterna da cidade; assim como á mesma hora, no antigo castelo de Tavira, outra moura, um pouco reclinada para perior, vestida de alvas roupagens, majestosa e bela como a alvorada daquele dia. Como a poetisa veneziana em gôndola de ouro e marfim, a triste e desditosa moura de Silves á claridade de uma luz coada pela boca da cisterna, entoa cantares de uma singeleza atraente, ao som dos remos de prata sobre as águas de cristal.

Que estrofes de bela poesia não entoará, no fundo da cisterna, a bela moura! Insignes príncipes e monarcas tentaram desencantá-la mas não foram felizes, pois a bela moura, um pouco reclinada para trás, imprime movimento com os seus remos de prata á sua barca de marfim e ébano.

António Ramires (17 anos)
(Amigo n.º 1273)

(Continuação da 1.ª página)

tes, esperamos que o nosso amigo nos envie mais.

OS NOSSOS ANTEPASSADOS — por Jorge Santana (13 anos)

E' um trabalho bem intencionado. Publicá-lo-emos. O Jorge há-de, porém, libertar-se do seu passadismo. Quero dizer: amemos o passado,, mas construamos o futuro. Quando também nós formos *passado*, que dirão de nós os que vierem mais tarde se nada tivermos produzido de vulto?

ELE NÃO VOLTOU — por Carlos Alberto Colaço (15 anos)

Aqui está um amigo com bastantes qualidades. Os nossos leitores distinguiram-no com a maior votação entre os colaboradores do n.º 135. Também este conto será publicado. Aconselhamo-lo a ler grandes contistas — Tchekov, O. Henry, Katch, Mansfield, etc.

O PLANETA DESCONHECIDO — por António Degois Pereira (16 anos)

Este trabalho revela grandes progressos neste nosso amigo. Publicá-lo-emos. Desejamos, todavia, chamar-lhe a atenção para o facto de que a chamada «ficção científica» deverá ser um processo artístico posto ao serviço da crença no Progresso, da confiança nas possibilidades morais, intelectuais do Homem. Assim o fizeram Julio Verne, Aleixo Tolstoi, etc. Prever que as futuras sociedades sejam luras de animais, antros de bandidos, mundos de pesadelo, é mau serviço e mau serviço nos tempos presentes. Leva quem nos lê a descrer nas imensas possibilidades abertas, hoje, pela Ciência em todos os seus ramos — economia, sociologia, medicina, física, química, etc. Poderemos dizer mal daquilo que aproveitamos? O que escreve deve ajudar os leitores a resolver os seus problemas, deve difundir a crença no Homem. O escritor autêntico é um criador, não um coveiro do que é util, belo, grande.

DESENHOS — por Maria Luísa Queirós

Será publicado um: «a minha amiga Marciana». Esta amiga revela certas qualidades, mas necessita de trabalhar muito. Por ora, os seus desenhos são bastante infantis.

QUERIA — por Maria José Vieira Lisboa (18 anos)

Também esta poesia será publicada. A Maria José já é conhecida de todos os amigos do «Juvenil». Foi — suponho — a autora de uma poesia com o maior numero de votos dos leitores num numero atrasado do nosso jornal. Queriamos dizer-lhe que deve exigir mais de si: trabalhar mais as suas poesias; não os deixar como sairam, espontaneamente.

A CONVERSA DA SEMANA

UM BAILE — por Vitor Manuel Veloso da Silva (18 anos)

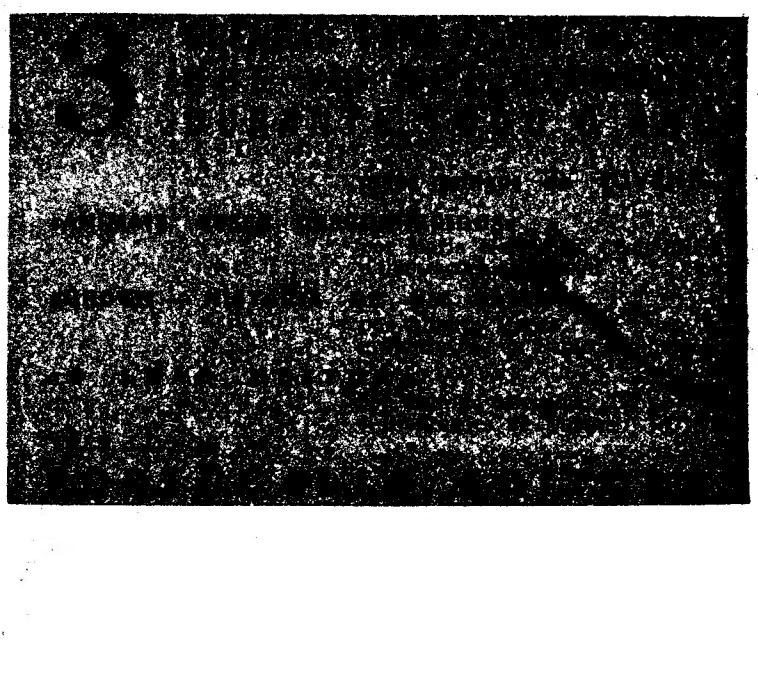
Apenas basta dizer que será publicada. E' uma pequena anotação, sem pretensões.

2

ARTIGOS RECEBIDOS ESTA SEMANA

Recebemos os seguintes trabalhos:

1) Poesia, de António Rui Silva de Sá (13 anos) — amigo n.º 1804.
2) A arte abstracta, por Manuel Augusto Noel Costa de Araujo (15 anos), amigo n.º 1759.
3) Duas rosas vermelhas, por Vitor Veloso da Silva (18 anos), amigo n.º 941.
4) A noite mais bela de Natal, por Olga Maria de Vasconcelos, amigo n.º 1662.
5) Vida, luta, por Maria José Vieira Lisboa (18 anos).
6) Várias poesias, um entremez de teatro e uma narrativa, de António Rebelo Bento (18 anos), amigo n.º 1331.
7) Reagindo — por G. Aleixo.
8) Natal — por Bernardo Teixeira da Silva (18 anos), amigo n.º 1415.



Soluções dos Concursos do Juvenil

Soluções dos concursos do numero anterior

Grandes de Portugal: PADRE ANTÓNIO VIEIRA

Qual é a coisa, qual é ela? A CASTANHA

VENCEDORES

1. — Amigo 67 — Margarida Losa (Porto).
2. — Amigo 1.780 — Francisco Aleixo (Lisboa).
3. — Amigo 1.705 — Fernando Augusto de Sá (Lisboa).
4. — Amigo 1.803 — Ana Maria Coelho de Sousa (Lisboa).
5. — Amigo 1.802 — Maria Olga Salgueiro Duarte (Lisboa).
6. — Amigo 1.797 — Augusto Manuel Santos Dias (Lisboa).
7. — Amigo 246 — Maria Fernanda Brito e Silva (Amadora).
8. — Amigo 337 — Armindo António Ribeiro Mendes (Lisboa).
9. — Amigo 1.806 — Mário Azevedo Marujo (Lisboa).
10. — Amigo 1.801 — José António Cipriano (Paderne).
11. — Amigo 1.799 — António Carlos Nunes (Coimbra).
12. — Amigo 1.182 — Agostinho Chaves Gonçalves (Vila Chã de Aguiar).

PRÉMIOS

1. — «A GATA», por Colette, de Estudios Cor.
2. — «A MULHER INFIEL», por Jules Roy, de Estudios Cor.
3. — «O NAVEGADOR», por Jules Roy, de Estudios Cor.
4.—«CARTAS DE MANUEL DE LARANJEIRA», da Portugália Editora, Ld.ª
5. — «Sonetos de Luís de Camões», da Clássica Editora, Ld.ª
6. — «O HOMEM NU», por Francesco di Franco, da Editora Arcádia.
7. — «O SEGREDO DE LUCA», por Ignacio Sillone, da Editora Arcádia.
8. — «ROBINSON SUíÇO», da Portugália Editora (Biblioteca dos Rapazes).
9. — «UM SABADO DE AVENTURAS», da Clássica Editora.
10. — «SCARAMOUCHE», da Portugália Editora (Biblioteca dos Rapazes).
11. — «PORTUGAL PARA OS PEQUENINOS», da Portugália Editora.
12. — 3 volumes de «CONTOS DE ENCANTAR», da Clássica Editora.

Prémio especial para o melhor trabalho sobre Padre António Vieira:
13. — Amigo 1.805 — Fernando Correia (Odivelas).
13. — «REFLEXOS DUNS OLHOS DE OURO», de Estudios COR; e «ONDE A NOITE SE ACABA», de José Rodrigues Miguéis, de Estudios Cor.

Prémio para o trabalho mais votado no número 136:
14. — Amigo 1.154 — Carlos
14. — «OS MELHORES CONTOS AMERICANOS», da Portugália Editora.

Prémio para o trabalho mais votado no número 137:
15. — Amigo 1.743 — Joaquim Romero Magalhães (Faro) — (SOLTEIRONA).
15. — «ONDE A NOITE ACABA», de Estudios COR.

Prémio para o melhor trabalho sobre O QUE PENSAM OS JOVENS DO NOSSO PAÍS:
16. — Amigo 362 — José Augusto Moura Pimenta (Queluz).
16. — «ONDE A NOITE ACABA», por José Rodrigues Miguéis, de Estudios COR.

Os premiados de Lisboa e arredores podem levantar os prémios na Avenida de Roma, 78, 2.º - esq., todos os dias uteis, das 9 ás 13 e das 15 ás 18, cincó dias após esta publicação e antes de trinta dias, findos os quais perderão o direito aos prémios.

Todos os amigos que ainda não receberam os prémios de Livros Brasil, podem fazê-lo desde já. Os Amigos da província receberão os livros pelo correio.

DESPEDIDA

por PEDRO FOYOS (14 Anos)

Entardece!

Embora o Sol espreite sorrateiramente por detrás daquela enorme nuvem, grossos pingos de chuva, borrifam indiferentemente a furiosa, louca, e velha cidade.

Alegre e galhofeiro, o vento brinca com os transeuntes, virando-lhes o guarda-chuva que seguram, ou impedindo-os de caminhar.

Os ardinas, voando desvairados por ruas e avenidas, principiaram já a apregoar os primeiros jornais da tarde.

Escorregando pelas estradas lambuzadas de chuva, os automóveis correm cegos e loucos de um lado para o outro. Constantemente vibram no ar os ruidos arrepiantes de travagens bruscas, e de vez em quando, o ulular característico de uma débil buzina que protesta.

Como pequenos trapos deitados ao vento, bailam á volta dos barcos, no cais, grandes bandos de gaivotas.

*

Nesse mesmo cais, um barco está prestes a partir.

Gritos!

Discussões!

Confusão!...

...Enfim! Um barulho ensurdecedor.

Em toda a parte, os lenços baloiçando no ar parecem pombas brancas esvoaçando aflitivamente sobre a multidão.

Blasfemando, os carregadores transportam grandes e pesados carros com malas, sacos, caixas, e outras bagagens.

A um cantinho, vestida toda de preto, uma velhota de cabelos brancos, muito brancos, uns olhos negros como carvão, a cara rasgada de numerosas rugas, chora baixinho.

Chora, e morde nervosamente a ponta do seu avental negro. De vez em quando, olhando o barco, acena-lhe com a mão num movimento impreciso, para logo tornar a morder furiosamente a ponta do avental.

Ziguezagueando por entre as rugas da cara, as lágrimas acabam por se soltar desta, indo despedaçar-se de encontro ao peito.

A sereia do navio apita estrondosamente, anunciando o sinal de partida.

Aquele longo apito esburaca-lhe todo o corpo e crava-se-lhe no coração numa dor gelada.

Deita as mãos ao rosto, e ampara as lágrimas que lhe brotam dos olhos como duas fontes.

A sua mão calejada ainda acena pela ultima vez para o barco, para logo, pegando no avental, mordê-lo com raiva.

Voando loucas á volta do navio, largando a todo o instante guinchos estridentes e aflitivos, as gaivotas suplicam que o barco não parta.

Um novo apito! Lentamente, o soberbo monstro afasta-se do cais. Os seus motores, quais metralhadoras, começam a trabalhar.

Inuteis são já os rogos das gaivotas.

A velhota esfrega os olhos, enxuga-os, mas as lágrimas não param.

Ninguém repara nela. Ali está áquele cantinho, quase que escondida.

Desesperada, torce e retorce a ponta do avental.

As pernas tremem-lhe.

Pouco a pouco, pachorrentamente, o barco afasta-se.

Com a cara lavada em lágrimas, abre a boca como a querer pronunciar algumas palavras. Mas, os unicos sons que lhe saem da garganta, são roucos soluços, que ela, inutilmente tenta abafar com ambas as mãos.

Ponta do avental na boca, coração esfanicando-se de encontro ao peito.

Rasgando as águas, o navio vai-se afastando...

...Vai diminuindo.

Um ponto negro lá ao fundo...

Sim, é ele mesmo!

Saltitando de nuvem para nuvem, folgazão, o Sol afasta-se.

. . . . . .

É quase noite!

Na cidade, acenderam-se já algumas luzes.

No cais, salvo dois ou três carregadores que amontoaram a um canto vários caixotes, já nenhuma pessoa lá está. Tudo já abalou.

Uma unica pessoa, a um cantinho, quase que escondida, lá está ainda.

E' uma velhota vestida toda de preto, de cabelos brancos, muito brancos, uns olhos negros como carvão, e a cara rasgada de numerosas rugas.

Soluça baixinho, mordendo desesperadamente a ponta do seu negro avental, e acenando de vez em quando, com a mão, para o barco que já não existe.

AMIGO N.º 1469.

DIÁRIO DE BORDO

Amigo 357 — Fernando Tavares (Porto): Tomámos nota da morada nova. Não, a Maria do Céu não nos tem escrito. E tu, tens recebido notícias.

Amigo 962 — Maria Alzira Semião Seixo (Moita do Ribatejo): O teu livro cá está esperando. Poderás vir buscá-lo? Manda dizer qualquer coisa sobre o assunto, sim?

Amigo 937 — Maria Alcinda Ribeiro de Carvalho (Monchique): O livro vai seguir, pedindo desculpa do atraso. Obrigada, amiguinha, pelos votos. Sinceramente os retribuimos.

Amigo 1436 — Armando Ferreira da Silva (Aveiro): É verdadeiramente estranho que os livros não tenham lá chegado. Vamos imediatamente tratar do caso, de que te pedimos desculpa, imensa desculpa.

Amigo 1538 — Lino José Coelho (Coimbra): A resposta é a mesma que demos anteriormente. Desculpa, amigo.

Amigo 1681 — Francisco Manuel do Couto (Espinho): Idem.

Amigo 1760 — Ismália P. Santos (Espinho): Idem.

Amigo 1796 — Joaquim Louraço da Silva (Lisboa): Por favor, amigo, manda com urgência a tua idade, morada, para completarmos o ficheiro, não pudeste concorrer esta semana, por falta destas indicações. Por várias vezes o temos dito, e não é demais acentuar que nos é impossível atribuir livros sem conhecermos a idade e a ocupação do concorrente. Bem sabes que os livros não podem ser oferecidos á toa, sem o que correríamos o risco de vos proporcionar leituras fora do vosso desenvolvimento intelectual, e que de maneira alguma vos ajudaria. É indispensável indicarem, sempre, a idade.

Um abraço amigo do TROTE.

FIQUEI COM PENA

(Continuação da 1.ª página)

É tão socegado... Aqui posso pensar á vontade. E sonhar também...

— Também sonhas, Cristina?

— Sonho acordada...

— Quantos anos tens Cristina? — arrisquei eu.

— Fiz quinze. É muito simpático... Olhe, ali vêm o meu pai e a minha mãe. Tenho de ir depressa. Adeus!

— Vais-te já embora Cristina?

— Tenho de ir. Adeus!

— Adeus Cristina.

Fiquei olhando aqueles pés descalços que corriam, desaparecendo aos poucos, entre os pinheiros... Cristina, era linda, mesmo muito bonita.

Ao longe já, ela voltou-se e acenou-me com a mão. Acenei-lhe, também, num ultimo aceno.

Voltei a casa. No outro dia, de manhã, partiria daquela terra. Só no ultimo dia de férias, conhecera Cristina. E tinha de me vir embora. Fiquei com pena, com muita pena mesmo...

MANUEL NEVES MENDES
Amigo n.º 1703

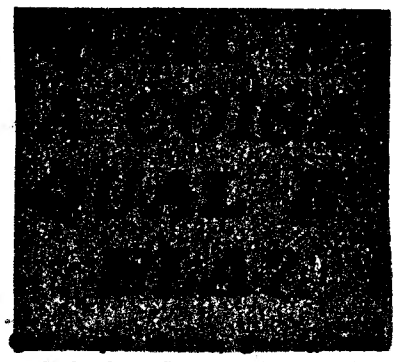
Giganles de Portugal

(Continuação da 1.ª página)

de fora daquela regra, tão geral neste Estado, que é: todo o homem que nele envelhecer não escapa ou de pobre ou de desonrado espero em Deus de acabar, porque me não pode tirar o mundo deixar nele impressos seis ou sete livros, tão acreditados pela Europa que, se não fora tão humilde, pudera-me tocar uma pequena de altivez».

As respostas devem estar na Redacção até ao dia 2 de Janeiro, acompanhadas do nome, morada, data de nascimento, numero de ficheiro (caso o tenham já) e a menção dos três artigos que mais lhes agradaram neste numero.

Além dos habituais prémios, haverá outro, especial, para o melhor trabalho sobre o grande historiador quinhentista.



e, fechado, não guarda nada?

Nada mais fácil que esta adivinha. Como é Natal, não queremos criar dificuldades aos nossos leitores mais pequenos. Todos vão acertar, desta vez. E desta vez é, ainda, uma adivinha do encantador livro de Fernando Pires de Lima, «Qual é a coisa, qual é ela», que a Portugália editou. Além de muitas adivinhas engraçadas, o livro contém muitos e curiosos desenhos bons para colorir.

As respostas devem estar na nossa Redacção até o dia 3 de Janeiro, com a indicação do nome do concorrente, da morada, idade, profissão (o que fazem) assim como da menção dos três artigos de que mais gostaram neste numero.

NÃO PODEM FALTAR...

...EM NENHUMA BOA BIBLIOTECA OS LIVROS COM A MARCA DOS

ESTÚDIOS COR:

COLECÇÃO LATITUDE

*

COLECÇÃO DESTINOS
(A MELHOR COLECÇÃO DE BIOGRAFIAS QUE SE PUBLICA EM PORTUGAL

*

DICIONARIO UNIVERSAL DA PINTURA

(QUE SE ESTA A PUBLICAR EM FASCICULOS)

pOuSada

Vou pr'a uma pousada só minha
Que existe muito pr'a lá do infinito.
Uma pousada pr'a onde fujo comigo
Quando estou triste.

Um lugar onde viver não tem preceitos.
Onde a vida não cansa porque não há convenções nem regras.

Ali posso ser eu, como me sinto.
Sem poses nem preconceitos.

Ali passeio com os meus ideais fora de moda
E ninguém me olha nem critica.
Não tenho de aceitar os modernismos
Duma civilização negativa.

Ali, onde a ilusão é sempre construtiva.
Onde me creio como sou, não como me vêem
Porque ninguém me vê.

Uma pousada longínqua
Comprada com as economias da minha solidão.
(Sim. Foi nessa moeda negra mas corrente
E outra ainda chamada ingratidão
Que me pagaram as ilusões que vendi
A baixo preço, aqui.)

É nessa pousada
Onde não há praias senão com muito sol e mar,
Onde as flores não murcham
E onde há sempre luar,
Onde não é contradição um pássaro na água
Nem um peixe no ar,
Onde tudo pode ser,
Onde nada é impossível querer.
Onde a noite não vem senão quando o dia cansou
Onde o órfão tem sempre mãe
E o criminoso nunca matou...

É nessa pousada, lá longe
Que guardo numa arca velha
Tudo quanto semeei na terra e não pegou.

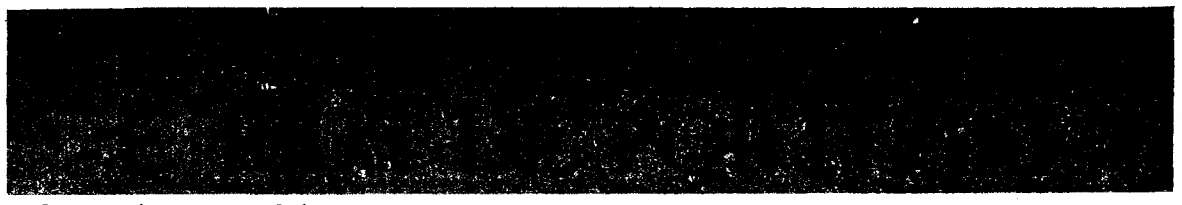
Tudo quanto sei que vou perder
E o vencedor não reclamou.

É nessa arca velha que guardo também
Os restos d'alguém pr'a que nasci
E nunca foram ninguém.

É pr'a lá que vou viver, enquanto não puder morrer.
E mesmo depois de morta, e se puder,
Ainda é pr'a lá que vou!

ADA MARIA CALDAS CORRÊA GUEDES

(19 anos)



por A. NUNES DE ALMEIDA

Éramos cinco companheiros que apenas tinham de comum o gosto pela aventura. O Tó, o Pedro, o Silvestre, o Lyra e o Zé Miudo.

Enfim, três mosqueteiros, mais um e... o suplente.

Resolveramos simplesmente ir á boleia até ao Porto. A coisa não correu tão mal como poderia parecer. Partimos ás 7 horas da manhã de 28 de ... e pouco tempo depois (segundo me informou o Pedro) estávamos no Porto. Por descargo de consciência fui perguntar a um polícia em que dia da semana estávamos e que horas eram.

— «Hoje é quinta-feira, dia 31 e são 8 horas da noite».

— ??!!!

E ali estávamos nós cinco com os sacos ás costas e sem saber para onde ir. Discussão puxa discussão e aí por volta da meia-noite e vinte andávamos nós pelos lados das Antas á procura de um sítio para armar a tenda.

— «Olha ali! Parece o muro de uma quinta».

Cinco gargantas gritaram um berro de triunfo. «Mas — perguntou o Zé Miudo (o suplente) — como é que a gente vai entrar?».

Cinco gritos de triunfo derivaram para cinco suspiros de desalento.

— «Só há um meio»... (não digo quem teve esta fala, por vergonha).

Nem era tarde (por acaso era) nem era cedo.

O polícia que daí a pouco apareceu foi surpreender o Zé pendurado do muro a gritar porque os outros tinham dado ás de vila Diogo deixando-o agarrado ao supradito muro. Parece que foi o que dormiu melhor, pois que na esquadra julgo que se dorme melhor do que num... cemitério!

E então que chovia. Lá pelas duas ou três da manhã fomos acordados pelo guarda que, de guarda-chuva aberto, se sentou em frente da tenda a conversar com os quatro sonolentos e cansados Mosqueteiros. Deviam ser umas cinco e meia (ou sete?) e ainda ele estava a falar. Pudera, se ele nunca tinha visto gente viva áquela hora dentro do cemitério!!!

Lá pelas oito da manhã conseguimo-nos escapulir e fomos pagar a multa do Miudo. Isto ia-nos arranjando um lindo sarilho porque foi difícil conseguir convencer o chefe da esquadra a nos deixar sair! por fim, o nosso homem de letras, o Tó (tinhamos ainda um futuro médico que «analisava» sempre o leite sem nós vermos, um engenheiro-agrónomo — este igualmente se preocupava com a nossa saúde, pois não o conseguiamos convencer a deixar-nos beber o vinho sem que ele apreciasse devidamente a sua boa vontade—um agente técnico — (que montou a «cozinha» que era um mimo: duas pedras e folhas de eucaplipto como combustível), e o suplente sem funções definidas) lá o conseguiu convencer a soltar-nos.

Quando nos cansámos de admirar a beleza do Porto metemo-nos novamente á estrada e depois do nosso grupo andar num soberbo «Mercedes-Benz», num «Cadillac», ma camioneta de peixe e noutra de carvão, chegámos «limpos» (?) e esfomeados ao frondoso Vale do Vouga. Comemos um piramidal e suculento almoço de sardinhas e atum de lata, acompanhado de uma sopinha Maggi (metade de um dos dois cubos da embalagem para cinco) e regurgitando de comida dormimos refastelados até ao dia seguinte.

De manhã, para abrir o apetite, fomos alugar uma «chata», verdadeiro paquete com piscina dentro e tudo!

Com um a esvaziar constantemente a «piscina», outro tentando segurar o que restava do leme, dois aos remos e o Zé Miudo em terra a dizer-nos adeus, partimos para a aventurosa subida do rio Vouga.

Com pragas variadas, gritos e gargalhadas fomos singrando rio acima extasiados com a suavidade esmagadora da maravilha que são as margens e o Vale do Vouga.

Cada vez mais extasiados, esquecemos por completo que tinhamos embarcado no transatlantico «Lata Velha». Um pedregulhozito que se pôs (de propósito claro está) em frente do barco fez-nos cair uns por cima dos outros e o homem da água em vez de a tirar do barco foi meter-se nela. Gerou-se enorme confusão e aos gritos de

— «Agarra».

— «Não balances o barco».

— «Rema para trás».

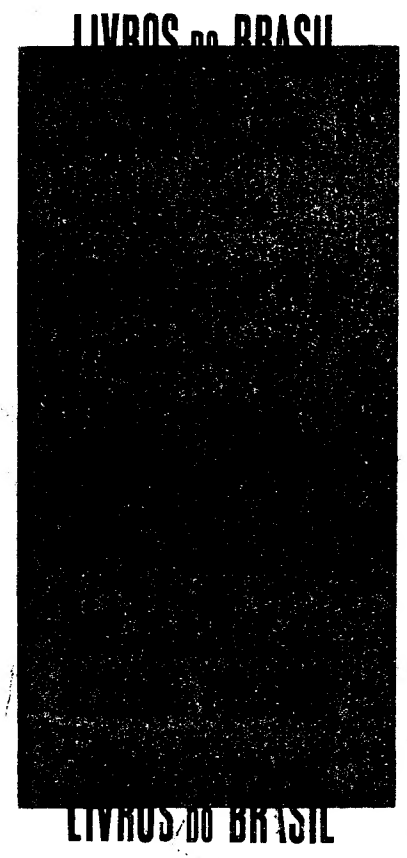
— «Ai, que me afogo. Piratas, vagabundos, tirem-me daqui começámos a altercar violentamente.

Finalmente, chegámos a uma conclusão.

Era melhor sairmos «todos» de dentro de água, ir secar as roupas e participar o naufrágio á empresa armadora do «Lata Velha».

E assim terminou esta primeira aventura por terras, águas e esquadras de Portugal dos 3 Mosqueteiros + 1 e o suplente.

(Amigo n.º 1.680)



Tradições de Natal

(Continuação da 1.ª página)

menos nesse dia de familia. Numa época em que o Mundo se desmorona, a tradição oferece pouco calor, como nessa recuada chaminé em que ardiam os tamanquinhos do bébé pobre, que nada mais tinha que o amor de sua mãe.

Porque não faremos nós como S. Crispim da lenda? Levando calor e ternura ao nosso lar, queimando na chaminé, para aquecer o Mundo, o amor e a paz, enchendo a casa de luz e ouro das chispas de alguma coisa que não devemos deixar morrer, erguendo a árvore simbólica e reunindo á sua volta, aqueles que nos são queridos? E se em cada coração existir, de verdade, o desejo de amor e paz, sem barreiras nem muralhas, cada lar, independente da fortuna, será um palácio luminoso e quente onde a festa simples, espontanea e sincera, em volta do pinheiro de agulhas verdes e bolas coloridas terá o sabor, o simbolismo, a felicidade da esmola de S. Crispim.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS